

CIBEC/INEP



B0029643

PARÂMETROS  
EM AÇÃO



EDUCAÇÃO ESCOLAR

# INDÍGENA



081:81)  
gu

• GUIA DO FORMADOR •

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Presidente da República**  
Fernando Henrique Cardoso

**Ministro de Estado da Educação**  
Paulo Renato Souza

**Secretário-Executivo**  
Luciano Oliva Patrício

Desenho Karajá

Desenho Tiryó

# Ministério da Educação

Secretaria de Educação Fundamental

Programa Parâmetros em Ação

Educação Escolar Indígena



**GUIA DO FORMADOR**

Brasília 2002

## **Secretaria de Educação Fundamental**

Iara Glória Areias Prado

## **Departamento de Política da Educação Fundamental**

Maria Amábile Mansutti

## **Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas**

Jean Paraizo Alves

## **Ministério da Educação**

Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios

Bloco L, Edifício-sede, 7º andar, sala 721

70047-900-Brasília-DF

Tel.: (61) 410-8630 - Fax: 410-9274

e-mail: [cgaei-sef@gov.mec.br](mailto:cgaei-sef@gov.mec.br)

Guia do Formador: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena/organização Luís Donisete Benzi Grupioni. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

240 pp.

I. Educação Escolar Indígena 2.Parâmetros Curriculares Nacionais I.Grupioni, Luís Donisete Benzi (org.) II. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.

CDU 37 (=081:81)

# AOS PROFESSORES E PROFESSORAS

*É com satisfação que entregamos às nossas escolas, por meio das secretarias estaduais e municipais de educação, o material referente ao Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena. Esse Programa tem como propósito apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores e especialistas em educação, de forma articulada com a implementação dos Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, para a Educação Escolar Indígena e para a Educação Infantil; e com a implementação, também, da Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos.*

*A idéia central deste Programa é favorecer a leitura compartilhada, o trabalho conjunto, a reflexão solidária, a aprendizagem em parceria. O Programa está organizado em módulos de estudo, compostos por atividades diferenciadas, que procuram levar à reflexão sobre as experiências que vêm sendo desenvolvidas nas escolas e acrescentar elementos que possam aprimorá-las. Para tanto, utiliza textos e programas em vídeo que podem, além de ampliar o universo de conhecimento dos participantes, ajudar a elaborar propostas de trabalho com os colegas de grupo e a realizá-las com seus alunos.*

*A proposta do Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena tem a intenção de propiciar momentos agradáveis de aprendizagem coletiva e a expectativa de que seja útil para aprofundar o estudo dos Referenciais Curriculares, entre os quais o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, elaborados pelo MEC, intensificando o gosto pela construção coletiva do conhecimento pedagógico, favorecendo o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes e, principalmente, criando novas possibilidades de trabalho com os alunos para melhorar a qualidade de sua aprendizagem.*

*Esperamos que este Programa colabore com o processo de institucionalização da educação escolar indígena em nosso país, garantindo uma formação diferenciada e respeitosa da diversidade sociocultural para os professores índios e uma educação de qualidade para as crianças indígenas.*

*Desejamos a todos um bom trabalho.*

**Paulo Renato Souza**  
Ministro da Educação

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
-------------------	---

## PARTE I

1. FINALIDADE E PÚBLICO-ALVO.....	11
2. REQUISITOS PARA PARTICIPAR.....	13
3. ESTRUTURA DOS MÓDULOS.....	15
4. ORGANIZAÇÃO GERAL DOS MÓDULOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ..	17
5. MATERIAL DE APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS MÓDULOS.....	21
6. FUNÇÕES DO COORDENADOR-GERAL.....	23
7. FUNÇÕES DO COORDENADOR DE GRUPO/FORMADOR.....	25

## PARTE II

MÓDULO 1 - PARA COMEÇO DE CONVERSA: FUNDAMENTOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	33
MÓDULO 2 - CURRÍCULO E INTENCIONALIDADE: O QUE ENSINAR E PARÁ QUE ENSINAR.....	49
MÓDULO 3 - LÍNGUAS: OUVIR, FALAR, LER, ESCREVER... PARÁ QUÊ? COMO?.....	61
MÓDULO 4 - A MATEMÁTICA NAS ESCOLAS INDÍGENAS.....	105
MÓDULO 5 - COTIDIANO E HISTÓRIA: HOJE E ONTEM.....	119

MÓDULO 6 - A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS INDÍGENAS.....	143
MÓDULO 7 - AS CIÊNCIAS NATURAIS NAS ESCOLAS INDÍGENAS.....	159
MÓDULO 8 - AS ARTES NAS ESCOLAS INDÍGENAS.....	173
MÓDULO 9 - AS ESCOLAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	185
MÓDULO 10 - ELABORANDO O CURRÍCULO DA ESCOLA.....	203
MÓDULO 11 - APRENDIZAGEM NA ESCOLA.....	215
MÓDULO 12 - CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E ATIVIDADES.....	225
FICHA TÉCNICA.....	237

# APRESENTAÇÃO

Entre 1995 e 1998, a Secretaria de Educação Fundamental (SEF), do Ministério da Educação, elaborou os Parâmetros e os Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, para a Educação Escolar Indígena, para a Educação Infantil, para a Educação de Jovens e Adultos e também para a Formação de Professores.

Tais Referenciais Curriculares visam a oferecer uma educação de qualidade, capaz de assegurar às crianças, aos jovens e adultos brasileiros, mesmo em locais com infra-estrutura mínima e condições socioeconômicas desfavoráveis, o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Ao mesmo tempo, se propõem, também, a fortalecer a unidade nacional e a assegurar o respeito à diversidade, que é a marca cultural do país, mediante a possibilidade de adaptações que integrem as diferentes dimensões da prática educacional.

A finalidade principal desses documentos é subsidiar os sistemas de ensino, favorecendo a elaboração de propostas pedagógicas de qualidade, articuladas com investimentos efetivos no desenvolvimento profissional dos professores, no âmbito das secretarias estaduais e municipais de educação. Para tanto, a Secretaria de Educação Fundamental tem implementado o Programa Parâmetros em Ação desde 1999, em parceria com os sistemas de ensino. Esse programa envolve um conjunto de ações voltadas para a formação de educadores de diferentes segmentos da comunidade educacional (professores, equipes técnicas, diretores de escolas e/ou creches).

A proposta central do Programa Parâmetros em Ação consiste em desenvolver quatro competências profissionais básicas: leitura e escrita; trabalho compartilhado; administração da própria formação; reflexão sobre a prática pedagógica.

O programa incluirá diferentes ações, tais como:

distribuição e implementação, nos estados e municípios, dos Referenciais para a Formação de Professores;

elaboração e divulgação das Diretrizes para Implementação de Programas de Formação de Professores Indígenas nos Sistemas Estaduais de Ensino;

apoio às equipes técnicas das secretarias de educação para implementação de programas de formação continuada e para orientação das unidades escolares na formulação e no desenvolvimento de seus projetos educativos;

- apoio aos estados e aos municípios interessados na reformulação de planos de carreira;

criação de pólos de apoio técnico-operacional para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental nas diferentes regiões do país;

elaboração e divulgação de novos programas da TV Escola;

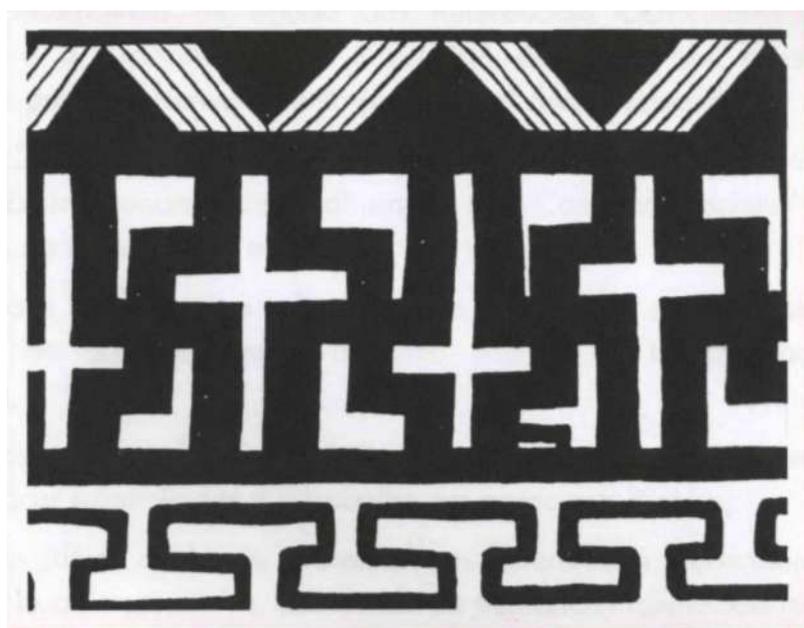
- realização de seminários sobre formação de formadores em parceria com as universidades, ONGs e outras instituições;

elaboração e divulgação de módulos orientadores de estudo dos Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais - os Parâmetros em Ação -, explicitados a seguir.

Ao disponibilizar aos sistemas de ensino o Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena, a Secretaria de Educação Fundamental amplia a sua ação de parceria com as secretarias de educação para o desenvolvimento de práticas específicas de formação dos professores indígenas em todo o país, dando mais um passo para o fortalecimento da política nacional de Educação Escolar Indígena.

**Secretaria de Educação Fundamental**

# PARTE I



Desenho Asuriní

## 1. FINALIDADE E PÚBLICO-ALVO

Como uma ação inicial, a SEF/MEC oferece às secretarias de educação interessadas em implementar os Referenciais Curriculares a realização, em parceria, do programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena. Essa atividade foi planejada para ser realizada em um contexto de formação de profissionais da educação, propiciando o estabelecimento de vínculos com as práticas locais e tendo como finalidades:

- incentivar a prática de formação continuada no interior dos sistemas educacionais;
- fortalecer o papel das secretarias na formação dos professores, evitando a fragmentação e a pulverização de ações educacionais;
- apresentar alternativas de estudo dos Referenciais Curriculares a grupos de professores e a especialistas em educação, de modo que possam servir de instrumentos para o desenvolvimento profissional desses educadores;
- analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (Educação Infantil, Educação Escolar Indígena e Ensino Fundamental) elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação, norteadoras do trabalho nas escolas;
- contribuir para o debate e a reflexão sobre o papel da escola e do professor na perspectiva do desenvolvimento de uma prática de transformação da ação pedagógica;  
criar espaços de aprendizagem coletiva, incentivando a prática de encontros para estudar e trocar experiências e o trabalho em grupo nas escolas;
- identificar as idéias nucleares presentes nos Referenciais Curriculares e fazer as adaptações locais necessárias, atendendo às demandas identificadas no âmbito da comunidade indígena, da própria escola e dos sistemas estaduais/municipais;  
potencializar o uso de materiais produzidos pelo MEC;
- incentivar o uso da TV Escola como suporte para ações de formação de professores;
- divulgar a série índios no Brasil, produção conjunta da TV Escola/SEF/Fundescola, com dez programas sobre os povos indígenas no Brasil;
- incentivar a criação e o desenvolvimento de programas de formação de professores indígenas nos sistemas estaduais de ensino, visando à titulação desses profissionais e ao reconhecimento público do magistério indígena diferenciado.

O Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena é voltado para professores indígenas que atuam no Ensino Fundamental (1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries) nas escolas indígenas de todo o país.

## 2. REQUISITOS PARÁ PARTICIPAR

As secretarias estaduais/municipais que desejarem participar dos Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena responsabilizar-se-ão pela:

- organização dos grupos de professores indígenas que participarão do Programa;
- indicação do(s) coordenador(es)-geral(is), de preferência o responsável pela educação escolar indígena na secretaria, para gerenciar e acompanhar o Programa e ser o interlocutor entre a secretaria e o MEC;
- preparação de local(is) e de recursos materiais para o desenvolvimento dos trabalhos;
- formulação de cronograma local de desenvolvimento das ações que possibilite a professores índios e não-índios condições de participar;
- reprodução e distribuição do material;
- avaliação e acompanhamento da ação.

E recomendável que as secretarias participantes incluam em seu plano de trabalho outras ações, no sentido de ampliar a formação de seus professores e proporcionar condições de trabalho, para que as escolas possam construir e desenvolver seus projetos educativos. Assim, por exemplo, é importante pensar em:

- horários de trabalho pedagógico para que a equipe escolar possa planejar e desenvolver coletivamente sua ação educativa;
- criação de níveis de coordenação na secretaria de educação e nas escolas com papéis claramente definidos;
- \* material bibliográfico, videográfico e impresso, que constitua um acervo básico para que professores possam ampliar os estudos feitos no decorrer dos módulos;
- interação com especialistas em educação/pesquisadores da própria região ou de outros locais, como lingüistas e antropólogos, que tenham desenvolvido, ou estejam desenvolvendo, pesquisas com os povos indígenas no estado e que possam contribuir para ampliar as reflexões que acontecem nas escolas;
- estratégias que permitam vincular essa ação de formação às demais ações em curso na secretaria, voltadas à qualificação profissional dos professores indígenas, seja no nível de ensino médio ou superior;

\* alternativas que permitam que essa formação seja contemplada na progressão funcional dos professôres, como uma das formas de estimular a participação em ações de formação continuada que envolvam a equipe escolar;

\*encontros e reuniões nos quais os professores indígenas possam trocar experiências, aprendendo uns com os outros e discutindo temas relevantes para o exercício do magistério indígena.

### 3. ESTRUTURA DOS MÓDULOS

#### PARÁ CADA MÓDULO, ESTÃO INDICADOS:

- **Tempo previsto:** o período de tempo previsto para o desenvolvimento de cada módulo é uma orientação para o coordenador/formador e poderá ser ampliado ou reduzido de acordo com as peculiaridades locais e as do grupo de professores que participa das atividades. Assim, é apenas uma referência que, evidentemente, se modifica muito se o grupo de professores for mais ou menos numeroso, se todos os seus integrantes pertencerem a uma mesma etnia ou se forem provenientes de diferentes povos, se tiverem competências lingüísticas diferentes, ou se uma atividade se estender mais ou menos, por uma ou outra razão. De qualquer forma, o coordenador/formador deve estar atento para que seja possível realizar todas as atividades, fazendo os ajustes que se mostrarem necessários, pois elas foram elaboradas com um encadeamento intencional.
  - **Finalidade do módulo:** orienta as metas que se pretende atingir com a realização de cada módulo e é útil para orientar o coordenador/formador em suas intervenções.
  - **Expectativas de aprendizagem:** capacidades que se espera que os professores indígenas, participantes dos módulos, desenvolvam a partir das atividades propostas, e que servem de critérios para a avaliação.
  - **Conteúdos do módulo:** principais conceitos, procedimentos e atitudes abordados no módulo.
  - **Material necessário:** indicação de vídeos, textos, imagens, livros, papéis, canetas etc, bem como equipamentos que serão utilizados no desenvolvimento do módulo e, portanto, precisam ser providenciados com antecedência.
  - **Sugestão de material complementar:** sugestão de bibliografia, de programas de vídeo e de outro material que possa ser usado pelo grupo em atividades intercaladas com os períodos de realização dos módulos ou para aprofundamento dos conteúdos abordados. São indicações importantes para a preparação dos coordenadores/formadores.
- <sup>1</sup> **Atividades:** estas aparecem organizadas em seqüências, contendo objetivo, estimativa de tempo e proposta de encaminhamento das atividades apresentadas,

subsidiando a intervenção do coordenador/formador e sugerindo, quando for o caso, possibilidades de flexibilização das atividades propostas.

textos, ilustrações e/ou folhas-tarefa necessários à realização de atividades propostas no módulo.

## 4. ORGANIZAÇÃO GERAL DOS MÓDULOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

O Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena está organizado em doze módulos a serem desenvolvidos num total de 265 horas.

Os módulos foram estruturados prevendo a organização de grupos de professores indígenas, que poderão ser compostos tendo por base uma única terra ou povo indígena, ou reunindo professores de várias terras e povos indígenas. As experiências de formação anteriores, a distância das escolas indígenas, o local de realização dos módulos e o número de professores no município ou no estado são alguns dos fatores que influenciarão o tipo de composição dos grupos de professores em cada secretaria.

O número de integrantes de cada grupo ficará a critério da secretaria, que não deve deixar de considerar que o número ideal de participantes por grupo não deve ser superior a quarenta pessoas. Essa restrição de participantes deve-se ao fato de que grupos numerosos podem inviabilizar a dinâmica, já que o tipo de trabalho proposto é o de construção coletiva.

Da mesma forma, é necessário definir um cronograma adequado às condições de cada localidade. Para uma melhor definição, é preciso levar em conta o calendário das atividades na aldeia, como épocas de roça, ciclos rituais, estação das chuvas etc, de forma que esse processo de formação não coincida com momentos em que seja importante a presença do professor na terra indígena. Existem muitas possibilidades de acerto de cronograma - dias, horas e espaço - e cada local poderá encontrar sua solução.

O desenvolvimento dos módulos pode se dar de maneira contínua, numa única etapa, ou ser fragmentado ao longo de um certo período. Cada secretaria deverá definir como melhor desenvolver o Programa. Professores indígenas que já estão participando de cursos de formação em magistério indígena poderão ter os módulos realizados como parte desse processo.

No caso das secretarias de educação que ainda não iniciaram um processo de formação de seus professores indígenas, o desenvolvimento dos módulos poderá ser o embrião de um projeto de formação com vistas à titulação de seus professores.

## OS MÓDULOS ESTÃO PROPOSTOS NA SEGUINTE SEQÜÊNCIA:

- Módulo 1 - Pará começo de conversa: fundamentos gerais da educação escolar indígena (23 horas).
- Módulo 2 - Currículo e intencionalidade: o que ensinar e para que ensinar (10 horas).
- Módulo 3 - Línguas: ouvir, falar, ler, escrever... para quê? Como? (24 horas).
- Módulo 4 - A matemática nas escolas indígenas (28 horas).
- Módulo 5 - Cotidiano e história: hoje e ontem (30 horas).
- Módulo 6 - A geografia nas escolas indígenas (29 horas).
- Módulo 7 - As ciências naturais nas escolas indígenas (27 horas).
- Módulo 8 - As artes nas escolas indígenas (24 horas).
- Módulo 9 - As escolas indígenas e a educação física (22 horas).
- Módulo 10 - Elaborando o currículo da escola (19 horas).
- Módulo 11 - Aprendizagem na escola (12 horas).
- Módulo 12 - Currículo, planejamento e atividades (17 horas).

## A SEQUENCIAÇÃO DESSES MÓDULOS ORIENTOU-SE PELOS SEGUINTE PROPÓSITOS:

Nos dois primeiros módulos, procura-se sensibilizar os professores participantes, propiciando discussões sobre algumas concepções fundamentais do trabalho em educação escolar indígena, procurando instaurar no grupo um clima de reflexão compartilhada. Nesses módulos trabalha-se, primordialmente, com a primeira parte do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, no qual são apresentados os fundamentos gerais da educação escolar indígena, bem como as orientações para a elaboração dos currículos escolares.

Os sete módulos seguintes, que abordam as disciplinas presentes no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, partem da análise dos fundamentos realizada nos módulos anteriores, tornando possível refletir sobre o trabalho com os diversos campos do conhecimento. Os módulos estruturam-se a partir das disciplinas: línguas, matemática, história, geografia, ciências, artes e educação física.

Os últimos três módulos, resgatando idéias e práticas desenvolvidas nos módulos anteriores, propõem uma discussão sobre aspectos da organização do trabalho do professor e da elaboração do currículo diferenciado das escolas indígenas.

Ao longo desses doze módulos, um conjunto variado e dinâmico de atividades é proposto a fim de propiciar, aos professores em formação, o desenvolvimento de diferentes capacidades, alicerçadas na reflexão sobre suas práticas em sala de aula e sobre os novos procedimentos, conceitos e atitudes que o Programa pretende abordar.

Utilizam-se nos módulos os dez programas da série índios no Brasil, que traz depoimentos de índios e não-índios, residentes em diferentes partes do país, que expressam as relações entre índios e brancos, do descobrimento aos dias de hoje. Essa série foi preparada para enriquecer o currículo escolar e combater idéias preconceituosas a respeito dos povos indígenas. A integração da série índios no Brasil no Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena teve por objetivo possibilitar que os professores indígenas de todo o país tivessem acesso a esses vídeos que trazem os povos indígenas como protagonistas. Espera-se que eles incentivem os professores indígenas a ter uma atitude de orgulho de sua cultura, a registrar e a sistematizar os conhecimentos e as histórias de seus povos, enriquecendo, assim, o currículo das escolas indígenas.

## 5. MATERIAL DE APOIO PARÁ O DESENVOLVIMENTO DOS MÓDULOS

O documento básico de referência para o conjunto das atividades propostas neste Programa é o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, elaborado pela SEF em 1998 e distribuído para as escolas e professores indígenas de todo o país. É a partir de leituras, fichamentos, discussões e sínteses desse documento que o Programa se estrutura.

Para o desenvolvimento do Programa, foi preparado um conjunto de materiais que os professores poderão utilizar tanto em sua própria formação como em seu trabalho cotidiano em sala de aula com seus alunos. Esse material foi dividido em dois kits - um para o formador/coordenador de grupo e outro para o professor - e inclui textos escritos, programas de vídeo, mapa das terras indígenas, mapa etnográfico ilustrado, compilação de dados estatísticos sobre os povos indígenas e caderno de registro. O kit do formador destina-se a subsidiar o trabalho dos coordenadores de grupo na execução dos módulos de atividades propostos. O kit do professor contém material para o desenvolvimento das atividades propostas e para uso em sala de aula.

explica o Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena, expondo suas finalidades, descrevendo sua proposta, bem como o material oferecido por ele e sua metodologia. Destaca as finalidades, as expectativas de aprendizagem e os conteúdos trabalhados em todo o Programa.

**Guia do Formador:** esse guia destina-se a orientar o trabalho do formador com os professores indígenas. O Programa estrutura-se em doze módulos, que são apresentados numa seqüência padrão: título do módulo, tempo de duração, finalidade, expectativa de aprendizagem, conteúdos, material necessário, material complementar e seqüência de atividades propostas (com indicação do tempo para sua execução, objetivo, descrição da atividade e propostas de encaminhamento). É o guia de referência a ser utilizado pelo formador para organizar e propor atividades aos professores indígenas.

**Programas de vídeo:** em duas fitas VHS estão reunidos quinze programas de vídeo preparados pela TV Escola, que serão exibidos, analisados e discutidos no decorrer da execução dos módulos.

**s terras indígenas no Brasil:** apresenta a situação das terras indígenas no país, evidenciando sua localização e situação jurídica de reconhecimento pelo Estado brasileiro.

**Mapa etnográfico ilustrado do Brasil:** apresenta a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil por meio da reprodução de artefatos etnográficos do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

**Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú:** apresenta a localização dos povos indígenas no Brasil e regiões adjacentes, suas migrações e filiação lingüística até o ano de 1944.

**Quem são, quantos são e onde estão os povos indígenas e suas línguas:** apresenta informações, listagens e tabelas que sistematizam dados sobre povos, línguas, população, terras, escolas, professores e estudantes indígenas.

**As leis e a educação escolar indígena:** compilação da legislação educacional brasileira que trata do direito dos povos indígenas à educação bilíngüe e diferenciada.

destinado ao professor indígena para fazer anotações pessoais, escrever conclusões de atividades, documentar as sínteses das discussões e das atividades desenvolvidas, formular perguntas e reflexões, possibilitando que este faça um registro do percurso de formação ao longo dos módulos.

**Kit índios no Brasil!** duas fitas VHS com a série índios no Brasil, composta por dez programas de vídeo e três livretos com textos que deram origem à série, escritos por antropólogos. Esses dez programas serão exibidos, analisados e discutidos no decorrer da execução dos módulos.

Cada professor indígena participante do Programa receberá para seu uso pessoal e em sua escola o mapa das terras indígenas, o mapa etnográfico ilustrado, o mapa etno-histórico, o livro com dados sobre os povos indígenas, o livro com legislação de educação escolar indígena, o caderno de registro e este caderno de apresentação.

## 6. FUNÇÕES DO COORDENADOR-GERAL

É fundamental que cada secretaria de educação estadual ou municipal indique um coordenador-geral para o programa, o qual fará a articulação entre a equipe SEF/MEC e os coordenadores de grupo/formadores, responsáveis pelo encaminhamento dos trabalhos, e/ou os grupos de professores índios participantes do Programa. Para definição de quem serão tais coordenadores, é importante que cada secretaria mobilize pessoas da sua localidade comprometidas de fato com a promoção do desenvolvimento profissional dos educadores e, de preferência, vinculadas ao setor ou departamento da secretaria responsável pela Educação Escolar Indígena no estado ou município.

O coordenador-geral incumbir-se-á de:

- \* divulgar o programa para os professores indígenas do estado ou do município;
- \* ajudar na organização dos grupos de estudo, na definição dos locais e da infraestrutura necessária ao funcionamento do trabalho e na formulação do cronograma;
- \* providenciar os recursos materiais para o desenvolvimento dos trabalhos;
- \* orientar, quando for o caso, as reuniões em que os coordenadores de grupo/formadores vão estudar as propostas contidas em cada módulo e preparar seu trabalho com os professores indígenas;
- \* preparar informações contextualizadas e atualizadas que permitam à equipe SEF/MEC ou aos coordenadores de grupo/formadores ter um conhecimento prévio do perfil do grupo de professores índios que participará das atividades do programa, possibilitando assim uma melhor adequação dessa equipe às peculiaridades do grupo em formação;
- \* assessorar e avaliar todo o desenvolvimento do Programa; para tanto, deverão organizar um caderno de registro, com a memória do projeto, que permita a posterior elaboração de relatórios a serem enviados à SEF/MEC.

## 7. FUNÇÕES DO COORDENADOR DE GRUPO/FORMADOR

Além do coordenador-geral, as secretarias estaduais/municipais poderão indicar coordenadores de grupo/formadores - responsáveis pelo encaminhamento dos módulos - que trabalharão em articulação e com a orientação da equipe da SEF/MEC, que contará com uma equipe de formadores para o desenvolvimento deste programa.

Poderão ser coordenadores de grupo professores das universidades, integrantes de ONGs, especialistas em educação escolar indígena e técnicos da equipe pedagógica da secretaria. O importante é que esse coordenador de grupo/formador tenha disponibilidade para atuar como organizador e orientador dos trabalhos do grupo, incentivando a participação de todos e ajudando o grupo a enfrentar os desafios colocados pelas atividades. Para isso, os coordenadores de grupo/formadores precisam ser pessoas que gozem do reconhecimento dos professores indígenas.

Para o bom andamento dos trabalhos, é necessário que os coordenadores de grupo/formadores tomem para si as seguintes tarefas:

- \* coordenar as reuniões dos grupos, funcionando como orientadores de aprendizagem, buscando propiciar a integração dos participantes e indicando a organização de pequenos grupos ou o trabalho individualizado;
- \* ler previamente os textos indicados e preparar as atividades e os materiais, articulando-os com dados contextualizadas na realidade local, para enriquecimento dos trabalhos;
- \* elaborar atividades complementares para serem desenvolvidas pelos professores indígenas entre um encontro e outro e/ou entre os módulos, de forma que os professores possam fazer uso do que aprenderam em sua sala de aula;
- \* incentivar os professores a analisar a própria experiência, relacionando-o aos estudos que estão sendo feitos e a criar outras alternativas de trabalho;
- \* planejar e controlar o tempo destinado a cada atividade, bem como o uso do espaço físico e do equipamento necessário. O tempo indicado nas atividades é apenas uma referência que, evidentemente, se modifica em função do número de professores, das experiências anteriores de participação em atividades de formação, da composição mono ou multiétnica do grupo, da competência lingüística em português dos participantes, do fato de uma atividade se estender mais ou menos, ou por várias

outras razões. Nesse sentido, a indicação de tempo é apenas um referencial a ser utilizado pelo coordenador de grupo/formador na organização e na coordenação das atividades propostas;

\*criar espaços para que os professores possam comunicar suas experiências (por exemplo, a organização de um mural ou caderno volante);

\*estimular a participação de todos os professores nas sessões de leitura dos documentos, intervindo para que todos fiquem à vontade para expressar dúvidas de qualquer natureza;

\*assistir previamente aos programas de vídeo e aos filmes que integram os módulos: algumas vezes é importante assistir a eles mais de uma vez, para poder preparar uma intervenção que potencialize as discussões do grupo, especialmente quando o assunto for difícil ou razoavelmente novo para todos;

\*ajudar na sistematização do trabalho, propondo aos participantes que organizem seu Caderno de Registro: um caderno para fazer anotações pessoais, escrever conclusões das atividades, documentar as sínteses das discussões, formular perguntas que não foram respondidas para serem exploradas nas sessões seguintes, construindo assim um registro do percurso de formação ao longo dos módulos. Esse registro é essencial, para o acompanhamento e a avaliação do módulo, inclusive. E é por essa razão que cada professor indígena participante do Programa estará recebendo um Caderno de Registro para seu uso pessoal;

\*enriquecer, ampliar ou modificar as propostas de encaminhamento constantes nas seqüências de atividades, caso tenha propostas que considere mais adequadas em função da própria experiência ou das características do grupo de professores indígenas participantes do Programa;

\*avaliar o desenvolvimento de cada módulo, o desempenho dos participantes e a própria atuação (de formadores). Utilizar essa avaliação para orientar seu trabalho, fazendo mudanças e adaptações nas propostas e elaborar relatórios a serem enviados ao coordenador-geral e à SEF/MEC. Para tanto, é importante que o coordenador de grupo e os professores tenham clareza, desde o início dos trabalhos, de quais são as expectativas de aprendizagem e os conteúdos previstos para o módulo e de como e para que será feita a avaliação. Também é fundamental que, ao longo do trabalho, o grupo faça registros das conclusões e encaminhamentos que auxiliem na elaboração dos relatórios.

O coordenador de grupo/formador deve atentar para os seguintes fatos:

\*é importante que, logo no primeiro encontro, explique aos professores a dinâmica dos trabalhos e sua função no grupo, qual seja, a de ajudá-los a alcançar o melhor

desempenho possível. As discussões precisam ser "alimentadas" com questões que façam avançar a reflexão. Para isso, é preciso que prepare, com antecedência, algumas intervenções, partindo do que já sabe a respeito do conhecimento que os professores indígenas têm sobre o assunto em pauta. Daí a importância de um contato prévio com o coordenador-geral da secretaria para obter informações sobre o perfil do grupo de professores indígenas participante do Programa;

- é recomendável que no primeiro encontro o coordenador/formador investigue o grau de intimidade dos professores indígenas com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Se julgar conveniente, prepare uma atividade que permita a exploração do livro, ajudando os professores indígenas a identificar as partes do livro, seus diferentes capítulos e as subdivisões do texto (títulos, subtítulos, epígrafes, citações, boxes e bibliografias). Isso facilitará várias atividades em que os professores indígenas serão chamados a consultar o RCNEI, lendo e interpretando trechos do mesmo;
- \* é importante que o coordenador/formador, ao iniciar o trabalho com os módulos, elabore estratégias para evidenciar os conhecimentos prévios dos professores indígenas sobre os assuntos e os conteúdos em questão. Isso permitirá ao coordenador organizar tanto as informações quanto as intervenções mais adequadas ao conhecimento do grupo, possibilitando aos professores estabelecer relações entre o que sabem e o conteúdo que está sendo apresentado no módulo;
- \* a proposta de trabalho com os módulos pressupõe que as expectativas de aprendizagem sejam compartilhadas com os professores desde o início dos trabalhos. É importante, portanto, que o coordenador apresente, no primeiro encontro, a pauta de conteúdos de todo o módulo (para que os professores possam saber o que será tratado no período) e, depois, a cada encontro, o que está previsto para o dia. Isso ajuda, até mesmo, a ter melhores condições de controlar o tempo, uma vez que todo o grupo conhece a pauta;

é recomendável que os filmes e os programas de vídeo sejam vistos com antecedência e, principalmente, que o coordenador prepare a intervenção que fará durante a apresentação: momentos para fazer pausas, cenas a serem revistas, boas questões a serem colocadas ao grupo, outros pontos de discussão, além dos propostos no módulo;

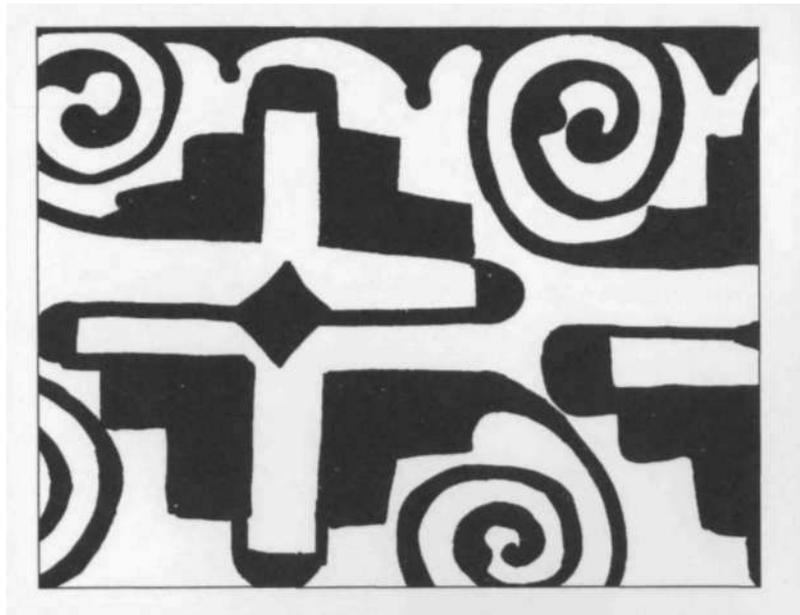
- \* é importante lembrar que, ao final da discussão sobre cada tema, devem ser apresentadas conclusões que permitam aos professores indígenas ampliar sua compreensão sobre o que é mais interessante ou menos interessante do ponto de vista pedagógico. Nesse momento, é fundamental que os professores tenham oportunidade de posicionar-se criticamente quanto aos diferentes assuntos abordados, que possam visualizar soluções criativas, descobrir novos caminhos, sem

perder de vista a especificidade de sua escola, a cultura e o modo de vida de sua comunidade;

em todos os módulos dá-se especial atenção à análise da rotina do trabalho pedagógico, pois entende-se que esta deva ocupar um lugar de destaque na formação dos professores indígenas. Esta é abordada dentro da perspectiva de relacionar o conteúdo que está sendo discutido com a prática do professor em sala de aula, permitindo a este a reflexão sobre como esses novos procedimentos podem gerar novos conhecimentos sobre sua prática;

ao final de cada módulo, ou ao término de uma seqüência de atividades, está prevista uma auto-avaliação para que os professores analisem e registrem o processo de aprendizagem vivenciado (individual e coletivamente). Também o coordenador fará sua avaliação em função das expectativas de aprendizagem definidas para o módulo, recuperando-as e posicionando-se em relação a elas e ao que os professores indígenas manifestarem.

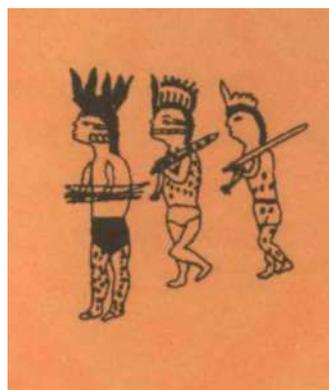
## PARTE II



Desenho Kadiwéu

# MODULO

**PARA COMEÇO DE CONVERSA: FUNDAMENTOS  
GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**



## MÓDULO 1

# PARA COMEÇO DE CONVERSA: FUNDAMENTOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

### 2. FINALIDADE DO MÓDULO:

Apresentar os fundamentos gerais da educação escolar indígena tais como foram apresentados no RCNEI.

Discutir e fazer reconhecer a diversidade sociocultural (étnica e lingüística) dos povos indígenas.

Fundamentar uma proposta que valorize a diversidade sociocultural, com uma educação escolar diferenciada, de qualidade, intercultural e bilingüe.

- Estimular a leitura e o estudo do RCNEI (SEF/MEC, 1998).

Apresentar a série de vídeos índios no Brasil (TV Escola, 2000).

### I. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Com este módulo, espera-se que os professores índios sejam capazes de:

refletir sobre as semelhanças e diferenças socioculturais existentes não só entre os povos indígenas, mas entre outros grupos humanos;

debater a construção de identidades no contato entre povos e culturas diversos;

- \* debater e propor princípios para a escola indígena que se deseja;

ler, expor idéias em público, debater e produzir registros escritos de idéias e temas trabalhados no módulo.

### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

Diversidade étnica, cultural e lingüística do Brasil.

Variedade, originalidade e importância do conhecimento de cada grupo indígena.

Direito a uma educação diferenciada.

Escola indígena comunitária, intercultural, bilingüe/multilíngue, específica e diferenciada.

## **MATERIAL NECESSÁRIO:**

RCNEI;

- \* cesto ou caixa com enfeites;
- \* instrumentos;
- \* potes e/ou cestos;
- \* bonecos;
- \*comidas;
- \*plantas;
- \*fotos e/ou cartões-postais;
- \*jornais, revistas, livros;
- \*mapa das terras indígenas no Brasil;
- \*papel pardo;
- \*caneta hidrocor.

## **VÍDEOS:**

*Boa viagem Ibantul* (18'), da série índios no Brasil, TV Escola.

*Quando Deus visita a aldeia* (18'), da série índios no Brasil, TV Escola.

*Quem são eles?* (18'), da série índios no Brasil, TV Escola.

*Nossos direitos* (17'), da série índios no Brasil, TV Escola.

## **EQUIPAMENTOS:**

televisão;

videocassete.

## **6. MATERIAL COMPLEMENTAR: (bibliografia, videos etc. para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):**

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 193-205 ("O índio e o civilizado: o que um pensa do outro"):

SILVA, Aracy Lopes da, Grupioni, Luís Donisete Benzi (org.). *A temática indígena na sala na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/Unesco, 1995.

LOPES DA SILVA, Aracy. *A questão indígena na sala de aula*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

## SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

### • ATIVIDADE 1 - APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

#### OBJETÍVO:

Esta atividade visa a que os professores se apresentem aos colegas do grupo e se conheçam melhor.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Explicar para os professores que esta é uma atividade de apresentação. Pedir, então, que formem um grande círculo.
2. Colocar no centro do círculo um cesto ou uma caixa com elementos diversos, incluindo-se aqueles que representem aspectos culturais ou das paisagens às quais os professores pertencem - objetos (enfeites, instrumentos, potes, cestos, bonecos...); alimentos (beiju, mandioca, banana...); plantas (folhas de buriti, de babaçu...); fotos, cartões-postais (festas, comidas típicas, cerimônias, animais...); jornais, revistas, livros...
3. Pedir para cada professor escolher um objeto com o qual ele se identifica. Explicar que irá utilizar este objeto na sua apresentação e como mote de sua fala, além do motivo pelo qual o escolheu.
4. Pedir para cada um se apresentar com o objeto que escolheu e incluir nesta apresentação seu nome indígena e em português, o nome de seu povo, o nome de sua aldeia ou da terra indígena em que mora e há quanto tempo é professor.
5. No final, avaliar a atividade, perguntando, por exemplo, se foi válida, se permitiu a todos se apresentarem, se gostaram, se foi divertido, se fariam diferente e de que forma.
6. Pedir que cada um anote no seu **Caderno de Registro** uma reflexão sobre a atividade que realizou, pensando se poderia utilizar esta atividade com seus alunos, se seria interessante ou não, se seus alunos gostariam ou não.

### • ATIVIDADE 2 - SER DIFERENTE E SER SEMELHANTE

#### OBJETÍVO:

Debater com os professores as diferenças e as semelhanças entre as pessoas e entre as culturas, evidenciando a multietnicidade, a pluralidade e a diversidade dos povos indígenas no Brasil.

## PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Solicitar que os professores indígenas abram o RCNEI na página 17, onde estão listados os nomes dos povos indígenas no Brasil. Pedir que procurem e marquem com um círculo o nome de seu povo. Aproveitar esta atividade para explicar aos professores que, ao longo do trabalho com os módulos, eles serão orientados a grifar trechos e idéias do RCNEI, marcando passagens importantes para a reflexão sobre suas práticas em sala de aula e dando destaque para idéias que poderão ser úteis no seu dia-a-dia como professores.
2. Em seguida, solicitar que marquem com um círculo - usando uma caneta de outra cor - os nomes de todos os povos indígenas com os quais eles já mantiveram algum contato pessoal. Pedir que contem quantos povos marcaram e o digam em voz alta.
3. Solicitar aos professores que marcaram o maior número de povos que relatem como conheceram os representantes desses povos, se eles são parecidos uns com os outros, no que se mostram diferentes etc.
4. Dividir os professores indígenas em grupos e solicitar que abram o mapa das terras indígenas no Brasil. O coordenador deve anotar na lousa a seguinte seqüência de atividades e solicitar que:
  - localizem sua(s) terra(s) no mapa, evidenciando o(s) estado(s) em que se situam, e verifiquem sua situação jurídica (o coordenador deve mostrar a legenda, realizar uma leitura em conjunto com os professores indígenas e explicar o significado de cada cor);
  - façam o mesmo em relação aos povos indígenas vizinhos ou aos que eles conhecem;
  - localizem os estados que possuem o maior número de terras indígenas;
  - comparem o tamanho das terras indígenas no Norte e no Sul do país;
  - localizem os estados que não possuem terras indígenas.
5. Solicitar que escrevam em seus cadernos o que aprenderam olhando e procurando no mapa das terras indígenas no Brasil. Pedir que alguns professores leiam em voz alta o que anotaram.
6. Pedir que os mesmos grupos leiam coletivamente o texto referente ao tema multietnicidade, pluralidade e diversidade no RCNEI (Parte I, item 1, p. 22) e escolham quatro afirmações do texto que consideram as mais importantes para o entendimento de seu conteúdo. Solicitar que escrevam estas afirmações em um papel pardo e os apresentem, no final, para a classe.
7. Afixar todos os textos produzidos na lousa ou em um mural. Pedir que cada um anote em seu **Caderno de Registro** suas conclusões pessoais sobre o tema em debate e que alguns voluntários leiam para a classe o que escreveram.

- ATIVIDADE 3 - "MUITOS JEITOS DE SER ÍNDIO"

OBJETIVO:

Propiciar um momento de reflexão sobre o que significa ser índio hoje no Brasil, reconhecendo as facilidades e as dificuldades de comunicação com outros setores da sociedade.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (3 HORAS)

1. Pedir que cada um anote no seu caderno o que significa "ser índio" em sua concepção pessoal.
2. Solicitar que se organizem em grupos, debatam o que significa "ser índio", escrevam suas conclusões em um papel pardo e, no final, apresentem para a classe. Abrir o debate.
3. Exibir o programa de vídeo *Quem são eles?* (18') da série índios do Brasil, da TV Escola. Antes da exibição, explicar que este vídeo abre uma série, preparada pelo MEC, para combater preconceitos e apresentar idéias corretas e atualizadas sobre os índios, e que, ao longo dos módulos, eles assistirão a todos os programas desta série. No Anexo 1, está reproduzida uma sinopse da série, que deverá ser lida previamente pelo coordenador, para que ele possa preparar-se para apresentar a série e os diferentes programas de vídeo que a compõem.
4. Na seqüência, pedir aos professores que efetuem a leitura do quadro "Algumas idéias errôneas sobre os índios", (página 41, do RCNEI).
5. Solicitar que os professores se reorganizem em cinco grupos. Cada grupo irá trabalhar com uma das afirmações do quadro. Pedir que discutam as afirmações e elaborem argumentos para mostrar por que essas afirmações são equivocadas. Preparar um cartaz com esses argumentos.
6. Propor que cada grupo prepare um cartaz com duas partes, dividindo a folha na metade. Na primeira parte, devem escrever os argumentos que mostram que aquelas idéias são equivocadas e, na segunda parte do cartaz, devem escrever quais "idéias corretas" sobre os índios eles consideram que deveriam ser divulgadas para a sociedade envolvente.
7. Apresentar os cartazes e os resultados das discussões para todo o grupo e abrir o debate.

- - DEBATE DE COMO A CULTURA NOS APROXIMA E NOS DIFERENCIA

OBJETIVO:

Debater com os professores como a cultura (conhecimentos, costumes, modos de convivência, visões de mundo...) está presente na vida de todos os grupos humanos e como são essas construções culturais que os diferenciam uns dos outros.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. O coordenador propõe um debate sobre o que os professores pensam com relação às diferenças e às semelhanças culturais existentes no mundo entre os diversos povos que compõem a humanidade. Para trazer o debate para mais perto dos participantes, pode propor que pensem nas diferenças e nas semelhanças que existem entre o povo indígena do qual o professor faz parte e outros povos indígenas, entre os povos indígenas no Brasil e os povos indígenas que moram em outros países, entre os povos indígenas e os não-índios,.... Enfim, que eles reflitam sobre as semelhanças e as diferenças. Não há necessidade de concluir o debate.
2. Exibir o programa de vídeo *Boa viagem Ibantú!* (18') da série Índios do Brasil, da TV Escola.
3. Ao final da exibição, colocar essas questões na lousa e pedir que os professores se dividam em grupos e discutam o vídeo a partir das questões:

As pessoas que aparecem no programa de vídeo possuem os mesmos costumes umas das outras? Por quê?

Quais diferenças de costumes existem entre elas?

O que os jovens viajantes achavam que iam encontrar na aldeia Krahô? Por quê?

O que eles imaginavam era diferente do que eles encontraram? Por quê?

Eles saíram da aldeia Krahô pensando da mesma forma que chegaram? Por quê?
4. Pedir para os grupos apresentarem suas conclusões.
5. Exibir o programa de vídeo *Quando Deus visita a aldeia* (18') da série Índios do Brasil, da TV Escola.
6. Ao final da exibição, pedir que os professores se dividam em grupos e discutam o vídeo a partir das questões:

O que os jovens viajantes esperavam encontrar na tribo dos Kaiowá? Por quê?

Quais as diferenças de costumes entre o que os jovens esperavam e o que encontraram?

Quais as conclusões dos jovens sobre os povos indígenas?

7. Pedir para os grupos apresentarem suas conclusões.
8. Solicitar que os professores registrem as conclusões que considerarem mais importantes em seu **Caderno de Registro**.

## • ATIVIDADE 5 - DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS

### OBJETIVO:

Debater os direitos dos povos indígenas, em especial o direito a uma educação escolar diferenciada.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Exibir o programa de vídeo *Nossos direitos* (17') da série índios no Brasil, da TV Escola, e orientar os professores para que tentem identificar quais são os direitos essenciais dos povos indígenas, na atualidade, apresentados no vídeo.
2. Organizar os professores em grupos e pedir que discutam as seguintes questões:  
Quais os direitos essenciais dos povos indígenas?  
Quais as relações entre o que foi visto no programa de vídeo e o que ocorre no Brasil hoje?
3. Pedir para cada grupo apresentar o que foi debatido.
4. Reorganizar os professores, formando três grupos, e propor a leitura das páginas 31, 32 e 33 do RCNEI, item "2.2. A legislação brasileira e a educação escolar indígena". Todos os grupos deverão ler a introdução do item 2.2, e depois cada grupo deverá ler um dos tópicos: o grupo 1 lera "2.2.1. A Constituição Federal", o grupo 2 lera "2.2.2 Os Decretos" e o grupo 3 lera "2.2.3 A Lei de Diretrizes e Bases".
5. Pedir para cada grupo grifar as idéias principais do texto e reescrever essas idéias num cartaz para apresentar aos outros grupos.
6. Promover a apresentação dos grupos, abrindo o debate.
7. Solicitar que, individualmente, cada professor escreva em seu **Caderno de Registro** uma reflexão pessoal sobre o direito indígena de ter uma escola diferenciada.

- ATIVIDADE 6 - ESCOLA INDÍGENA: POR UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA  
OBJETIVO:

Debater os fundamentos da Educação Escolar Indígena diferenciada.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Propor aos professores indígenas a leitura silenciosa das páginas 23 e 24 do RCNEI, itens "4. Comunidade educativa indígena" e "5. Educação intercultural, comunitária, específica e diferenciada".
2. Pedir que grifem uma frase principal em cada parágrafo (são três ao todo). Orientar para que, em duplas, confirmem as idéias marcadas, discutindo o porquê da escolha e confrontando o que marcaram.
3. Solicitar que cada dupla escreva uma nova síntese sobre o que entendeu da leitura dos dois itens e apresente para os demais professores. O coordenador deverá anotar na lousa todas as idéias, separando as relativas aos processos tradicionais de socialização das referentes à educação escolar. Promover um debate das idéias lançadas sobre os dois temas.
4. Orientar os professores indígenas para que formem quatro grupos. Cada grupo vai ler uma das características da escola indígena apresentadas no RCNEI, nas páginas 24 e 25. Cada grupo deverá discutir o que entendeu e preparar um cartaz explicando o porquê de a escola indígena ser comunitária (grupo 1), intercultural (grupo 2), bilíngüe/multilíngüe (grupo 3) e específica e diferenciada (grupo 4). Após confeccionar o cartaz, o grupo deverá preparar uma dramatização para explicar aos demais grupos o que entendeu do princípio lido.
5. Após a apresentação das dramatizações, cada grupo apresenta o cartaz que elaborou, pregando-o na lousa ou na parede.
6. Pedir para cada um, individualmente, responder em uma folha de papel à seguinte pergunta: "Como deve ser a educação escolar indígena"?
7. Pedir para os professores trocarem as folhas entre si, de modo que cada um possa conhecer o que os demais pensam sobre o assunto.
8. Sistematizar na lousa, com a ajuda dos professores, "Como deve ser a Educação Escolar Indígena".
9. Propor que os professores se dividam em grupos para responder à questão: "O que é preciso fazer para concretizar o nosso desejo de como devem ser as escolas indígenas?".

10. Após a discussão, cada grupo escreve suas conclusões em um cartaz e apresenta aos demais. Oriente os professores para que anotem em seu Caderno de Registro as conclusões do grupo.
11. Pedir aos professores que leiam silenciosamente o texto "Declaração de princípios" (p. 29 do RCNEI), elaborada por professores indígenas da região Norte. Em seguida, propor a leitura em voz alta de cada item da declaração, seguida da pergunta: O que entenderam daquele princípio? Concordam ou não com ele? Por quê?
12. Ao término da leitura e do debate, perguntar ao grupo se ele tem outras idéias para acrescentar à declaração. Para tanto, utilizar as anotações da lousa das atividades 9 e 10 sobre "Como deve ser a Educação Escolar Indígena".
13. Solicitar que cada professor registre em seu caderno uma reflexão pessoal sobre as idéias discutidas nessas atividades.

## • ATIVIDADE 7 - AVALIAÇÃO DO TRABALHO

OBJETIVO:

Avaliar o trabalho de reflexão e discussão realizado no módulo, possibilitando que o professor identifique e avalie o seu percurso de aprendizagem.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Apresentar as finalidades e as expectativas de aprendizagem do módulo. Para tanto, poderá ser consultado o Caderno de Apresentação.
2. Solicitar que os professores avaliem se as atividades realizadas cumpriram as finalidades e as expectativas de aprendizagem apresentadas.
3. Solicitar aos professores que escrevam em seu Caderno de Registro o que pensam sobre essas duas questões:
  - Os vídeos da série *Índios no Brasil* poderão ajudar os demais brasileiros a ter uma nova visão sobre os povos indígenas no Brasil? Por quê?  
O RCNEI pode ser uma fonte de informação e um instrumento para o enriquecimento de sua atuação em sala de aula? Por quê?
4. Abrir o debate, solicitando que os professores leiam o que escreveram.
5. Orientar os professores para que escrevam uma reflexão sobre o que aprenderam neste módulo em seu Caderno de Registro.

## 8. ANEXO

### SINOPSE DA SÉRIE ÍNDIOS NO BRASIL

*Índios no Brasil* é uma série inédita, produzida pelo MEC, que mostra como vivem e o que pensam diversas comunidades indígenas do país.

Uma viagem pelo universo indígena. Dividido em dez programas, de aproximadamente 20 minutos cada, a série *Índios no Brasil* amplia a discussão sobre a verdadeira identidade do Brasil. É a primeira vez que a questão indígena é abordada numa série para a televisão, dando a palavra aos índios, visando a enriquecer o currículo escolar e a combater idéias preconceituosas a respeito desses povos.

Apresentada pelo líder indígena Ailton Krenak, *Índios no Brasil* mostra, sem intermediários, como vivem e o que pensam os índios de nove povos dispersos no território nacional, escolhidos entre mais de duzentos etnias: os Ashaninka e Kaxinawá, do Acre; os Baniwa, do Rio Negro, no Amazonas; os Krahô, de Tocantins; os Maxacali, de Minas Gerais; os Pankararu, de Pernambuco; os Yanomami, de Roraima; os Kaiowá, do Mato Grosso do Sul; e os Kaingang, do Sul do país.

Alunos, professores e diretores poderão ampliar os seus conhecimentos e desmistificar os preconceitos a respeito da questão indígena no Brasil. Primeiramente, os vídeos foram exibidos pelo canal da TV Escola, possibilitando que qualquer cidadão que se interessasse pelo assunto pudesse gravar os dez programas para uso em sala de aula, na sua comunidade ou em sua casa. Em seguida, a Secretaria de Ensino Fundamental do MEC reproduziu os dez vídeos, bem como os textos-argumentos que deram origem a eles e os enviou para os sistemas estaduais de ensino. Um kit contendo os vídeos e os livros integra o material especialmente preparado para o desenvolvimento do Programa Parâmetros em Ação.

#### O ÍNDIO POR ELE MESMO

*Índios no Brasil* traz depoimentos de índios e não-índios, residentes em diferentes partes do país, que expressam com extrema fidelidade a relação, nem sempre amistosa, entre o índio e o branco, desde a época do descobrimento até os dias atuais.

A identidade dos índios, suas línguas, seus costumes e tradições, a colonização e o contato com o branco, a briga pela terra, a integração com a natureza e os direitos conquistados são os temas enfocados pelos personagens desta série:

- AZILENE INÁCIO, uma socióloga Kaingang que trabalha em Brasília mediando conflitos, apresenta a trajetória histórica dos povos do Sul e de seus professores que reescrevem o dicionário da língua Kaingang.
- \* PROFESSOR JOAQUIM MANÁ, do povo Kaxinawá, um dos pensadores da nova escola indígena, mostra como o ensino diferenciado está sendo desenvolvido em sua escola, na floresta acreana.

FRANCISCO PINHANCO, do povo Ashaninka, conduz uma experiência de desenvolvimento sustentável na floresta acreana com a extração de óleo de coco e outras essências.

DONA QUITÉRIA MARIA DE JESUS, uma índia Pankararu do sertão pernambucano, que há anos milita em Brasília pelos direitos dos índios nordestinos ao reconhecimento e à assistência do governo.

DAVI KOPENAWA, um líder indígena conhecido internacionalmente, e, como muitos Yanomami, um xamã, defensor espiritual de seu povo.

JOSÉ BONIFÁCIO, do povo Baniwa, presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), que reúne mais de duzentas organizações indígenas de 23 etnias no Alto Rio Negro, a única região do país onde o índio é maioria.

DANIEL KAIOWÁ, um enfermeiro que lidera a luta incansável dos Kaiowá pela reconquista de suas terras.

DERLINDO HONKOP, o jovem professor que apresenta aos visitantes o ritual de iniciação dos meninos Krahô.

Sob a direção do documentarista Vincent Carelli, da organização não-governamental Vídeo nas Aldeias, a série de vídeos índios no Brasil é uma iniciativa da TV Escola, da Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação. Os vídeos são complementados por três cadernos editados pelo Ministério da Educação (MEC), com textos escritos por antropólogos (Bruna Franchetto, Carlos Fausto, Dominique Gallois, Luís Donisete Grupioni, Virgínia Valladão e Vincent Carelli) sobre os temas que inspiraram o roteiro da série. Confira os episódios.

## OS PROGRAMAS DA SÉRIE

### 1. QUEM SÃO ELES? (18'), UTILIZADO NO MÓDULO 1.

O primeiro programa da série traz à tona, por meio de entrevistas com populares em diversas partes do país, o desconhecimento e os estereótipos do senso comum sobre a realidade indígena, que está na base do processo de discriminação sofrido

por essas comunidades. O índio é aquele que anda pelado no mato? O índio está acabando? O índio está deixando de ser índio? Os nove personagens escolhidos para representar seus povos vão debatendo um a um esses equívocos.

Bonifácio, por exemplo, líder da tribo Baniwa, situada na Amazônia, fala sobre a sua identidade. O índio será sempre índio, independentemente da atividade exercida, mesmo que integre a civilização branca e exerça atividades profissionais. Essa tese acaba se personificando na figura de Azilene Inácio, formada em sociologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná e líder da tribo Kaingang (RS). A população indígena brasileira não está fadada ao desaparecimento, como muitos pensam.

## 2. NOSSAS LÍNGUAS (20'), UTILIZADO NO MÓDULO 3.

Relata a repressão histórica às línguas indígenas praticada ao longo desses quinhentos anos por intermédio das missões religiosas, dos funcionários de governo ou da população não-índio. E, apesar de toda essa repressão, os índios resistiram: ainda são faladas mais de 180 línguas indígenas no Brasil. A Constituição de 1988 finalmente lhes reconhece o direito à diferença e ao ensino de suas línguas em suas escolas, como vemos na Escola da Floresta do professor Joaquim Maná, do povo Kaxinawá, no Estado do Acre.

## 3. BOA VIAGEM IBANTU! (18'), UTILIZADO NO MÓDULO 1.

Para vivenciar a diversidade cultural, quatro jovens, de diferentes regiões do Brasil, são convidados a viajar até a aldeia dos Krahô, situada no Estado do Tocantins. Os jovens chegam cheios de expectativas e idéias preconcebidas. Os Krahô recebem-nos de braços abertos, e a integração é imediata. Os jovens participam das cerimônias e dos trabalhos realizados na tribo. Têm o corpo pintado com urucum e jenipapo. São batizados e recebem nomes indígenas. A despedida é pura emoção.

## 4. QUANDO DEUS VISITA A ALDEIA (18'), UTILIZADO NO MÓDULO 1.

Os mesmos jovens visitam a tribo dos Kaiowá, em Mato Grosso do Sul, esperando encontrar algo similar à aldeia dos Krahô. Mais uma vez, suas expectativas caem por terra. Já nas primeiras impressões, os jovens sentem as diferenças: as casas dispersas, já não existem mais matas ao redor e as pessoas estão maltrapilhas. Para além das aparências, eles descobrem a intensa vida religiosa dos Kaiowá e a opressão de que são vítimas por parte dos colonos que tomaram suas terras. No final, eles concluem que cada povo indígena é único, tão diferentes entre si como o povo japonês do alemão.

#### 5. UMA OUTRA HISTÓRIA (17), UTILIZADO NO MÓDULO 5.

O Brasil foi descoberto ou invadido? O filme de Humberto Mauro de 1940 dá a sua versão sobre o Descobrimento do Brasil. Mas os índios são unânimes em afirmar que o país foi invadido porque eles já estavam aqui. Dependendo do ponto de vista de cada um, existem várias versões da história do Brasil, e aqui os índios contam as suas.

A cartilha de história das escolas indígenas do Acre, por exemplo, divide a história do Brasil em quatro períodos: o tempo das malocas, antes da chegada de Cabral; o tempo das correrias, quando os índios foram caçados à bala para a ocupação dos seus territórios; o tempo do cativo, quando eles foram usados como mão-de-obra escrava no corte da seringueira; e, finalmente, o tempo dos direitos, quando enfim conquistaram o direito à terra e à sua cultura própria.

#### 6. PRIMEIROS CONTATOS (19'), UTILIZADO NO MÓDULO 5.

O processo de conquista iniciado por Cabral prossegue com a ocupação do Planalto Central, na década de 1950, e da Amazônia, na década de 1970. Retratadas em imagens históricas a "pacificação" da tribo Xavantes (no filme Entre os índios do Brasil Central, de Genil Vasconcelos) e dos índios Cinta Largas em Rondônia e Parakanas no sul do Pará (no filme Guerra de pacificação na Amazônia, de Yves Billon), assistimos à catástrofe do contato que dizima as suas populações. Finalmente, assistimos ao caso de pequenos grupos atropelados pelo desenvolvimento no sul de Rondônia, até um único sobrevivente de um povo que se recusa ao contato no ano 2000.

#### 7. NOSSAS TERRAS (20'), UTILIZADO NO MÓDULO 6.

Nos últimos vinte anos, a maior parte das notícias sobre os índios relacionava-se à questão de terras, - o maior problema existente na relação entre índios e brancos. Muita gente diz que "índio tem muita terra". Os grandes territórios indígenas encontram-se na região amazônica e correm o risco de, em algumas décadas, se tornarem as únicas reservas florestais deste país. Em compensação, nas áreas mais colonizadas, os índios perderam quase tudo e travam uma luta incessante para a reconquista de um espaço mínimo necessário ao crescimento de suas populações. Mostram-se os casos dos Baniwa (AM), Ashaninka (AC), Kaiowá (MS) e Kaingang (SC).

#### 8. FILHOS DA TERRA (18'), UTILIZADO NO MÓDULO 7.

Como os índios se relacionam com os seus territórios ancestrais? O uso sustentável dos recursos da natureza é um conceito milenar das populações indígenas. Agora, ingressando na economia de mercado, muitos povos incrementam experiências de desenvolvimento sustentável com a exploração não predatória dos recursos da floresta, inspirada na filosofia dos seus antepassados.

## 9. DO OUTRO LADO DO CÉU (18'), UTILIZADO NO MÓDULO 10.

A religiosidade e o sentido místico da cultura indígena, tendo como referência as tribos Yanomami (RR), Pankararu (PE) e Maxacali (MG). No caso da tribo Maxacali, o índio José Ferreira discorre sobre o conceito de religiosidade para a sua etnia. Acredita em seres espirituais bons, que vivem acima do céu, e ruins, que vagam pela terra. Os bons protegem os índios da tribo e exterminam doenças. Os xamãs da tribo Yanomami, verdadeiros "médicos espirituais", tratam da relação do mundo dos homens com as forças da natureza. Também são mostradas as festas realizadas pela tribo Pankararu, nas quais os índios invocam os espíritos encantados que os protegem.

## 10. NOSSOS DIREITOS (17), UTILIZADO NO MÓDULO 1.

Depoimentos sobre os direitos já conquistados e legitimados pela Constituição atualmente vigente: o direito à terra, à saúde, ao ensino de suas línguas e à livre organização de suas comunidades. Lideranças indígenas reiteram a necessidade de respeitar os direitos conquistados pelos povos indígenas. Há depoimentos do líder da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foir), Pedro Garcia, e lideranças das tribos indígenas Kaiowá, Kaxinawá, Yanomami, Ashaninka e Kaingang.

### FICHA TÉCNICA:

**Realização:** TV Escola - 2000

**Produção:** Vídeo nas Aldeias

**Direção:** Vincent Carelli

**Fotografia:** Altair Paixão e Vincent Carelli

**Textos e Argumentos:** Bruna Franchetto, Carlos Fausto, Dominique Gallois, Luís Donisete Grupioni, Virgínia Valladão e Vincent Carelli

**Roteiros:** Henri Gervaiseau, Tutu Nunes e Vincent Carelli

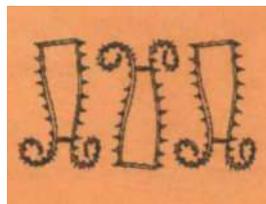
**Apresentação e entrevistas:** Ailton Krenak

**Edição:** Tutu Nunes

**Música de abertura:** Antônio Nóbrega e Wilson Freire

# **MODULO 2**

**CURRÍCULO E INTENCIONALIDADE:  
O QUE ENSINAR E PARA QUE ENSINAR**



**TEMPO PREVISTO: 10 horas.**

## **2 FINALIDADE DO MÓDULO:**

Possibilitar aos professores índios:

conscientizar-se do que já sabem sobre o tema currículo e prever a necessidade de novas aprendizagens;

- compreender algumas idéias do RCNEI;

relacionar essas idéias a sua experiência como professor;

compreender a finalidade de um currículo na educação escolar para que avancem na possibilidade de elaborar currículos para suas escolas "que atendam aos anseios e aos interesses das comunidades indígenas" (RCNEI, p. 13).

## **3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM: (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)**

As atividades deste módulo possibilitam que os professores desenvolvam as seguintes competências que, entre outras, são necessárias para elaborar o currículo de suas escolas:

identificar e compreender os propósitos da Educação Escolar Indígena;

refletir sobre a sua prática para avaliar se o trabalho que desenvolvem atende aos propósitos da Educação Escolar Indígena que afirmam;

estabelecer relações entre os propósitos da Educação Escolar Indígena, a elaboração curricular e o trabalho pedagógico que efetivamente acontece na escola;

- compreender o currículo como um instrumento de trabalho do professor para realizar os propósitos educativos;
- ler, registrar idéias por escrito, expor idéias em público, debater, tomar decisões e produzir desenho e texto, pessoal e coletivamente, dentro da temática do módulo.

#### **4. CONTEÚDO DO MÓDULO:**

Propósitos da educação escolar indígena.

Definição de currículo.

Relação entre propósitos educacionais e currículo.

Finalidade do currículo na educação escolar indígena.

#### **5. MATERIAL NECESSÁRIO:**

RCNEI;

folhas grandes de papel para cartaz (cartolina, craft etc);

material de desenho (canetas coloridas, lápis cera etc).

#### **VÍDEO:**

*Educação indígena: a grande descoberta 500 anos depois (6')*, TV Executiva /MEC.

#### **EQUIPAMENTOS:**

- videocassete;
- televisão.

#### **6. MATERIAIS COMPLEMENTARES (bibliografia, videos etc, para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):**

BRASIL. MEC/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. "Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais", *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

TORRES, Rosa Maria. *Que (e como) é necessário aprender?* Campinas: Papirus, 1995.

#### **SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:**

##### **• ATIVIDADE 1 - LEMBRANDO O QUE SABEMOS**

#### **OBJETIVO:**

Proceder a um levantamento das representações do grupo sobre o que é currículo.

É interessante começar a estudar esse tema (currículo) pedindo às pessoas que pensem e exponham suas idéias sobre o assunto, porque nem sempre todos os participantes de um grupo conhecem bem os termos que serão usados no trabalho e o que eles significam. Isso não quer dizer que não saibam nada sobre o assunto ou que nunca tenham pensado nele. Por isso, é interessante que inicialmente se faça uma atividade para saber um pouco sobre o conhecimento e sobre a experiência dos participantes em relação ao assunto que será tratado. Algumas experiências anteriores podem ter sido bloqueadoras, outras, facilitadoras. Conhecendo um pouco o que o grupo pensa e sabe a respeito, o coordenador poderá avaliar melhor o que será mais importante retomar ao longo deste módulo e dos outros e fazer intervenções que favoreçam a participação e a aprendizagem de todos, criando desafios para que os professores relacionem o que pensam com o que vão aprendendo nas atividades.

#### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)**

1. Propor que cada professor escreva numa folha solta três palavras que "tenham a ver" (ou que se relacionem) com:

<b>CURRÍCULO</b>	<b>PLANEJAMENTO</b>

2. Conforme forem terminando e entregando, o coordenador vai registrando as palavras na lousa ou num cartaz, agrupando-as pelo sentido e sem repetir as mesmas, de modo que ao final se tenha o conjunto de palavras que expressa os diferentes modos de pensar do grupo sobre o assunto naquele momento.
3. Em seguida, pede-se que façam comentários sobre o que foi dito, cada um explicando o significado das palavras que usou e o que pensou ao ver as palavras colocadas pelos colegas.
4. Depois que todos se colocarem, o coordenador "fecha" o debate com um resumo do que foi dito (explicitando a diferença entre currículo e planejamento) e estabelece com o grupo um "acordo" sobre o significado da palavra currículo com o qual vão trabalhar.

5. Para finalizar, cada participante registra (desenha e/ou escreve) no seu Caderno de Registro o que deseja/espera aprender neste módulo sobre currículo.

OBSERVAÇÃO: É importante que, posteriormente, o coordenador do grupo leia essas expectativas para trabalhá-las com os professores (organizá-las num quadro síntese e dar retorno aos participantes esclarecendo se será possível atendê-las) e para orientar suas ações pelo conhecimento das diferentes expectativas.

- ATIVIDADE 2 - O QUE VAMOS APRENDER NESTE MÓDULO

OBJETIVO:

Proceder a uma apresentação do módulo para que o grupo se situe no trabalho e possa participar das atividades sabendo "o quê" e "para quê" está fazendo. É preciso que o coordenador do grupo explique o que vai ser desenvolvido.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Para começar, pode-se expor num cartaz e explicar oralmente o que será tratado neste módulo: as finalidades, os conteúdos, as expectativas de aprendizagem e como será o trabalho ao longo do módulo (tipos de atividades previstas etc). Pode-se consultar o Caderno de Apresentação, onde estão reproduzidos as finalidades, conteúdos e expectativas de aprendizagem de cada módulo do Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena.
2. Em seguida, pedir que cada participante diga quais itens deste trabalho imagina que serão úteis para sua prática e por quê.
3. Depois que alguns dos professores ou todos se manifestarem, pedir que comparem o que foi exposto com suas expectativas colocadas na atividade anterior.
4. Partindo dessa comparação, o coordenador e o grupo reelaboram "o contrato didático", explicitando quais expectativas poderão provavelmente ser atendidas com o trabalho a ser realizado e qual o papel do coordenador e o dos participantes nas atividades.

- ATIVIDADE 3 - OS PROPÓSITOS DA ESCOLA INDÍGENA

OBJETIVO:

Nas páginas 58 e 59 do RCNEI (item "Objetivos" até o 2o parágrafo da página 59), o texto trata da necessidade de a escola indígena valorizar os conhecimentos tradicionais elaborados pelas comunidades indígenas e, ao mesmo tempo, dar

acesso aos conhecimentos produzidos pela sociedade envolvente. Esta atividade visa a direcionar os professores para que reflitam sobre a noção de Interculturalidade e pensem nas possibilidades de concretizar essa intencionalidade (a educação intercultural) em seu trabalho.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Dividir os participantes em cinco grupos e dar a cada um deles uma folha de papel com os seguintes textos extraídos do RCNEI (páginas citadas) com as afirmações sobre os propósitos da escola indígena:

*"A escola indígena tem de ser parte do sistema de educação de cada povo, no qual se assegura e fortalece a tradição indígena. A partir daí teremos elementos suficientes para uma relação positiva com outras sociedades"* (Jucineide Maria Simplício Freire, professora Xukuru, PE).

*"Contribuir para que se efetive o projeto de autonomia dos povos indígenas, a partir de seus projetos históricos, desenvolvendo novas estratégias de sobrevivência física, lingüística e cultural, no contato com a economia de mercado"* (Gersem dos Santos, professor Baniwa, AM).

*"Desenvolver em seus alunos e professores a capacidade de discutir os pontos polêmicos da vida da sociedade envolvente e oferecer para a comunidade indígena a possibilidade de críticas e conhecimento de problemas"* (Valmir Cipriano, professor Kaingang, RS).

*"Ser um instrumento para a interlocução entre os saberes da sociedade indígena e a aquisição de outros conhecimentos: pontilhão de dois caminhos, lado a lado, de conhecimentos indígenas e conhecimentos não-indígenas"* (Darlene Taukane, professora Bakairi, MT).

*"Ser um centro de produção e divulgação dos conhecimentos indígenas para a sociedade envolvente"* (Fausto Mandulão, professor Macuxi, RR).

2. Pedir a cada grupo que leia o texto que recebeu, discuta-o e responda:
  - se concorda com as afirmações do texto, ou se discorda delas e por quê;
  - se concorda, o que sua escola faz ou poderia fazer para realizar esses propósitos;
  - se discorda, o que a escola indígena deveria fazer.
3. **A seguir, cada grupo elabora, numa folha grande, um desenho coletivo que represente as escolas indígenas realizando essas ações, isto é, as ações que elegeram na discussão.**

4. Após a elaboração, os grupos expõem seus desenhos e relatam suas propostas de como valorizar os conhecimentos indígenas na escola.
5. Para finalizar, abre-se um debate sobre as propostas, podendo cada professor colocar-se sobre a viabilidade e a adequação dessas propostas em relação aos propósitos da escola indígena discutidos anteriormente.

OBSERVAÇÃO: É interessante que os desenhos fiquem expostos durante a realização dos outros módulos para que os professores sejam sempre remetidos aos propósitos da Educação Escolar Indígena. Caso isso não seja possível, guardá-los para que possam ser revistos nos módulos finais (10, 11 e 12).

#### • **ATIVIDADE 4 - O QUE NOSSOS ALUNOS ESTÃO APRENDENDO?**

OBJETIVO:

Desafiar os professores a refletirem sobre o trabalho que realizam e analisá-lo, avaliando o que fazem e o quanto têm consciência, intencionalidade e controle sobre isso.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Propor que se dividam em pequenos grupos (se possível quatro ou cinco pessoas) e discutam para responder à seguinte questão:

"O que os nossos alunos vão - de fato - aprender, durante o tempo em que ficarem na nossa escola?"

OBSERVAÇÃO: O coordenador deve orientar os participantes para que procurem listar o que os alunos realmente aprendem na escola e durante todo o tempo de escolaridade. É interessante incluir os conteúdos tradicionais das áreas, as atitudes, os valores, os comportamentos, os costumes, as técnicas, as habilidades etc.

2. Depois da discussão, cada grupo anota, numa folha de papel pardo, uma lista com as respostas.
3. Em seguida, os professores comparam essa lista com as anotações feitas no Caderno de Registro durante o módulo anterior - "Para começo de conversa" - sobre: a) "Como deviam ser as escolas indígenas?" b) "O que é preciso fazer para concretizar nosso desejo...?" para responder às seguintes perguntas:
  - "Estamos satisfeitos com o que as crianças aprendem nas nossas escolas? Sim? Não? Por quê?"
4. Solicitar a cada grupo que faça um cartaz com o que os alunos deveriam aprender na escola.

5. Depois pedir aos grupos que exponham os cartazes e expliquem para os outros o que pensaram.
6. No final das exposições, o coordenador (ou uma pessoa do grupo) sintetiza a discussão apontando aquilo que é comum a todos (que todos consideram importante) e o que é diferente para cada grupo, comparando as respostas das atividades feitas nesta seqüência.

OBSERVAÇÃO: É importante perguntar se estão satisfeitos, se alguém quer mudar seu cartaz, perguntar ou comentar alguma coisa sobre o que foi dito, pois com a discussão é possível que algum participante tenha revisto suas idéias ou compreendido melhor o assunto.

#### • **ATIVIDADE 5 - AFINAL, PARÁ QUE SERVE UM CURRÍCULO?**

OBJETIVO:

Esta atividade permite que os professores aprofundem e/ou sistematizem as discussões anteriores. Trata-se de um texto do RCNEI que explicita o que é e as finalidades do currículo como instrumento de trabalho do professor para decidir e orientar o ensino daquilo que é considerado importante para os alunos. Esta será uma primeira reflexão sobre o tema, que será retomada muitas vezes nos módulos seguintes e, de modo mais conclusivo, no módulo 12.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Todos os professores fazem uma leitura silenciosa do RCNEI: a página 57 e o primeiro parágrafo da página 58 (até "Objetivos"). Ao propor a leitura, pedir para marcarem com lápis ou marca-texto o que o texto diz sobre a finalidade do currículo.
2. Depois da leitura, pedir que comentem o que leram, estabelecendo alguma relação com o que discutiram nas duas atividades anteriores. Caso ninguém do grupo explicitar isso, é importante que o coordenador levante questões para a reflexão, de modo que os participantes possam estabelecer relação entre os propósitos da escola indígena, a aprendizagem necessária para concretizar esses propósitos e o currículo - como um instrumento que o professor elabora para decidir "o que" e "quando" vai ensinar, para realizar suas próprias decisões e para ter controle sobre o seu trabalho, de modo que não se "esqueça" daquilo que considera importante ensinar.
3. Ao final da discussão, quando tiver ficado clara e acordada a finalidade do currículo, o coordenador orienta o grupo na elaboração de um texto coletivo

sobre a "finalidade de um currículo na escola indígena" que sistematize as conclusões a que chegaram.

- ATIVIDADE 6 - EXPLORAÇÃO DO RCNEI

OBJETIVO:

Esta atividade visa a fazer que os professores possam estabelecer uma relação significativa entre o que estão discutindo neste módulo (a idéia de currículo) e o que farão nos módulos seguintes (propostas das áreas e temas). A exploração do RCNEI que a atividade prevê é, portanto, uma leitura exploratória, superficial, para saber o que contém e do que trata e não para se apropriar de seu conteúdo. O trabalho terá início com a exibição de um vídeo que apresenta alguns tópicos trabalhados no módulo anterior e faz uma apresentação do RCNEI.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Exibir o programa de vídeo *Educação indígena: uma grande descoberta 500 anos depois* (6'), da TV Executiva/MEC. O coordenador deve explicar que o vídeo faz uma breve apresentação da história dos índios no Brasil, da diversidade étnica e cultural representada pelos povos indígenas e da legislação da educação indígena, terminando com uma apresentação do RCNEI. O vídeo tem uma duração pequena, apesar de focar vários assuntos. Assim, o coordenador deverá perguntar se os professores gostariam de assistir a ele uma segunda vez.
2. Após a exibição, o coordenador pode abrir o debate pedindo para os professores comentarem os aspectos que consideraram mais interessantes no vídeo.
3. O coordenador orienta os participantes para que trabalhem em duplas. A tarefa é folhear o RCNEI. O primeiro passo é desvendar as partes do livro, a divisão em capítulos, em subtítulos, identificando boxes, citações e bibliografias. Em seguida, deve-se procurar descobrir o que ele propõe que seja ensinado nas escolas indígenas.
4. Depois de algum tempo de exploração livre, o coordenador pede a cada dupla que se dedique a explorar melhor um capítulo referente a uma das áreas e aos temas transversais.
5. Cada dupla expõe para os demais o que "descobriu" no RCNEI.
6. Ao final das exposições, os professores comentam suas impressões sobre o que foi visto e apresentado. O coordenador explica, então, que nos módulos seguintes o trabalho será o de aprofundar o estudo de cada capítulo, de modo que possam se apropriar de conhecimentos que serão úteis na elaboração dos currículos de suas escolas.

7. Como atividade final desta seqüência, os professores escrevem no **Caderno de Registro** as conclusões pessoais sobre "o que é" e "para que serve" um currículo na escola indígena.

# MODULO 3

LÍNGUAS: OUVIR, FALAR, LER, ESCREVER  
PARÁ QUÊ? COMO?



**TEMPO PREVISTO: 24 horas**

## **2. FINALIDADE DO MÓDULO:**

Propiciar aos professores das escolas indígenas a compreensão de que o ensino de línguas deve ocorrer em situações didáticas de uso, conforme o RCNEI.

### **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM: (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)**

Com este módulo espera-se que os professores indígenas tornem-se cada vez mais capazes de:

perceber a importância do trabalho com textos no desenvolvimento da fala em língua materna e/ou numa segunda língua;

reconhecer as vantagens de ensinar a ler e escrever através da leitura e produção de textos;

planejar propostas de trabalho que considerem a diferença entre a linguagem falada e a linguagem escrita;

planejar propostas de trabalho com leitura e produção de textos considerando os seus usos;

reconhecer a importância de planejar o trabalho garantindo aos alunos a oportunidade de familiarizarem-se com os diferentes gêneros textuais;

conhecer propostas de ensino e aprendizagem contidas no RCNEI;

estabelecer intercâmbio com outros professores e documentar experiências relevantes;

continuar e aprofundar o estudo do RCNEI.

### **CONTEÚDO DO MÓDULO:**

Leitura: objetivos, formas e estratégias.

Produção de textos.

\*Pluralismo cultural e lingüístico.

\*Planejamento de atividades.

\*Apreciação de bons textos.

#### 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

\*RCNEI;

\*marcador de texto;

- mapa das terras indígenas no Brasil;

\*folhas de cartolina;

\*folhas de papel sulfite;

\*tesoura;

- grampeador;

\*lápis de cor, de cera ou canetas hidrocor;

\*fotocópias dos anexos;

- etiquetas;

\*cópia dos textos "Toda nação indígena tem a sua própria língua" e "Escrever é

\*preciso" (que estão no anexo 2 e 7 deste módulo).

#### VIDEOS:

- *Nossas línguas* (20'), da série índios no Brasil, da TV Escola.

\**A língua é minha pátria* (14'08"), da série Parâmetros Curriculares Nacionais, Português, da TV Escola.

\**Ler se aprende lendo* (14'04"), da série Parâmetros Curriculares Nacionais, Português, da TV Escola.

#### EQUIPAMENTOS:

\*televisão;

\*videocassete.

#### 6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc, para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

- \*SEF/MEC - *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.*
- \*SEF/MEC - *Parâmetros em Ação - Módulo de Alfabetização.*
- \*SEF/MEC - *Parâmetros em Ação - Módulo de Língua Portuguesa - Para formar leitores e produtores de texto.*
- \*SEF/MEC - *Referencial Curricular de Educação Infantil de Língua Portuguesa.*
- \*WEISZ, Telma - *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*, Editora Ática.
- \*TEBEROSKY, Ana - *Psicopedagogia da linguagem escrita*, Editora Trajetória Cultural/Unicamp.
- \*FDE/SEE - *Por trás das letras*, São Paulo.
- \*LERNER, Delia - *E possível ler na escola.*

#### VÍDEOS:

- \* *O que acontece quando lemos* - TV Escola.
- \* *Pensando se aprende. Pensando se aprende a ler e escrever* - série PCN - TV Escola.
- \* *Variações sobre o mesmo tema* - série Diários - TV Escola.
- \* *Língua Portuguesa* - Série Menino Quem Foi Teu Mestre - Fundação Roberto Marinho.

#### SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

##### SEQÜÊNCIA 1 - NOSSA LÍNGUA, NOSSA IDENTIDADE

##### • ATIVIDADE 1 - LEITURA COMPARTILHADA

#### OBJETIVOS:

- \*Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.
- \*Propiciar contato com textos literários.
- \*Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.
- \*Começar a refletir sobre a importância de ler diferentes textos para os alunos.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. O coordenador deve ler antecipadamente o texto "Como nasceram as estrelas" (Anexo 1) ou outro conto indígena selecionado, tendo como critério a qualidade literária, preparando-se para realizar a leitura, em voz alta, para os professores indígenas, de maneira a comunicar algumas formas de comportamento leitor, seduzindo os ouvintes. Antes da leitura, é importante explicitar as razões pelas quais escolheu o texto, explicando que este é um conto escrito por uma escritora famosa a partir de um mito dos índios Bororó, que habitam Mato Grosso. Dizer que existem vários livros com mitos indígenas - de povos diversos - e que alguns escritores costumam criar histórias a partir desses mitos. É importante que os professores saibam que esse é um momento de ler pelo prazer de socializar bons textos, e que não é importante atrelar esta a outras atividades, pois a leitura compartilhada é uma atividade importante por si mesma.
2. Propiciar um momento para que os professores possam fazer comentários sobre o texto lido, potencializando a discussão sobre a importância da leitura diária para os alunos.

#### • ATIVIDADE - APRESENTAÇÃO DAS EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

##### OBJETIVOS:

- \*Explicitar o que se espera que os professores aprendam.
- \*Fornecer um referencial para a avaliação pessoal e do grupo.
- \*Possibilitar que o professor tenha controle sobre sua própria aprendizagem.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. Apresentar no retroprojeto, ou num cartaz, as expectativas de aprendizagem do módulo (se possível providenciar uma cópia para ser colocada no **Caderno de Registro** dos professores).
2. Explicitar que essas expectativas de aprendizagem servirão para a auto-avaliação, tanto dos professores como do coordenador, e também para a avaliação do trabalho do grupo.

#### • ATIVIDADE 3 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO

##### OBJETIVOS:

Discutir a importância de preservar a língua materna dos povos indígenas.

\*Analisar as principais razões do desaparecimento de muitas línguas indígenas.

\*Perceber a importância do registro escrito das línguas.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Perguntar aos professores quais são as línguas que eles falam e quais são as que eles escrevem.
2. Registrar na lousa as respostas dos professores.
3. Pedir aos professores que consultem o livro "Quem são, quantos são e onde estão os povos indígenas e suas escolas no Brasil?", localizando, na tabela de povos, o seu povo, a língua falada e a família lingüística a que pertence. Se houver mais de um povo no grupo de professores, escrever na lousa as diferentes línguas, famílias e troncos lingüísticos.
4. Pedir a um dos participantes do grupo que relate como foi/tem sido a experiência de seu povo na preservação ou não de sua língua materna.
5. Anunciar que assistirão a um vídeo e que serão apresentados a eles, previamente, os conteúdos tratados no programa de vídeo. Preparar, com antecedência, um cartaz com os conteúdos do vídeo. São eles:

*Nossas línguas*, série índios no Brasil, da TV Escola (20').

Principais conteúdos abordados:

- Diferentes idiomas falados no Brasil.

\*Tentativas de descaracterizar as línguas faladas pelos índios.

\*Preconceito em relação a variedades lingüísticas consideradas de menor prestígio.

\*Diversidade de idiomas falados por povos de uma mesma região.

- Extinção de idiomas falados pelos povos indígenas.

\*Punições relacionadas ao uso das línguas indígenas.

\*A língua como possibilidade de preservação da cultura.

- A importância do registro escrito das línguas indígenas.

6. Apresentação do programa de vídeo *Nossas línguas*.
7. Após a apresentação, promover um debate visando à discussão do vídeo. Peça para os professores comentarem os pontos que mais chamaram a sua atenção. Peça para anotarem em seu Caderno de Registro.

8. Listar as questões apontadas pelos professores e discuti-las, tendo como base o RCNEI. Duas questões podem orientar o encerramento do debate:

- "Por que alguns povos indígenas não falam mais a sua língua?"
- "Qual o papel da escola indígena hoje na manutenção e no fortalecimento das línguas indígenas?"

#### • **ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVOS:

\*Discutir o tratamento que o RCNEI dá aos conteúdos tratados no programa.

- Aprofundar a discussão dos conteúdos tratados no programa.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Propor que os professores leiam individualmente o trecho do RCNEI entre as páginas 115 e 117 ("1. A diversidade lingüística no Brasil" e "2. O multilingüismo e os povos indígenas").
2. Solicitar que os professores se dividam em duplas e grifem as informações que complementam ou aprofundam os assuntos tratados no vídeo.
3. Discutir coletivamente as questões colocadas pelas duplas.

#### • **ATIVIDADE 5 - LEITURA COMPARTILHADA**

OBJETIVOS:

- Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.  
Propiciar contato com textos literários.
- Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.  
Começar a refletir sobre a importância de ler diferentes textos para os alunos.
- Refletir sobre a riqueza contida na língua de um povo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. Distribuir para os professores cópia do texto "Toda nação indígena tem a sua própria língua" (ver Anexo 2).
2. Realizar a leitura compartilhada do texto.

3. Perguntar aos professores o que entenderam do texto, se gostaram, se algumas daquelas palavras com origem indígena são parecidas em suas línguas.
4. Solicitar que os professores o colem, se possível, no seu Caderno de Registro.

## **SEQÜÊNCIA 2 - FALAR CERTO? O QUE ISSO QUER DIZER?**

### **• ATIVIDADE 1 - LEITURA COMPARTILHADA**

#### **OBJETIVOS:**

Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.

Propiciar contato com textos literários.

Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.

Começar a refletir sobre a importância de ler diferentes textos para os alunos.

#### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)**

1. Explicar aos professores indígenas que, durante o desenvolvimento deste módulo, cada nova seqüência de atividades será precedida pela leitura de um texto literário, permitindo que eles tenham contato com diferentes gêneros textuais e vivenciem o prazer de ler e escutar histórias.
2. Leitura compartilhada do texto: "Por que o mar tanto chora" - livro Volta ao mundo em 52 histórias - Companhia das Letrinhas (ver Anexo 3).

### **• ATIVIDADE 2 - O QUE SE ENTENDE POR "FALAR CERTO"**

#### **OBJETIVOS:**

Identificar o que pensam os professores sobre o que é falar certo (levantar os conhecimentos prévios do grupo).

- Registrar as idéias iniciais dos professores para poder retomá-las.

#### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)**

1. Colocar na lousa, no retroprojetor ou num cartaz a seguinte pergunta: "O que é falar certo?"

2. Pedir que cada professor escreva a sua resposta em seu **Caderno de Registro**.
3. Dividir a lousa em duas colunas dando o seguinte título a cada uma delas: **Pensamos que falar certo é... o programa de vídeo diz que...** (a segunda coluna deverá ser preenchida após assistir ao programa de vídeo).
4. Solicitar que os professores compartilhem suas anotações, lendo em voz alta o que escreveram.
5. Registrar as idéias iniciais dos professores na lousa.

### • ATIVIDADE 3 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO

#### OBJETIVOS:

\*Discutir a importância da adequação da fala ao contexto de comunicação.

\*Propiciar a reflexão sobre o preconceito em relação a variedades linguísticas consideradas de menor prestígio.

- Reconhecer que não existe uma única forma certa de falar.
- Compreender que a escrita não é o espelho da fala.

Perceber a inadequação de se tentar consertar a fala do aluno para evitar que escreva errado.

- Reconhecer o programa de vídeo como mais uma fonte de informação.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA E 30MINUTOS)

1. Assistir ao programa de vídeo *A língua é minha pátria*, da Série Parâmetros Curriculares Nacionais, da TV Escola. É importante ficar claro que não existe fala certa ou errada, mas adequada à situação de comunicação.

Não existe uma única forma de falar, e o que parece erro de fala, na maior parte das vezes, não é. A questão não é propriamente falar certo, mas saber adequar a fala à situação de comunicação. Na mesa de bar, no ambiente de trabalho, no almoço de família, na loja de produtos finos falamos de modos diferentes... E disso que trata o programa, e do papel da escola no ensino da fala formal, aquela que dificilmente as crianças aprenderão espontaneamente em outros contextos e, por isso, é dever da escola ensinar. Afinal, a discriminação das pessoas pelo fato de não saberem utilizar adequadamente a fala é produto de um velho preconceito que não se justifica e que deve ser combatido veementemente e de todas as formas: ensinando aos alunos os modos mais formais de fala não se combate propriamente o preconceito, mas se instrumentaliza o aluno para não sofrer esse tipo de discriminação.

Principais conteúdos abordados no vídeo:

- A adequação da fala ao contexto de comunicação.  
Preconceito em relação a variedades lingüísticas consideradas de menor prestígio.
  - O mito de que existe uma única forma certa de falar.
  - A crença equivocada de que a escrita é o espelho da fala.
    - \*A inadequação de se tentar consertar a fala do aluno para evitar que escreva errado.
    - \*O fato de a linguagem escrita não corresponder exclusivamente a um modo de fala.
    - \*Situações de uso da linguagem oral formal e da linguagem oral coloquial.
    - \*Papel da escola no ensino da linguagem oral formal: criar contextos em que ela é necessária.
  - A questão da falsa formalidade.
2. Após a exibição contínua do vídeo, realizar uma nova exibição, fazendo pausas que permitam ao coordenador explicitar e anotar na lousa, na coluna o programa de vídeo diz que..., os conceitos introduzidos pelo vídeo.

#### • ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI

OBJETIVOS:

Familiarizar-se com o RCNEI.

Usar o RCNEI como fonte de informação.

Complementar as questões levantadas pelo grupo e também as apresentadas no programa de vídeo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Propor que os professores leiam individualmente o primeiro e o segundo parágrafos do item 6 "A oralidade e a escrita", página 124 do RCNEI.
2. Ler em voz alta e discutir com os professores os trechos que complementam as idéias apontadas no vídeo (a leitura deverá ser feita pelo coordenador).
3. Completar a lista já iniciada a partir do programa de vídeo.
4. Abrir o debate para sistematizar o que foi registrado até agora.
5. Orientar os professores para que façam anotações no seu Caderno de Registro, escrevendo suas conclusões sobre o que é falar bem.

### **SEQÜÊNCIA 3 - ESCREVER PARA PRESERVAR**

#### **• ATIVIDADE 1 - LEITURA COMPARTILHADA**

##### OBJETIVOS:

Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.

Propiciar contato com textos literários.

Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. Realizar a leitura compartilhada do texto "Lenda da Sapucaia-Roca", de Câmara Cascudo (ver Anexo 4).

#### **• ATIVIDADE 2- ELABORAÇÃO DE UMA LISTA DE HISTÓRIAS INFANTIS**

##### OBJETIVOS:

Refletir sobre a importância do registro escrito como forma de preservação da cultura de um povo.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Pedir aos professores que elaborem uma lista de nomes de histórias infantis tradicionais que não fazem parte da cultura dos povos indígenas e que os professores conheçam. Se o repertório dos professores for muito restrito, essa lista poderá ser elaborada coletivamente e cada professor deverá anotá-la em seu Caderno de Registro.
2. Perguntar aos professores se eles sabem as origens dessas histórias e registrar suas respostas.
3. Ler para o grupo o texto "Os contadores de histórias", abaixo transcrito:

## OS CONTADORES DE HISTÓRIAS

*Antigamente, quando havia muitos iletrados vivendo em distantes zonas rurais ou vilarejos remotos, a transmissão dos contos de fada era oral. Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número maior das famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Coube então aos escritores coletar as narrativas orais e registrá-las no papel, para que não se perdessem. Com o tempo algumas dessas histórias se modificaram, mas nunca deixaram de distrair, encantar e até mesmo assustar crianças do mundo inteiro, que as ouviam boquiabertas de seus avós, ao pé da fogueira.*

*Hoje sua magia ressurge quando os pais lêem ou contam para os filhos histórias que não se perderam graças à escrita.*

Volta ao mundo em 52 histórias, narração de Neil Philip, Companhia das Letrinhas

4. Discutir quais são as implicações possíveis quando pensamos na preservação das histórias e das culturas indígenas. É importante que o coordenador assinale a relevância do registro das histórias, processo e prática que permite que estas sejam transmitidas e conhecidas por diferentes povos e culturas e se perpetuem no tempo.
5. Registrar as falas do grupo.

### • ATIVIDADE 3 - PRODUÇÃO DE TEXTOS

OBJETIVOS:

- Valorizar as línguas indígenas.
  - \*Incentivar a participação dos professores.
  - \*Discutir a importância do registro escrito para a preservação da cultura de um povo.
- Registrar na língua materna ou em língua portuguesa alguns aspectos (receitas, jogos...) que fazem parte da cultura dos povos indígenas.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA E 30 MINUTOS)

- I. Perguntar aos professores se eles têm registrado seus hábitos, tradições, rituais... em sua língua materna. Discutir qual é a importância desse registro a partir do que foi visto anteriormente.

2. Listar quais são as práticas (se houver) que o seu povo não mantém por não terem sido documentadas e que se perderam no tempo. Indagar se, com o registro escrito, tais práticas poderiam ainda existir ou ser recuperadas.
3. Apresentar alguns dos materiais didáticos que compõem o kit do RCNEI e propor aos professores que explorem esses materiais como fonte de informações sobre outros povos, outras histórias, outras práticas e outras culturas. O coordenador deve salientar a importância do registro escrito e os diferentes usos e leituras que esses materiais propiciam.
4. Propor aos professores que escrevam em sua língua materna ou em português algum texto instrucional que faça parte das tradições de seu povo (receita culinária, receita de remédios, regras de um jogo tradicional etc. que sejam típicos da cultura de cada professor). Esses textos poderão ser ilustrados.
5. Montar um mural para que todos os participantes possam compartilhar dessa produção. Se existirem no grupo muitas variações lingüísticas, não dominadas por todos os participantes, pode-se propor a tradução dos textos para português, para que de fato eles mantenham a função comunicativa entre os diferentes professores participantes do módulo.

- **ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVOS:

Familiarizar-se com o RCNEI.

Usar o RCNEI como fonte de informação.

Reconhecer o RCNEI como um instrumento importante para o aprimoramento do trabalho pedagógico.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA E 30 MINUTOS)

1. Pedir que os professores leiam individualmente o seguinte trecho do capítulo de "Línguas", do RCNEI: páginas 119, 120 e 121 (iniciar no trecho.... "A história da educação indígena...." até... "favorecer o desenvolvimento das línguas indígenas no nível oral e escrito").
2. Pedir que sublinhem as idéias principais desse trecho. Sintetizar, na lousa, junto com os professores, as principais conseqüências para o ensino da língua materna apontadas pelo texto lido. O título da síntese deverá ser "Ao trabalhar com línguas é fundamental garantir que....".

3. Solicitar que os professores anotem a síntese no seu **Caderno de Registro** sob o título "Ao trabalhar com línguas é fundamental garantir que....".

#### **SEQÜÊNCIA 4 - LER PARA SE DIVERTIR... APRENDER... CONHECER SEUS DIREITOS... FAZER COISAS... REGISTRAR SUA HISTÓRIA, CULTURA, AS IDÉIAS...**

##### **• ATIVIDADE 1 - LEITURA COMPARTILHADA**

###### **OBJETIVOS:**

- \*Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.
- \*Propiciar contato com textos literários.
- \*Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.

###### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. Realizar a leitura compartilhada do texto "Naro, o Gambá" (ver Anexo 5).

##### **• ATIVIDADE 2 - REGISTRO DA ROTINA DO TRABALHO COM LÍNGUAS**

###### **OBJETIVOS:**

Refletir sobre a importância da leitura no aprendizado de qualquer língua escrita: a leitura contribui para o desenvolvimento das crianças, para o aprendizado da própria leitura e para a produção de textos.

Discutir o fato de que a leitura atende a diferentes propósitos.

###### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Pedir que os professores façam uma lista, no **Caderno de Registro**, das atividades de línguas que eles realizam durante uma semana típica de trabalho.
2. Solicitar que os professores marquem as atividades de leitura que aparecem na rotina (é interessante que eles usem cores diferentes para destacar as atividades de leitura).

3. Registrar na lousa algumas das listas para comparar a quantidade de atividades de leitura com as demais atividades desenvolvidas no trabalho de línguas.

### • ATIVIDADE 3 - PROGRAMA DE VÍDEO

OBJETIVOS:

\*Tomar consciência de que por trás das prioridades que escolhemos existe uma crença que determina nossas ações.

- Discutir as razões da leitura ocupar menos tempo do que a escrita na escola.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA E 30 MINUTOS)

1. Perguntar: "Por que na escola escrevemos muito mais do que lemos?".
2. Registrar na lousa ou num cartaz as observações do grupo.
3. Apresentação do programa de vídeo *Ler se aprende lendo*, da série Parâmetros Curriculares Nacionais da TV Escola. Antes da exibição do vídeo, apresentar os conteúdos que serão tratados. São eles:
  - leitura: resposta a uma necessidade pessoal;
  - o papel dos adultos na formação de crianças leitoras;
  - a função de intérprete do professor, especialmente quando as crianças ainda não sabem ler, e de escriba, quando não sabem escrever;
  - condições para formar leitores;
  - textos interessantes são aqueles que interessam às crianças;
  - reconto: a prática de contar como se estivesse lendo.
4. Registrar, durante a apresentação do programa de vídeo, no momento das pausas, o que é fundamental garantir nas atividades de leitura, anotando na lousa.
5. Discutir com os professores os pontos levantados.

### • ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI

OBJETIVOS:

- Familiarizar-se com o RCNEI.
- Usar o RCNEI como fonte de informação.

\*Reconhecer o RCNEI como um instrumento importante para o aprimoramento do trabalho pedagógico.

- Aprender a retirar informações de um texto.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. O coordenador deve proceder à leitura, em voz alta, do trecho da página 139 do RCNEI ("Todo trabalho com a leitura... até quando este tipo de leitura é necessário").
2. Junto com os professores, propor que se identifiquem as implicações pedagógicas desse trecho e relacionar com o que foi mostrado no vídeo e sistematizado na atividade anterior.

## • **ATIVIDADE 5 - ELABORAÇÃO DE ROTINA DE BOAS SITUAÇÕES DE LEITURA**

OBJETIVOS:

Planejar atividades de leitura que ajudem na formação de alunos leitores.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Em grupos, considerar as implicações pedagógicas registradas na atividade anterior, para elaborar uma rotina de leitura.
2. Elaborar uma lista de situações de leitura possíveis. Para tanto, os professores deverão ser orientados a pensar nas funções da leitura, isto é, para que se lê, por que se lê (para se obter informações, por prazer...). Na seqüência, pedir que elaborem uma lista das boas situações de leitura (leitura compartilhada preparada pelo professor; leitura, pelas crianças, de textos que elas sabem de cor - poemas, músicas, parlendas...; leitura pelas crianças e pelo professor de bilhetes, cartas, textos de jornal, histórias em quadrinhos, textos informativos de história, geografia, ciências...; leitura de contos, histórias, lendas, mitos...).
3. Propor aos professores a reflexão sobre a forma como eles vêm trabalhando a questão da leitura em suas aulas e se, a partir do que estão experimentando neste trabalho, pensam em mudar alguma coisa de sua rotina na sala de aula.

## SEQÜÊNCIA 5 - ESCREVER PARÁ QUEM? ESCREVER PARÁ QUÊ? ESCREVER COMO?

### • ATIVIDADE 1 - LEITURA COMPARTILHADA

#### OBJETIVOS:

Comunicar comportamento leitor, ou seja, atitudes e procedimentos típicos dos leitores.

- Propiciar contato com textos literários.

Favorecer que o coordenador de grupo funcione como um modelo de referência de leitor para os professores.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO: (30 MINUTOS)

1. O coordenador deve proceder à leitura compartilhada do texto "Maria Angula - contos de assombração" (ver Anexo 6)

### • ATIVIDADE 2 - ESCRITA COLETIVA DE DOIS TEXTOS DITADOS PELOS PROFESSÔRES

#### OBJETIVOS:

\*Diferenciar a capacidade de produzir textos da capacidade de saber escrevê-los.

\*Compreender a importância da leitura para a produção de textos.

- Diferenciar a linguagem oral da linguagem escrita.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (2 HORAS E 30 MINUTOS)

1. Dividir os professores em dois grupos. Cada grupo deve escolher um escriba/relator.
2. Entregar a proposta de escrita, que se segue, para cada grupo, explicando que os professores deverão ditar o texto e ajudar aquele que assumiu o papel de escriba a revisar sua produção. Depois de produzido, o texto deverá ser apresentado em um cartaz. Proposta de escrita para os grupos:

Escrever uma carta endereçada ao Presidente da República reivindicando maiores verbas para a saúde e a educação dos povos indígenas.

Escrever um texto informativo sobre os efeitos da poluição dos rios ou da derrubada da floresta.

3. Pedir para que cada grupo proceda à leitura do texto produzido coletivamente.
4. Relatar como foi a experiência de escrever o texto - os dois grupos deverão apresentar suas experiências.
5. Registrar as falas dos professores - para isso, a lousa deverá ser dividida em duas partes e em cada parte deverá estar escrito um texto.
6. Perguntar aos professores por que foi mais fácil escrever a carta (provavelmente é isso que acontecerá) e discutir as respostas.

- **ATIVIDADE 3 - LEITURA DE TEXTO**

**OBJETIVOS:**

\*Promover a reflexão sobre os diferentes propósitos da escrita.

\*Propiciar a compreensão sobre as condições necessárias para produzir um bom texto.

- Possibilitar a leitura de um texto para estudar e obter informações.

**PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA E 30 MINUTOS)**

1. Entregar cópia do texto "Escrever é preciso" (ver Anexo 7) para os professores e comentar rapidamente as principais questões nele tratadas. Este não é um texto fácil, mas é fundamental para que os professores possam planejar boas situações de escrita. Ao preparar previamente o trabalho e suas intervenções, o coordenador deve antecipar as prováveis dificuldades do grupo para compreender o texto. As informações prévias sobre o conteúdo do texto ajudarão os professores a estabelecer relação entre o que viram no programa de vídeo, o que discutiram e o que o texto apresenta.
2. Pedir que eles façam uma primeira leitura individualmente.
3. Ler o texto em voz alta, enquanto os professores acompanham a leitura, parando a cada parágrafo para extrair as informações mais relevantes.
4. Registrar na lousa ou num cartaz as informações mais relevantes.
5. Sintetizar as idéias dos professores num quadro: **para produzir bons textos escritos é bom que... .**
6. Pedir que os professores anotem no **Caderno de Registro** as idéias sintetizadas sob o título: **para produzir bons textos escritos é bom que... .**

- ATIVIDADE 4 - ANÁLISE DOS REGISTROS REALIZADOS

OBJETIVOS:

\*Perceber a importância de retomar o registro escrito para estudar, sistematizar e, quando necessário, completar seu conteúdo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Pedir aos professores que releiam suas anotações e observem todas as sínteses que foram elaboradas durante o trabalho neste módulo de línguas.
2. Explicitar a proposta de escrita "Ao planejar meu trabalho de línguas não posso me esquecer de...".
3. Propor que cada participante socialize suas observações para que se faça uma lista coletiva.
4. Solicitar que os professores acrescentem, no Caderno de Registro, as observações que não foram contempladas nas observações individuais.

- ATIVIDADE 5 - LEITURA COMPARTILHADA

OBJETIVOS:

Sensibilizar os professores para que reflitam sobre o seu processo de aprendizagem.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (30 MINUTOS)

1. O coordenador deve proceder à leitura compartilhada do texto "Aprender nunca é o que se espera" (ver Anexo 8).
2. Propor a discussão do texto pelos presentes.

- ATIVIDADE 6 - AVALIAÇÃO DO TRABALHO

OBJETIVOS:

- Avaliar o trabalho realizado.

Possibilitar que o professor identifique e avalie seu percurso de aprendizagem.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (1 HORA)

1. Reapresentar as expectativas de aprendizagem do módulo.

2. Solicitar aos professores que identifiquem as expectativas de aprendizagem tratadas neste módulo.
3. Propor que os professores avaliem se as expectativas foram atingidas.

## 9. ANEXOS

### ANEXO 1

#### COMO NASCERAM AS ESTRELAS

Clarice Lispector  
(Editora Rocco)

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve estrelas pisca-pisca. Mas é um erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro - e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfiaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

- Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.)

Curumim dá sorte. E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta - eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas - se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando

as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformando-se em gordas estrelas brilhantes.

Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca.

## ANEXO 2

### TÔDA NAÇÃO INDÍGENA TEM A SUA LÍNGUA PRÓPRIA

Eunice Dias de Paula et alii (org.)

**História dos Povos Indígenas: 500 anos de luta no Brasil,**

Editora Vozes/Cimi, 1986

A LÍNGUA de um Povo é que dá o nome para todas as coisas.

Dá nome para peixe. Dá nome para bicho. Dá nome para pau. Nome para remédio.  
Nome para plantação da roça. Nome para água. Nome para sol, nome para lua.  
Nome para estrela. Nome para dança.

Dá nome para as pessoas. Dá nome para os Espíritos. Dá nome para tudo.

E na nossa língua que a gente canta. E na nossa língua que a gente reza. E na nossa língua que os mais velhos contam as histórias dos antigos. E na nossa língua que a gente combina para derrubar a roça.

Combina para caçar, combina para pescar, combina para fazer casa, combina para fazer festa.

É na nossa língua que se combina casamento.

Só com nossa língua é que dá para ensinar para as crianças os costumes dos antigos.

Os outros Povos não sabem nossa língua.

O homem branco também não sabe nossa língua.

Quando homem branco chegou, aqui tinha muita coisa que ele não conhecia.

Só os índios que sabiam o nome dessas coisas.

Então, os brancos aprenderam o nome que os índios sabiam.

Aprenderam a falar:

Urubu. Piranha. Quati. Jacaré. Cutia. Paca. Surucucu. Tatu. Tamanduá. Jabuti.  
Tocandira. Tucunaré. Pacu. Aruanã. Jacu. Tucano. Pirarucu. Arara. Mutum. Jararaca.  
Uirapuru.

Aprende a falar:

Buriti. Urucum. Jenipapo. Caju. Pipoca. Cupuaçu. Amendoim. Taquara. Mandioca.  
Cará. Milho. Beiju. Tapioca. Pequi. Mangaba. Ananás. Inajá.

Os brancos também usaram nomes indígenas para as cidades e para os rios:

Goiás. Jatai. Ubá. Cuiabá. Itacoatiara. Chapecó. Guaratinguetá. Porangatu.

Guanabara. Ipiranga. Roraima. Xanxerê. Ipanema. Itapetininga. Manaus. Ji-Paraná.  
Paraná. Juruena. Camararé. Purus. Paranapanema. Tapajós. Pindaré. Gururpi.  
Juruá.

Até nome de gente, os brancos aprenderam dos índios:

Iara. Moema. Japi. Ubiratã. Araci. Jaci. Coraci. Ubirajara.

## ANEXO 3

### POR QUE O MAR TANTO CHORA

Neil Philip (org.) **Volta ao mundo em 52 histórias**

Companhia das Letrinhas, São Paulo

Era uma vez uma rainha que estava casada havia muito tempo e nunca tivera um filho. "Meu Deus, permita que eu engravide, nem que seja para dar à luz uma serpente", ela rezava noite e dia. Até que por fim Deus ouviu sua prece e lhe concedeu uma filha, que nasceu com uma cobra enrolada no pescoço.

A princesinha recebeu o nome de Maria e, assim que aprendeu a falar, chamou a cobra de Dona Labismina. As duas eram grandes amigas. Passeavam muito pela praia, nadavam juntas, brincavam. Às vezes Maria deixava Dona Labismina mergulhar sozinha, mas, se ela demorava a voltar, punha-se a chorar em grande aflição. Um dia a cobra entrou no mar e desapareceu. Antes, porém, disse à princesa que, se estivesse em perigo, bastaria chamá-la.

Anos depois a rainha de um país vizinho adoeceu. Quando estava prestes a morrer, tirou um anel do dedo e o entregou ao rei, seu marido, dizendo-lhe: "Se você se casar de novo, escolha uma princesa em cujo dedo caiba este anel direitinho".

Tão logo ficou viúvo, o rei, que era um homem velho, feio e rabugento, resolveu procurar uma noiva. Mandou o anel para todas as princesas do mundo experimentarem, e ele não coube em nenhum dedo.

Então descobriu que uma princesa ainda não o experimentara: Maria. Foi visitá-la em seu palácio e sem a menor dificuldade colocou-lhe o anel no dedo. Maria não queria se casar com aquele homem horroroso, mas seus pais exultaram, pois o viúvo era imensamente rico.

O casamento foi marcado para breve. A pobre noiva, desesperada, chorou dias a fio, até que se lembrou do que Dona Labismina lhe dissera ao se despedir. Foi então para a praia, chamou sua fiel amiga e lhe contou o que estava acontecendo. "Não se preocupe", a cobra falou. "Diga ao rei que só se casará com ele se lhe der um vestido da cor da mata com todas as flores".

Maria fez exatamente como Dona Labismina lhe recomendou. O velho ficou muito aborrecido, mas, como estava encantado com a beleza da noiva, prometeu que lhe daria o tal vestido. Demorou bastante tempo, porém acabou cumprindo a palavra.

"E agora, o que vou fazer?", a princesa perguntou à cobra.

"Diga-lhe que só se casará com ele se lhe der um vestido da cor do mar com todos os peixes", respondeu a boa amiga.

O rei se aborreceu ainda mais, porém fez de tudo para atender à exigência da noiva. E lá se foi Maria novamente pedir socorro a Dona Labismina. "Diga-lhe que só se casará com ele se lhe der um vestido da cor do céu com todas as estrelas", recomendou a cobra.

Ao tomar conhecimento desse novo capricho, o rei ficou terrivelmente irritado, mas, como nas outras vezes, prometeu satisfazê-lo e não deixou de cumprir a promessa.

Desesperada, a princesa correu para a praia, onde sua fiel amiga já a esperava, com um barco a postos. "Fuja, depressa!", disse-lhe Dona Labismina. "Este barco a levará para um reino distante, onde você se casará com o filho do rei. No dia de seu casamento, vá até a praia e me chame três vezes, para que meu encantamento se rompa e eu também seja princesa".

Maria partiu e, conforme a cobra informara, foi ter a um reino distante. Sem recursos para se manter, dirigiu-se ao palácio e pediu emprego. Encarregaram-na de cuidar do galinheiro.

Pouco depois realizou-se na cidade uma grande festa anual, que durava três dias. A família real e os fidalgos da corte saíram para festejar com o povo. Maria recebeu ordens de ficar com as galinhas, porém, assim que se viu sozinha, pôs seu vestido da cor da mata com todas as flores, pediu a Dona Labismina uma linda carruagem e também foi à festa.

Todos que viram se maravilharam com sua beleza, principalmente o filho do rei, mas ninguém a reconheceu. Maria se divertiu por algumas horas e voltou para o palácio. Estava em seu canto, toda esfarrapada, quando o príncipe chegou. "Você viu aquela beldade?", o rapaz perguntou à mãe, ao descer da carruagem. "Não acha que se parecia com a moça que cuida de nosso galinheiro?" A rainha franziu a testa, surpresa: "Imagine! A moça do galinheiro vive suja e maltrapilha..."

O príncipe deixou os pais entrarem e foi falar com Maria. "Hoje vi lá na festa uma jovem muito parecida com você..." Corando até a alma, a pobrezinha murmurou: "Por favor, Alteza, não zombe de mim!".

No dia seguinte, depois que todos saíram, Maria pôs seu vestido da cor do mar com todos os peixes e foi se divertir um pouco.

Perdidamente apaixonado, o filho do rei perguntou a uns e outros quem era aquela beleza, mas ninguém soube lhe dizer.

No terceiro dia de festa Maria usou seu vestido da cor do céu com todas as estrelas e, quando ia se retirar, recebeu do príncipe uma jóia.

Encerrados os festejos, o filho do rei caiu numa tristeza de dar pena. Passava o tempo todo na cama, suspirando, e se recusava a comer. Sem saber mais o que

fazer, a rainha ordenou à moça do galinheiro que preparasse uma canja suculenta. Maria obedeceu sem pestanejar e, antes de mandar a tigela de canja para o príncipe, colocou dentro o presente que ele lhe dera. Ao tomar a primeira colherada, o rapaz encontrou a jóia e saltou da cama, gritando: "Estou curado! Minha amada é a moça do galinheiro!".

A rainha chamou Maria, que se apresentou usando o vestido da cor do céu e naquele mesmo dia se casou com o príncipe.

Zonza de felicidade, a jovem se esqueceu de ir até a praia e chamar três vezes por sua fiel amiga. Assim, Dona Labismina nunca se libertou de seu encantamento, e é por isso que o mar tanto chora.

## LENDA DA SAPUCAIA-ROCA

Câmara Cascudo, **Contos e lendas**

Sapucaia-Roca é uma pequena povoação à margem do Rio Madeira.

Pouco abaixo do lugar em que se acha assentada, referem os índios que existiu outrora uma outra povoação, muito maior do que esta, e que um dia desapareceu da superfície da terra, sepultando-se nas profundidades do rio.

E que os muras, que então habitavam, levavam a vida desordenada e má, e nas festas, que em honra de Tupana celebravam, entregavam-se a danças tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dor aos angaturamas, que eram os espíritos protetores, que por eles velavam.

Por vezes os velhos e inspirados pajés, sabedores dos segredos de Tupana, haviam-nos advertido de que tremendo castigo os ameaçava, se não rompessem com a prática de tão criminosas abominações.

Mas cegos e surdos, os muras não os viam, nem os ouviam. E pois um dia, em meio das festas e das danças e quando mais quente fervia a orgia, tremeu de súbito a terra e na voragem das águas, que se erguiam, desapareceu a povoação.

As altas barrancas que ainda hoje ali se vêem, atestam a profundidade do abismo em que foi arrojada a povoação e os réprobos...

Depois, muitos anos depois, foi que começou a surgir a atual povoação, que ainda não pôde atingir ao grau de esplendor da que fora submergida.

Foram de novo habitá-la os muras; mas em breve, por entre a escuridão da noite começaram a ouvir, transidos de medo, como o cantar sonoro de gaios, que incessante se erguia do fundo das águas.

Consultados os pajés, que perscrutavam os segredos do destino, declararam estes que aquele cantar de gaios, ouvido em horas mortas da noite, provinha daqueles mesmos angaturamas, que deploraram outrora a misérrima sorte da povoação submergida e que, sempre protetores dos filhos dos muras, serviam-se do canto despertador dos gaios da sapucaia-roca submergida, para recordarem o tremendo castigo por que passaram seus maiores e desviarem a nova geração do perigo de sorte igual.

E este o fato que deu origem ao nome da povoação: Sapucaia-Roca.

## NARO, O GAMBÁ

Ciça Fittipaldi, **Coleção Morena**,  
Editora Melhoramentos, São Paulo

Naro era gente-gambá.

Bichos, antes, eram gente. Ancestrais Yanomami. Gente que foi transformada em bicho.

Eram gente-bicho, gente com nome de bicho.

O tapiri do Gambá era como o buraco de árvore. A sua maloca pequena, numa árvore muito bonita.

A floresta.

Lá, muitas outras malocas foram construídas, lado a lado, uma para cada família. Todas juntas, fazendo fileira, fechavam um grande círculo, deixando um buraco no alto. E chamado xabono quando fica assim, tanto tapiri grudado. No xabono onde morava Gambá também vivia Mel. Como era belo! Usava braçadeiras de penas de arara e trazia nas orelhas pendentes de penas da cotinga azul.

O Gambá era feio mas se achava o máximo. Não tinha pontaria, era caçador muito ruim.

Só trazia enfeite no braço, com penas do rabo de hutum.

O gambá fedorento. Como fedia o pêlo do Gambá.

Um dia chegaram duas visitantes. Uma era Flor, muito perfumada, a outra era Abelha. As duas bonitas.

Chegaram no tapiri do Gambá quando ele não estava. A mãe dele é que chamou as duas pra dentro. Logo fizeram careta: o lugar do Gambá tinha um cheiro horrórico. A mãe do Gambá ofereceu um pedaço de carne dizendo que era anta. Na realidade, era uma fatia que ele havia tirado, escondida, da sua própria perna. Fedia muito, as moças não quiseram comer.

Mais um pouco, Gambá chegou. Pediu o rabo do macaco emplumado que gosta de usar amarrado na cabeça. Seu enfeite estava todo estragado, todo roído. Gambá ficou se balançando e assobiando, se oferecendo e se mostrando para as mulheres. Era ridículo.

- Mãe! Dê tabaco para as moças prepararem para mim! - ele se exibia.

As moças foram preparar a mascada de tabaco, assim, sem vontade.

Estavam nisso, quando viram Mel que vinha chegando ao xabono. O homem mais bonito de lá. Seu corpo pintado de ocre, listas sinuosas desde as costas, pelas pernas.

Chegou no seu fogo, pendurou a rede. No seu tapiri tinha muita compota de banana fervida. Hummmm...Tudo cheirava bem.

Flor e Abelha desejaram Mel. Gambá fedia muito, tinha comida fedorenta também.

Flor e Abelha foram namorar com Mel. Entraram na sua rede, ficaram alisando seu corpo, fazendo carinho.

Naro, o Gambá, ficou com ciúmes. Grandes ciúmes.

- Perdi meus esforços com elas!... - ele se lamentava e dirigia olhares furtivos, olhares violentos para a rede de seu rival.

Naro queria se vingar. Não fechou um olho a noite inteira.

De manhã as coisas continuavam na mesma. Naro saiu da maloca com raiva, se enfiou no mato.

Dentro da selva ele cortou madeira para fazer dardos. Depois arrancou seus próprios pêlos, queimou, transformou em pó, fabricando um veneno que colocou nos dardos. Era sua raiva que ia inventando a feitiçaria e a vingança.

Naro ficou escondido na beira de um caminho. Estava agachado quando Mel apareceu.

Gambá soprou sua zarabatana, lançou o dardo enfeitiçado contra ele.

Mel ficou, já, muito doente. Começou a voltar atrás, para a maloca. Com o veneno, a cada passo ficava mais fraco.

Gambá voltava por outro caminho. Encontrou o Lagarto que recolhia mel. Este estava tão atento ao que fazia que nem reparou no Gambá. Naro soprou um dardo contra ele mas só pegou de raspão.

- Quem me manda este veneno? Ah! É você, Naro! Já te vi!

Naro fugia. Lagarto queimava folhas secas para se proteger das abelhas. Disse às suas mulheres:

- Comam depressa que vamos embora. As mordidas de abelha estão me dando dor de cabeça.

Todos voltaram ao xabono.

Lá, brotava uma grande dor. Mel tinha acabado de morrer.

- Ai, ai! Ai, ai! Era um dos meus! - soluçavam e gritavam os parentes.

- Agora queimaremos tudo que lhe pertenceu! Esqueceremos. Nunca mais chamaremos por seu nome. Tudo queimará junto com seu belo corpo. Suas armas, seus enfeites, tudo! - todos se queixavam.

- Meu homem, que lindo era! Inimigos de outra parte o mataram! - chorava Flor.

Naro também chorava e gritava. Fingindo, dançava, um passo pra frente e pra trás, os braços levantados, os olhos cheios de lágrimas.

Chegou o Lagarto:

- Quem foi? Quem morreu?

- Mataram Mel com maus encantos ... - soluçava Abelha.

- Não pensem que o responsável por isso veio de fora, não - disse Lagarto.

- O culpado é Gambá que lançou um malefício. Eu mesmo senti!

Naro se deslizava fora do grupo. Saía de manso da maloca, pra ninguém perceber.

Mas logo deram falta e partiram todos atrás.

As brasas da fogueira de Mel se apagavam. Das cinzas surgia um ruído estranho: arererererere... arererererere...

As cinzas começaram a voar, transformadas em abelhas que se enfiaram numa árvore oca.

Gambá já estava longe.

Pica-Pau, trepado numa árvore alta, observava todas as direções. Mandava notícias para os outros:

- Já estou vendo, está lá, o Gambá! Se esconde nas raízes das árvores. De gente, vira bicho, gambá debaixo das folhas secas. Agora é gente de novo, corre por um descampado... O medo faz o Gambá voar. Crescem as penas rapidamente, toma altura. Olhem como voa! Não é mais que um ponto minúsculo lá em cima! Pica-Pau subia mais alto na árvore:

- Desapareceu!... Apareceu de novo, um pontinho no céu. Começou a descer, está dando a volta no Monte da Lua. Agora, no chão outra vez. Entrou na toca do tatu. Saiu. Uma pedra o esconde... Lá está ele, vai se desviando para a Serra do Trovão. Sentou lá em cima... acho que vai ficar por lá... Não! Já se levantou! Pica-Pau tava nas pontas dos pés, no galho mais alto. Esticava o pescoço:

- Lá está, Naro Gambá! A caminho do Morro Quebra-Facão. Vai parar... Lá tem uma pedra enorme, muito dura de quebrar! Ele está se escondendo numa fenda da pedra. É lá que ele está!

Pica-Pau desceu do observatório. A copa da árvore balançava, suave, com a brisa.

As folhas murmuravam, eram os hekura, os espíritos falando.

Morro Quebra-Facão. A pedra grande no alto. Tem um cipó lá em cima, vem do galho de uma velha, desce na frente da pedra.

Todos lá. O último a chegar foi Lagarto que vive no musgo das pedras, se arrasta devagar. Escalou o cipó pra descobrir o esconderijo do Gambá, o buraco onde ele estava enfiado e onde gemia sem parar. Gambá chorando seu fim.

Então subiu Hobiwè, antepassado Yanomami da formiga. Naro, desesperado, gritava:

- Já conseguiu chegar, cabeça chata! O que veio fazer aqui em cima? Olhe que você vai virar formiga...

Hobiwè tapou o buraco-esconderijo do Gambá com uma pedra. Naro, preso, gritava e berrava. Na descida, Hobiwè virou formiga mesmo, pra sempre: aquela da cabeça chata, que não morde.

Todos os Yanomami-pássaros, Louros, Periquitos, Perdizes e Araras, subiram com seus bico-facões para tentar derrubar a grande pedra. Batiam, batiam, não conseguiram mais que tirar umas lascas. O bico das perdizes ficou curto e encurvado. Os bicos dos papagaios e araras se dobravam pra dentro.

Aí, vieram os Tucanos com seus bico-machados, muito mais eficientes. Eles conseguiram soltar a pedra do monte. Só que a pedra vacilava mas não caía porque o cipó estava segurando.

Então mandaram Preguiça subir pra cortar o cipó. Preguiça subiu contrariado:

- E se a árvore, livre do peso da pedra, me atira com força para longe? Preguiça com medo. Mesmo assim, chegando no alto, cortou o cipó.

Derrubaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaram a pedra. Foi assim, com o Gambá dentro.

O sangue de Naro se espalhou.

Os ancestrais Yanomami gente-bicho foram se banhar no sangue e naquele momento se transformaram em bichos mesmo, caça, bichos para flechar.

Jabutis apareceram andando. Veados, antas e onças. Tudo.

Yanomami-Guariba, gente-Mutum, gente-Arara, os Cuxius, todos se lavaram no sangue.

Gente-Coatá, pessoa-Cairara, Ouriço-Cacheiro, todos se pintaram.

Com vermelho, branco e negro. Com o sangue, com o cérebro, com o fel de Naro.

Arara banhou as penas todas com muito sangue. Gastou tudo.

Assim, os bichos tiveram suas cores, que são estas pinturas corporais.

Orientados por Tucano, mais sábio, os bichos começaram a voar, correr o chão, subir nas árvores. E assim se fez a repartição dos seus territórios atuais.

Preguiça demorou tanto para descer que não encontrou mais nada. Só tinha sobrado um pouquinho de bosta do gambá. Preguiça pegou uma varinha, salpicou aquilo nas costas, pintou em volta dos olhos. Depois começou a escalar lentamente a árvore, onde aprendeu a ficar agarrada.

Alguns foram aconselhados pelo Tucano para que fossem habitar as pedras.

As pedras eram vazias naquele tempo. Eles foram povoá-las.

As pedras, as rochas, as montanhas.

## ANEXO 6

### MARIA ANGULA

(conto de tradição equatoriana)

**Contos de assombração**, Co-edição Latino-Americana

Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros. Por isso tinha fama de leva-e-traz, linguaruda, e era chamada de moleca fofoqueira.

Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, dedicada a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a cuidar da casa e a preparar pratos saborosos.

Quando Maria Angula se casou, começaram os seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor idéia de como prepará-la.

Queimando as mãos com uma mecha embebida em gordura, acendeu o carvão e levou ao fogo um caldeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia idéia de como continuar.

Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.

- Minha cara vizinha, por acaso a senhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?
- Claro, dona Maria. E assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois despeja-se este pão no caldo e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.
- Só isso?
- Só, vizinha.

- Ah - disse Maria Angula - mas isso eu já sabia! - E voou para a sua cozinha a fim de não esquecer a receita.

No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com toicinho, a história se repetiu:

- Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com toicinho? E como da outra vez, tão logo a sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:
- Ah! E só? Mas isso eu já sabia! - E correu imediatamente para casa a fim de prepará-lo.

Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: "Ah, é assim que se faz o arroz com

carneiro? Mas isso eu já sabia! Ah, é assim que se prepara a dobradinha? Mas isso eu já sabia!" Por isso a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...

- Dona Mercedinha!

- O que deseja, dona Maria?

- Nada, querida, só que o meu marido quer comer no jantar um caldo de tripas e bucho e eu...

- Ah, mas isso é fácil demais! - disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:

- Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois espere chegar o último defunto do dia e, sem que ninguém a veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois que ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.

- Ah - disse como sempre Maria Angula. - E só? Mas isso eu já sabia!

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e... Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.

Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo a qualquer um.

De súbito, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que deteve diante da porta. Fez-se um minuto eterno de silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou-a.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!

Maria Angula sentou-se na cama, horrorizada, e, com os olhos esbugalhados de tanto medo, viu a porta se abrir, empurrada lentamente por essa figura luminosa e descarnada.

A mulher perdeu a fala. Ali, diante dela, estava o defunto, que avançava mostrando-lhe o seu semblante rígido e o seu ventre esvaziado.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!

Aterrorizada, escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!

Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.

## ANEXO 7

### ESCREVER É PRECISO

Rosaura Soligo

Texto publicado em **Cadernos da TV Escola**,  
MEC/1999

Os textos escritos não são fruto apenas do que os escritores querem dizer, mas também do que eles supõem ser de interesse dos leitores. Há um "contrato" implícito entre autor e leitor. Quem escreve imagina um leitor empenhado em compreender o que o texto diz. Os leitores, por sua vez, esperam que os autores estejam dizendo algo de fato interessante, algo que vale a pena ler.

*Meu avô nos escrevia três vezes por semana, para mim uma carta toda em versos. Para que eu apreciasse melhor a minha felicidade[...] Alguém me surpreendeu rabiscando uma resposta versificada; insistiram para que eu a terminasse, ajudaram-me a fazê-lo [...] Na volta do correio, recebi um poema em minha glória; respondi com outro poema. O hábito estava adquirido, avô e neto haviam se unido por um novo laço [...] Eu escrevia por macaquice, por cerimônia, para bancar o importante; escrevia sobretudo porque era neto de Charles Schweitzer.*

**(Jean-Paul Sartre)**

**Um texto escrito tem eficácia quando expressa o significado pretendido por quem escreve e se faz compreensível a quem lê. Ou seja, quando há a máxima aproximação entre o que se quis dizer, o que efetivamente se disse e o que foi compreendido.**

Muitas das críticas que a escola tradicional tem recebido dos especialistas em linguagem dizem respeito à violação dessa regra básica de comunicação: dizer algo a alguém por meio de textos.

Ao analisar as principais dificuldades de redação nos diferentes níveis de escolaridade, freqüentemente encontramos narrações que não contam histórias, cartas que não parecem cartas, textos expositivos que não expõem idéias, textos argumentativos que não defendem ponto de vista algum.

Uma das prováveis razões dessas dificuldades para redigir pode ser o fato de a escola colocar a avaliação como objetivo da escrita.

## UM TEXTO EFICAZ

Todo texto tem um quem, um pará quê, um o quê, um onde, um como. Quer dizer, todas as pessoas que escrevem devem considerar:

- a quem o texto se destina (um quem);
- \* o propósito que justifica o ato de produzir o texto (um para quê);
- \*a mensagem: o que se vai ser dito (um o quê);
- \*o gênero: se é uma carta, um poema, uma história, um relatório, uma crônica, uma notícia, ou um cartaz;
- \*o portador: se vai ser publicado em um livro, vai para o mural, ou ficará no próprio caderno;
- \*todos os aspectos relacionados com a escrita: coerência, adequação da linguagem, gramática, pontuação, ortografia;
- \*a necessidade de revisar o texto pronto, de fazer uma leitura crítica que avalie sua qualidade e sua eficácia.

A produção da escrita exige a todo instante uma mudança de papel do autor, indo de sua posição de escritor para a de leitor do próprio texto. Esse papel de analista do já escrito permite o controle de qualidade do conteúdo e da forma do texto. Aquele que escreve tem de ser, quase ao mesmo tempo, autor, leitor e revisor.

Desde que entram na escola, as crianças devem ser iniciadas nesse difícil processo. Se não forem incentivadas desde o princípio, se não puderem contar com a **colaboração de seus professores e se não tiverem bons modelos de referência, será** quase impossível conquistar essa habilidade. Afinal, o amor à leitura e à escrita tem a ver com uma iniciação bem-feita e apoiada.

Veja o depoimento do escritor Jean-Paul Sartre a respeito de como começou a escrever, ainda criança, apoiando-se em textos de outros autores.

**Um sábio, sua filha e um jovem explorador ...subiam o curso do Amazonas à caça** de uma preciosa borboleta. O argumento, os personagens, o detalhe das aventuras, o próprio título, eu tomara emprestados de uma história em quadrinhos [...] Considerava-me um copista? Não. Mas sim autor original: eu retocava, remoçava; por exemplo, adotara o cuidado de trocar os nomes dos personagens. Essas ligeiras alterações me autorizavam a confundir a memória e a imaginação. Novas e totalmente escritas, certas frases se reformavam em minha cabeça com a segurança que a gente atribui à inspiração. Eu as transcrevia, elas assumiam a meus olhos a densidade das coisas. Se o autor inspirado, como se crê comumente, é outro que não ele mesmo no íntimo de si próprio, conheci a inspiração entre os sete e os oito anos.

Muitos de nós temos uma crença idealizada tanto do ato de ler como do ato de escrever. Se nos pedirem para descrever uma cena que pareça representar o ato de ler, é bem provável que digamos: Uma pessoa sentada em uma poltrona, ao lado da janela, lendo um grosso livro de literatura - um clássico, talvez. Ou seja, nossa imagem é de uma cena rara nos dias de hoje, em que se lê no ônibus, no trem, andando na rua...

E se nos perguntarem por que não escrevemos, possivelmente diremos que não temos talento, mais ainda para os textos literários. Talvez porque consideramos a literatura uma arte para pessoas especiais, porque não nos sentimos capazes de produzir textos literários, considerando que vale mais a pena lê-los do que escrevê-los. Será que, pensando dessa maneira, conseguiremos incentivar e ajudar nossos alunos a ler e escrever diferentes tipos de texto?

#### A PRODUÇÃO PE BONS TEXTOS

Escrever bem - produzir textos não só corretos, mas também bem escritos - é **resultado tanto da leitura de muitos e diferentes textos como também da possibilidade** de pensar e conversar sobre o ato de escrever. Por isso, é fundamental que o trabalho pedagógico de produção de textos se apoie em determinadas referências:

A leitura é condição para a escrita de textos: não se pode escrever bem sem ter um amplo repertório de textos lidos/ouvidos.

- A leitura feita pelo aluno e/ou pelo professor deve ser diária: quanto menos os alunos souberem ler, mais devem ser desafiados a ler e mais devem ouvir leituras feitas pelo professor.
- O repertório de textos conhecidos precisa ser amplo e diversificado, se o objetivo for levar os alunos a produzir diferentes gêneros.
- O repertório adquirido por meio da leitura não é suficiente para garantir a qualidade na escrita: é preciso receber ajuda para pensar na organização dos textos, analisar suas características e olhar a própria produção com olhos críticos.

É possível produzir textos sem saber escrever: basta ter ajuda e incentivo.

É possível saber escrever mas não conseguir produzir textos por escrito: dominar tecnicamente o sistema de escrita não garante o uso eficaz da linguagem.

Os textos devem ser revisados durante e após a escrita.

E preciso submeter os textos à leitura crítica de outras pessoas.

- E recomendável revisar textos escritos há algum tempo para identificar eventuais inadequações e erros e observar como já é possível escrever as mesmas coisas de maneira diferente.

É recomendável guardar os rascunhos, para poder analisar o próprio percurso criador e compreender que os textos são sempre provisórios.

As propostas de produção de textos devem ser funcionais e significativas.

As propostas iniciais de produção de textos podem se apoiar em outros textos.

**A leitura oferece modelos de referência; a análise coletiva das características de cada gênero potencializa o uso desse conhecimento na própria criação.**

Para melhorar a capacidade de redigir dos alunos, é decisiva a contribuição do professor, sob diferentes formas:

por meio de boas propostas de produção de textos;

intervindo enquanto os textos estão sendo escritos e quando estão terminados;

propondo situações de revisão, durante e após a escrita.

Houve época em que se pretendia ensinar aos alunos "técnicas de redação". Hoje, sabemos que as técnicas de redação pouco ajudaram nossas crianças e nossos jovens a colocar suas idéias por escrito. Por isso, a questão que se coloca hoje é muito mais criar situações de produção de textos, e não ensinar as técnicas.

Vamos mostrar algumas situações de produção de textos com apoio. Isso porque, agora sabemos, a capacidade de produzir textos próprios depende em grande medida da possibilidade de operar com textos produzidos por outras pessoas. Ou seja, a criação não é propriamente um talento: é um árduo trabalho, a partir de textos já escritos.

#### SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Reescrever ou parafrasear bons textos, que os alunos já conhecem por meio da leitura.

Transformar um gênero em outro: escrever um conto de mistério a partir de uma notícia policial e vice-versa; transformar uma entrevista em reportagem e vice-versa etc.

Produzir textos a partir de outros conhecidos: um bilhete ou uma carta que o personagem de um conto teria escrito a outro; um trecho do diário de um personagem; uma mensagem de alerta acerca dos perigos de uma dada situação; uma notícia informando o desfecho de uma trama; uma crônica tratando de acontecimentos curiosos etc.

Dar o começo de um texto para os alunos continuarem (ou o fim, para que escrevam o início e o meio).

Planejar coletivamente o texto (o enredo da história, por exemplo), para depois cada aluno escrever sua versão (sozinho ou em parceria com um ou dois colegas).

Transformar a trama original de um texto a partir de um ponto de vista diferente. Por exemplo escrever a Fábula da Formiga e da Cigarra defendendo as atitudes da cigarra.

Compor novos textos utilizando personagens e acontecimentos de várias histórias conhecidas.

Escrever ou reescrever textos em parceria.

É importante que as atividades de produção de textos com apoio sejam planejadas de forma que os alunos se preocupem apenas com os aspectos aos quais o professor deu prioridade, por estarem relacionadas com o desenvolvimento do conteúdo em questão.

É certo que há situações na escola nas quais são feitas coisas para aprender a fazê-las - como é o caso dessas propostas. Mas se queremos nossos alunos envolvidos com a aprendizagem do que pretendemos lhes ensinar, então não podemos esquecer jamais que nossas propostas devem fazer sentido para eles. É necessário aproximar - o máximo possível - as condições de produção de texto na escola das condições reais de produção fora dela.

#### BIBLIOGRAFIA

MACHADO, Irene Araújo. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

REGO, Lúcia Lins Browne. *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na Pré-escola*. São Paulo: FTD, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SOLIGO, Rosaura, ANTUNES DE BARROS, Rosa Maria. *Projeto de narrativas literárias*. Secretaria do Estado da Educação do Paraná, 1997.

TEBEROSKY, Ana. *Psicopedagogia da linguagem escrita*. São Paulo: Trajetória/Unicamp, 1989.

APRENDENDO A ESCREVER. São Paulo: Ática, 1994.

## APRENDER NUNCA É O QUE SE ESPERA!

Texto adaptado por Rosaura Soligo, com base no depoimento do índio "Don Juan" ao antropólogo Carlos Castafieda, contido em **A erva do Diabo**, de Carlos Castafieda. São Paulo, Ediouro, 1968

Quando um homem começa a aprender, ele nunca sabe muito claramente quais são seus objetivos. Seu propósito é falho; sua intenção, vaga. Espera recompensas que nunca se materializarão, pois não conhece nada das dificuldades da aprendizagem.

Devagar, começa a aprender... A princípio, pouco a pouco; depois em porções maiores. E logo seus pensamentos entram em choque. O que aprende nunca é o que imaginava, de modo que começa a ter medo - aprender nunca é o que se espera. Cada passo da aprendizagem é uma difícil tarefa, e o medo que o homem sente começa a crescer impiedosamente, sem ceder. Seu propósito torna-se um campo de batalha.

O homem depara-se, então, com o primeiro de seus inimigos naturais: o medo! Um inimigo terrível, traiçoeiro, difícil de vencer - permanece oculto em todas as voltas do caminho, rondando, à espreita. E se o homem foge apavorado, seu inimigo terá posto fim a sua busca: jamais aprenderá, jamais virá a ser um homem de conhecimento. Talvez torne-se um tirano ou uma pobre criatura apavorada e inofensiva: de qualquer forma, estará vencido. Seu primeiro inimigo terá destruído os seus desejos.

Para vencer o medo, o homem não pode fugir - deve desafiá-lo e, a despeito dele, deve dar o passo seguinte na aprendizagem. Deve ter medo plenamente. É esta a regra!

Assim, chega o momento em que seu primeiro inimigo começa a recuar. O homem vai sentindo-se seguro de si. Seu propósito torna-se mais forte. Aprender já não é uma tarefa aterradora. Quando chega esse momento feliz, pode dizer, sem hesitar, que derrotou seu primeiro inimigo natural. Uma vez que vence o medo, o homem fica livre dele o resto da vida, porque adquire clareza de espírito, uma clareza que suplanta e apaga o medo... Já conhece os seus desejos, sabe como satisfazê-los, pode antecipar os novos passos na aprendizagem, uma clareza viva cerca tudo. E sente que nada se lhe oculta.

Estará, então, o homem diante do seu segundo inimigo: a clareza! Essa clareza de espírito, que é tão difícil conquistar, elimina o medo, mas também cega. Obriga-o a nunca duvidar de si. Dá-lhe a segurança de que pode fazer o que bem entender, pois vê tudo claramente. Ele é corajoso, porque adquiriu clareza de espírito, não se intimida diante de nada porque a possui. Mas tudo isso é um engano... Se sucumbir a esse poder de faz-de-conta, o homem terá sucumbido a seu segundo inimigo. Vai precipitar-se quando deveria ser paciente ou vai ser paciente quando deveria precipitar-se. E tateará com a aprendizagem até acabar incapaz de aprender qualquer coisa mais. A clareza, pela qual pagou tão caro, nunca mais se transformará em trevas ou em medo (é uma conquista definitiva!), mas, se não a dominar, o homem não aprenderá nem desejará mais nada.

Para não ser vencido, o homem terá que agir com a clareza como agiu com o medo: terá que desafiá-la - e usá-la apenas para ver. E esperar com paciência, calcular com cuidado os novos passos: deve pensar, acima de tudo, que a sua clareza é quase um erro - e virá o momento em que compreenderá que ela é apenas um ponto diante de sua vista. Assim o homem terá vencido o seu segundo inimigo e estará numa posição em que nada mais poderá prejudicá-lo. Isso não será um engano, não será um ponto diante de sua vista: será o verdadeiro poder! Saberá, a esta altura, que o poder que vem buscando há tanto tempo é seu, enfim. Pode fazer o que quiser com ele. Seu aliado está as suas ordens. Seu desejo é ordem. Conseguir ver tudo o que está em sua volta.

Está agora o homem diante do seu terceiro inimigo: o poder! Esse é o mais forte de todos os inimigos e, naturalmente, diante dele o mais fácil é ceder - afinal de contas, com poder, o homem é realmente invencível, pode tudo comandar... Começa correndo riscos calculados e termina estabelecendo regras, porque é um senhor.

Um homem nesse estágio quase nem nota que está frente a frente com o inimigo. E, de repente, sem saber, certamente terá perdido a batalha. Seu inimigo o terá transformado num ser cruel e caprichoso. Embora jamais perca a clareza e o poder, se for derrotado pelo poder, morrerá sem saber manejá-lo. Alguém, nessas condições, não tem domínio sobre si e não sabe quando ou como usar o poder que possui.

A derrota, por algum desses inimigos, é sempre uma derrota final: uma vez que dominam o homem, não há nada mais a fazer - uma vez que ele cede, está liquidado. No entanto, se a despeito de uma atitude de fraqueza, a princípio, ele consegue retomar a batalha, isso significa que ainda é possível ser um homem de conhecimento. O indivíduo é derrotado quando não tenta mais e se abandona.

Para vencer o terceiro inimigo, o homem terá que desafiá-lo propositadamente. Terá que conquistar a compreensão de que o poder que parece ter adquirido, na verdade,

nunca é seu. Terá que tratar com cuidado e lealdade tudo o que aprendeu. Se conseguir ver que a clareza e o poder, sem controle, são piores do que os erros, ele chegará a um ponto em que tudo estará controlado: saberá quando e como usar o poder - e assim o terá dominado.

O homem estará, então, no fim da sua jornada de conhecimento e, quase sem perceber, encontrará seu último inimigo: a velhice! Esse inimigo é o mais cruel de todos: o único que não se consegue derrotar por completo, mas apenas afastar temporariamente.

E o momento em que o homem não tem mais receios, não tem mais impaciências de espírito... Um momento em que todo o seu poder está controlado e que ele sente um desejo irresistível de descansar... Se ceder completamente a seu desejo de deitar-se e esquecer, se afundar-se na fadiga, terá perdido a última batalha e o seu inimigo o reduzirá a uma criatura velha e débil. Seu desejo de sair de cena dominará toda a sua clareza, o seu poder e a sua sabedoria. Mas se, ao contrário, o homem sacode a fadiga e vive seu destino completamente, então poderá ser considerado um homem de conhecimento, nem que seja no breve momento em que consegue lutar contra o seu último inimigo invencível.

Esse momento de clareza, poder e conhecimento é o suficiente!

# MODULO

A MATEMÁTICA NAS ESCOLAS INDÍGENAS



## MÓDULO 4 A MATEMÁTICA NAS ESCOLAS INDÍGENAS

1. TEMPO PREVISTO: 28 horas

2. FINALIDADE DO MÓDULO:

Promover com os professores indígenas uma discussão sobre o papel da matemática no currículo das escolas indígenas e levantar algumas sugestões de ensino.

3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM  
(CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Ao final deste módulo, espera-se que os professores:

\*tenham uma compreensão dos principais pontos tratados no capítulo de matemática do RCNEI;

- reflitam sobre as experiências pessoais com atividades matemáticas;
- identifiquem problemáticas do cotidiano que possam ser estudadas; estejam motivados em continuar a leitura do RCNEI.

4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

\*O papel da matemática nas escolas indígenas.

\*A importância social dos conhecimentos matemáticos.

- O processo de ensino e aprendizagem em matemática.
- Análise, interpretação, resolução de situações-problema, compreendendo alguns dos significados das operações.
- Construção e leitura de gráficos e tabelas como estratégia de ensino.
- Análise dos pressupostos do RCNEI.

Discussão de diferentes pontos de vistas sobre os temas tratados.

- Socialização de opiniões e propostas de atividades com os demais professores.

## 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

- RCNEI;
- caneta marca texto;
- cartolinas;
- canetas hidrocor coloridas;
- giz de cera e/ou lápis de cor;
- calculadora, ábaco.

## VÍDEO:

- *Operações e seus significados* (14'45"), série PCN - Matemática, da TV Escola.

## EQUIPAMENTOS:

- televisão;
- videocassete.

## 6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc. para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

Programas de vídeo: *Matemática e cidadania; Conhecer, explorar, partilhar o espaço; Matemática na notícia*, da série PCN - MATEMÁTICA da TV Escola.

SEF/MEC, *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol 3, Brasília, 1998.

## 7. SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

### • ATIVIDADE 1 - A IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS INDÍGENAS

#### OBJETIVO:

Fazer um levantamento preliminar sobre a visão dos professores indígenas em relação à importância da matemática e sua função no currículo da escola indígena.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Pedir para os professores, individualmente, escolherem dentre as afirmações abaixo aquela que mais representa, na opinião deles, a importância do estudo da matemática. Pedir que justifiquem sua escolha relatando seus motivos. Essas

frases podem ser distribuídas numa folha para os professores ou pode-se pedir que eles localizem e grifem essas citações no próprio RCNEI (estão entre as páginas 159 e 161).

*"Muitos professores e alunos das escolas indígenas brasileiras percebem que saber matemática é essencial para compreender a vida dos não-índios. Saber matemática é fundamental num mundo em que as tecnologias e meios de comunicação utilizam largamente dados numéricos ou quantitativos"* (páginas 159 e 160, do RCNEI).

*"Estudar matemática é importante porque o mundo dos brancos é cheio de números, de contas. Eles sempre querem saber quando uma coisa aconteceu, como, quando a gente chegou aqui nesta terra. Ou então perguntam quantos anos eu tenho, quantos índios são aqui no Xingu, ou quanta terra a gente precisa para viver. O mundo dos brancos é um mundo de números"* (Alupá Trumai - tesoureiro da Associação Terra Indígena Xingu - RCNEI, página 160).

*"Então eu gostaria que a matemática, para nós indígenas, fosse como nós queremos: para aprender a usar meios de transportes, como devemos transportar, medir quanto a gente gasta em um trabalho, quanto a gente vai precisar para um certo tipo de trabalho e até para desenvolver nossa própria comunidade"* (Amilson de Souza - professor Sataré-Mawé - AM - RCNEI, página 162).

*"A matemática existe principalmente nos objetos como o artesanato. Os desenhos da peneira são igual matemática... não é qualquer um que faz, tem que ser profissional, tem que contar os talinhos... Eu aprendi assim, sem saber se era matemática ou não. Agora, depois que a gente aprendeu que aquilo lá era uma matemática, aí eu sabia que eu já tinha aprendido matemática indígena"* (Aturi - professor Kayabi - MT - RCNEI, página 161).

2. Socializar as opiniões. Escrever na lousa, ou em um cartaz, as falas mais recorrentes. Se for em um cartaz, ele poderá ficar afixado e servir como subsídio para as próximas atividades.
3. Pedir aos professores que leiam o item " 1 . O estudo da matemática na situação de contato entre os diferentes povos e a sociedade brasileira mais ampla" (páginas 159 a 161 do RCNEI). Solicitar que grifem as idéias que considerarem mais relevantes sobre a importância da matemática.
4. Abrir o debate, voltando ao cartaz e verificando se os professores querem acrescentar mais alguma idéia após a leitura.
5. Orientar para que os professores anotem em seu **Caderno de Registro** suas conclusões sobre a importância do estudo da matemática.

- **ATIVIDADE 2 - A MATEMÁTICA NA VIDA DAS COMUNIDADES INDÍGENAS**

**OBJETIVO:**

Compreender o uso social dos números, fazendo um levantamento sobre a visão dos professores em relação aos conteúdos da matemática e sua função no currículo indígena.

**PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)**

1. Dividir os professores em grupos e pedir que façam um levantamento de situações concretas de vida nas quais apareçam os usos da matemática. Propor que eles escrevam uma tabela especificando os âmbitos de ocorrência dessas situações, como, por exemplo:

<b>NA ALDEIA</b>	<b>NA CIDADE</b>

É importante orientar os professores para que não fiquem apenas no âmbito dos números e das operações ligadas ao comércio. Procurem explorar as mais diversas situações relacionadas, por exemplo, às medidas, seja de comprimento, área, peso, seja de tempo, temperatura etc, à interpretação de dados em tabelas, à leitura de anúncios de produtos etc.

2. Socializar os cartazes no grande grupo. O coordenador deve abrir espaço perguntando aos professores se lembraram de mais alguma coisa e se gostariam de completar os cartazes. Estes poderão ficar afixados e ser usados posteriormente.
3. Fazer um levantamento dos conteúdos que deveriam ser trabalhados, utilizando a lista acima como referência. Pedir que os professores, reunidos em pequenos grupos, façam, em um novo cartaz, uma lista dos conteúdos que precisam ser trabalhados para solucionar as situações listadas anteriormente.
4. Propor um debate sobre o que se ensina em matemática e por quê. Cada grupo apresenta seu cartaz. Depois, abrir o debate, colocando as seguintes questões:  
O que se pretende que os alunos aprendam com esses conteúdos?

- Em que medida esses conteúdos favorecem a ampliação da compreensão da realidade por parte dos alunos?
- Como justificar a escolha desses conteúdos?

IMPORTANTE: A intenção é que, nesse primeiro momento, os professores possam compartilhar aquilo que compreendem sobre o ensino da matemática, expressando suas opiniões e dúvidas. O coordenador não deverá preocupar-se em responder a todas as questões que eventualmente possam surgir. Como estratégia alternativa poderá pedir aos professores que anotem as questões que ainda não ficaram claras e entregue-as para que sejam respondidas ao longo dos trabalhos.

Outra observação importante é verificar se os professores utilizam, como justificativa para os conteúdos trabalhados, aspectos da tabela anterior: utilização e necessidade da informação levando em consideração sua importância para o desenvolvimento pessoal do aluno.

5. Propor uma leitura individual do trecho (páginas 165 e 166, do RCNEI) que trata dos três campos da matemática. Orientar os professores para que sublinhem as idéias que considerarem mais importantes.
6. Promover um debate para os professores relacionarem suas leituras com os conteúdos escritos no cartaz. Orientar o debate a partir das perguntas:
7. "Em que medida os conteúdos listados por vocês se aproximam dos conteúdos propostos no Referencial? "
8. "Em que medida diferem?"
9. "É possível identificar novas idéias surgidas a partir das discussões? Quais?"

### • **VTIVIDADE 3 - O ESTUDO DOS CAMPOS DA MATEMÁTICA**

OBJETIVO:

Reconhecer os distintos campos de estudo da matemática, suas inter-relações e suas contribuições para a descrição, a representação e o conhecimento do mundo que nos cerca.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 5 HORAS)

1. Distribuir uma folha de sulfite e canetas hidrográficas coloridas para cada professor. Solicitar que façam um desenho de sua aldeia, localizando as casas, a casa de reuniões, a escola, o posto de saúde, o pátio, o campo de futebol etc.

2. Pedir que os professores elaborem em seu **Caderno de Registro** uma legenda para o desenho da aldeia, numerando cada edificação e nomeando-a (escola, casa do sr. Pedro etc).
3. Orientar os professores para que construam uma tabela contendo o número da edificação (de acordo com a legenda), o nome do dono da casa (ou da pessoa mais velha), o número de pessoas que moram ali. Caso o desenho registre muitas casas, orientar o professor para que descreva no máximo dez delas.
4. Solicitar aos professores que ampliem a tabela, separando o número de homens e mulheres por casa. Orientar que deverão abrir duas novas colunas na tabela.
5. Pedir aos professores que construam uma nova linha na tabela, somando os totais das colunas de moradores.
6. **Solicitar aos professores que pintem na tabela a linha da casa onde há mais moradores e onde há menos moradores.**
7. Orientar os professores para construírem uma nova tabela. Nesta, o ponto de referência deverá ser a escola ou o posto de saúde. O professor deverá indicar mais ou menos a distância (em metros ou em tempo de caminhada) entre as casas e o ponto de referência.
8. Propor que em duplas os professores mostrem seus desenhos uns para os outros e expliquem as tabelas que prepararam.
9. Abrir o debate perguntando de que tipo de conhecimentos matemáticos os professores lançaram mão nessa atividade, e em que outras situações esses conhecimentos poderiam ser utilizados.

#### **ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVO:

Reconhecer os distintos campos de estudo da matemática, suas inter-relações e suas contribuições para a descrição, a representação e o conhecimento do mundo que nos cerca a partir das idéias contidas no RCNEI.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Propor aos professores que se dividam em três grupos, de modo que cada um deles vá tratar de um dos campos de estudo da matemática. O coordenador deverá ler em voz alta o trecho (pagina 166, do RCNEI) que começa em "Trabalhar os conteúdos no estudo...." até "...o mundo que os cerca". Pedir para os professores acompanharem a leitura no RCNEI.

2. Em seguida, orientar para que realizem as seguintes leituras:
  - grupo estudo dos números e operações (p. 167 e p. 173) - "O estudo das quatro operações...." até "....em partes iguais";  
grupo estudo do espaço e das formas (p.175 a 177);
  - grupo estudo das grandezas e medidas (p.177 a 178).
3. Orientar para que cada professor faça uma leitura silenciosa das páginas indicadas para seu grupo. Pedir para realizarem uma segunda leitura, grifando as idéias principais. Em seguida, cada grupo deve discutir o que entendeu da leitura e preparar um cartaz com suas conclusões.
4. Cada grupo apresenta suas conclusões para os demais, fixando os cartazes na parede ou na lousa para que permaneçam expostos.
5. Orientar os professores para que registrem essas conclusões em seu Caderno de Registro.
6. Abrir o debate, propondo aos professores que identifiquem quais conhecimentos utilizaram para a elaboração do desenho da aldeia e para a construção das tabelas a partir dos diferentes campos de estudo da matemática.

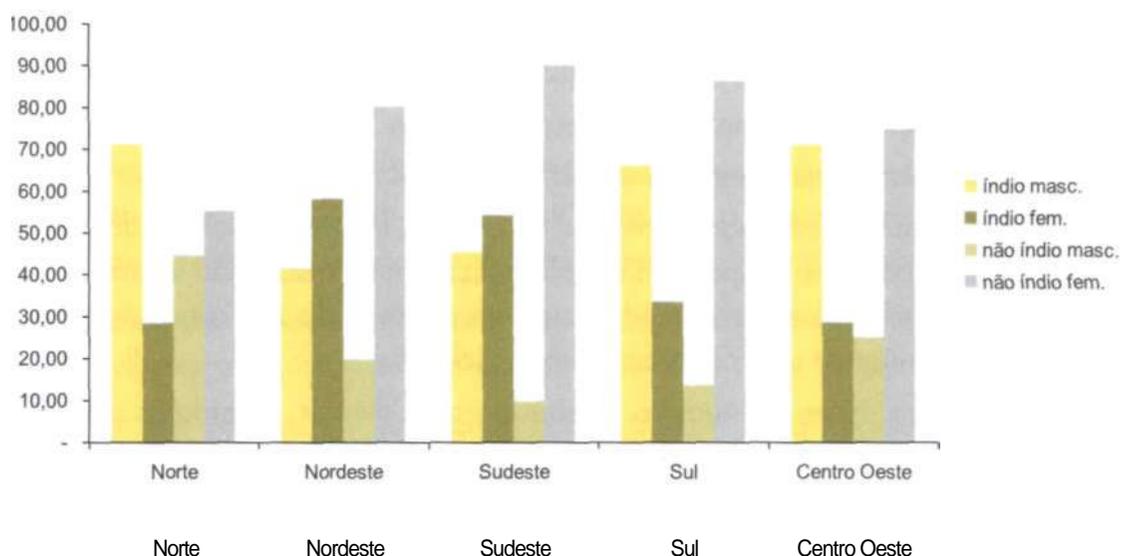
• **ATIVIDADE 5 - A LEITURA, COMPARAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO**

OBJETIVO:

Identificar o uso de tabelas e gráficos para facilitar a leitura e a interpretação de informações e construir formas pessoais de registro para comunicar informações coletadas.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Analisar com o grupo o gráfico a seguir. O coordenador deve explicar que este gráfico foi construído a partir de dados do Censo Escolar Indígena, realizado pelo MEC em 1999.
2. Organizar todas as sugestões na lousa e pedir para o grupo analisar as semelhanças, as diferenças... Não é necessário esgotar a discussão; o importante é que o grupo consiga extrair um bom número de inferências do gráfico.
3. Solicitar que escrevam, em pequenos grupos, uma reportagem que explique o gráfico. Neste momento, o coordenador deve ajudar não só o grupo a reconhecer as informações contidas, como também a pensar no porquê das diferenças entre as regiões.



4. Pedir que os grupos apresentem as reportagens escritas e discutir o resultado com eles.
5. Pedir que transformem para outro tipo de gráfico ou registro as mesmas informações. Pode ser em registro convencional ou não: o importante é que comuniquem a informação.

## ATIVIDADE 6 - O ESTUDO DAS MEDIDAS

### OBJETIVO:

Reconhecer as grandezas mensuráveis como possibilidade de conteúdo a ser trabalhado com os alunos, privilegiando o levantamento de hipóteses e as estratégias pessoais para se planejar uma boa atividade.

### PROPOSTA PE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS):

1. Discutir com o grupo as seguintes questões:
  - "O que se pode medir?"
    - \*"O que pode ser usado para medir?" - Relacionar com os objetos levantados na primeira pergunta.
  - "Quais as formas de medir mais usadas na sua comunidade?"
2. Sistematizar a discussão completando a tabela a seguir.
3. Propor a releitura do cartaz, elaborado na atividade 4, que trata do campo de estudo das grandezas e medidas.

O QUE POPE SER MEDIDO	UNIDADES DE MEDIDA QUE PODEM SER USADAS

4. Propor que elaborem, em grupos, uma sugestão de planejamento de algum dos temas listados na tabela. Propor que os professores reflitam a respeito das seguintes questões ao realizarem o planejamento:

"Quais problemas podem ser formulados para os alunos (a partir do tema escolhido)?"

- "Como encaminhar com os alunos o estudo desse tema?"
  - "Que tipos de atividades podem ser organizadas - pesquisas, entrevistas, tabulações, verificações, exercícios etc?"
  - "Como aproveitar os conhecimentos que os alunos já possuem para disparar o estudo a respeito do tema?"
  - "Como trabalhar com os procedimentos de observação, descrição, comparação, explicitação de hipótese e verificação a partir do tema escolhido?"
5. Solicitar que os grupos apresentem os planejamentos, analisando coletivamente com todo o grupo.

#### • ATIVIDADE 7 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO

OBJETIVO:

Discutir novas possibilidades do uso das operações matemáticas a partir de diferentes situações e problemas que podem ser apresentados para os alunos.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Apresentar o vídeo *Operações e seus significados* (14'45"), da TV Escola.
2. Após o vídeo, promover um debate visando à discussão das idéias apresentadas no vídeo. Peça para anotarem esses pontos em seu Caderno de Registro.
3. Abrir o debate, pedindo que os professores comentem os pontos que chamaram mais atenção.

• **ATIVIDADE 8 - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVO:

Familiarizar-se com o RCNEI, utilizando-o como fonte de informação e como instrumento para o aprimoramento do trabalho pedagógico.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. O coordenador deve proceder à leitura, em voz alta, do texto "A matemática em sala de aula", (p.184 e 185 - até ..."cálculos e estimativas") do RCNEI.
2. Após a leitura, propor aos professores que façam uma nova leitura individual do texto, grifando as idéias principais.
3. Junto com os professores, propor que se identifiquem as implicações pedagógicas desse texto.

• **ATIVIDADE 9 - ANÁLISE DOS REGISTROS REALIZADOS**

OBJETIVO:

Perceber a importância de retomar o registro escrito para estudar, sistematizar e, quando necessário, completar seu conteúdo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Pedir aos professores que releiam suas anotações e observem todas as sínteses que foram elaboradas durante o trabalho neste módulo de matemática.
2. Explicitar a proposta de escrita "Ao planejar meu trabalho de matemática não posso esquecer de...".
3. Propor que cada participante socialize suas observações para que se faça uma lista coletiva.

4. Solicitar aos professores que acrescentem, no **Caderno de Registro**, as observações que não foram contempladas nas observações individuais.

# MODULO

COTIDIANO E HISTÓRIA: HOJE E ONTEM



## MÓDULO 5      COTIDIANO E HISTÓRIA: HOJE E ONTEM

### 1. TEMPO PREVISTO: 30 horas

#### FINALIDADE DO MÓDULO:

Propiciar condições para que os professores índios:

reflitam sobre a inserção da história das populações indígenas na história brasileira; adquiram alguns dos conhecimentos e instrumentos necessários para lecionarem história na escola.

### 3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Com este módulo, espera-se que os professores índios sejam capazes de:

- refletir sobre a construção do conhecimento histórico;
  - refletir sobre o ensino de história na escola;
  - identificar temas do cotidiano - de seus alunos, da escola, da aldeia, de sua comunidade, das populações indígenas - que possam ser estudados historicamente - nas relações entre o presente e o passado;
- organizar atividades didáticas, a partir de temas do cotidiano, para seus alunos estudarem história;
- organizar material didático para trabalhar conteúdos históricos com os alunos na escola;
- aprofundar o estudo do RCNEI.

### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

História das populações indígenas no Brasil.

Identidade indígena.

Fontes históricas.

Metodologias de análise histórica.

- Temas e material didático no ensino de história.

#### MATERIAL NECESSÁRIO:

- RCNEI;
- papel sulfite;
- caneta hidrocor (coloridas);
- cola;
- tesoura;
- barbante;
- durex ou fita gomada;
- cópia da gravura e do texto de Debret (ver anexos 4 e 5 deste módulo).

#### VÍDEOS:

*Uma outra história* (17'), da série índios no Brasil, da TV Escola.

*Primeiros contatos* (19'), da série índios no Brasil, da TV Escola.

#### EQUIPAMENTOS:

- videocassete;
- televisão.

MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc., para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

#### LIVROS:

AZANHA, G; Valadão, V. *Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil, da Colônia aos nossos dias*. São Paulo: Atual, 1991.

BITTENCOURT, Circe, Ladeira, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000, p. 108-112.

GALLOIS, Dominique T. "Contatos". *Índios no Brasil*, Cadernos da TV Escola, nº 3. Brasília: MEC, 1999, p. 5 até p. 23.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: LOPES DA SILVA, Aracy, GRUPIONI, Luís Donisete B. (org.) - *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995, p. 481-493.

IGLESIAS, Marcelo, OCHOA, Malu. *História indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, CPI/AC, 1996, p. 33-34.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - Professores Indígenas do Parque do Xingu. *Geografia indígena*. Brasília: MEC, 1996, p. 51-52.

LOPES DA SILVA, Aracy (org.) *A questão indígena na sala de aula*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MESGRAVIS, Laima. *O Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. "O escravo índio, esse descobrimento". In: GRUPIONI, Luís Donisete (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global/Brasília: MEC, 1998, p. 105-120.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. *O encontro entre culturas*. São Paulo: Atual, 1994.

VALADAO, Virgínia. *Terra e território*. Índios no Brasil, Cadernos da TV Escola nº 2, Brasília: MEC, 1999, p. 81-94.

#### PROGRAMAS DE VÍDEO:

*Formas de vida e organização do trabalho indígena* - Série Histórias do Amazonas, nº 2 - TV Cultura - Programação do catálogo da TV Escola - 38 minutos.

*Os índios e as organizações tribais* - Série Histórias do Amazonas, nº 3 - TV Cultura - Programação do catálogo da TV Escola - 38 minutos.

#### SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

##### SEQÜÊNCIA 1 - HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS

#### OBJETIVO:

Debater com os professores:

- relações entre história individual e história coletiva;
- a história como elemento de identidade social;
- memória individual e memória coletiva como fontes históricas;
- organização de acontecimentos no tempo e construção de períodos históricos.

- **ATIVIDADE 1 - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Explicar para os professores que o objetivo desta atividade é fazer um levantamento de seus conhecimentos prévios sobre a "história das populações indígenas". Explicar que este levantamento é importante para a auto-reflexão sobre seus conhecimentos, para confrontação com os debates que se irão desenrolar na seqüência e para avaliação da aprendizagem no final das atividades propostas.
2. Como atividade de levantamento de concepções prévias dos professores, pedir, por exemplo, para que cada um, em seu **Caderno de Registro**, complete a seguinte frase:

"A história das populações indígenas é....."

Não é necessário que os professores leiam, neste momento, o que escreveram para os outros da classe.

- **ATIVIDADE 2 - LEVANTAMENTO DE DADOS, DEBATE E ESCRITA DE UMA "HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL"**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 5 HORAS)

1. Pedir aos professores que escrevam individualmente um pequeno texto. É possível estabelecer um tempo para essa escrita (por exemplo, quinze ou trinta minutos). Neste texto, eles devem contar um ou mais acontecimentos importantes da história de seu grupo, ou que interferiram no destino de sua aldeia e como esses acontecimentos estão relacionados com a sua história de vida pessoal.
2. Pedir também que cada professor crie um desenho para ilustrar o texto que escreveu. A intenção da atividade é que eles identifiquem acontecimentos que sejam significativos para a história de seu povo ou de sua aldeia e reflitam como os mesmos estão relacionados à sua vida pessoal. Na seqüência, a idéia é que, identificando tais acontecimentos, possam organizar e narrar uma história em que se cruzam histórias de diferentes populações indígenas no Brasil.
3. Pedir para cada um ler o seu texto e mostrar seu desenho.
4. Na lousa ou em um papel grande, selecionar alguns acontecimentos (considerados importantes) citados nos textos criados pelos professores (e, se necessário, os exemplos do Anexo 1 - que podem ser lidos coletivamente).

Explicar que a seleção desses acontecimentos deve ser orientada para um esforço de organizar, se possível, uma "história das populações indígenas no Brasil", caso o grupo de professores inclua representantes de diferentes povos; uma "história dos povos indígenas do Estado X ou Y", se os professores forem de povos distintos mas habitando o mesmo estado; ou ainda "uma história do povo indígena X", se todos os professores pertencerem ao mesmo povo indígena. Em quaisquer dos casos, o coordenador deve ajudar os professores a localizarem os acontecimentos citados por eles, em suas memórias, nos contextos da história brasileira.

5. Propor que, em grupo, esses acontecimentos sejam organizados em uma ordem temporal (significativa para eles) que favoreça a narração de uma história. Solicitar que organizem essa narrativa de algum modo, seja oralmente, com desenhos ou por escrito.
6. Pedir que cada grupo conte sua narrativa histórica e explique como organizou os acontecimentos no tempo.
7. Abrir um debate sobre as produções dos grupos e comentários sobre as narrativas, as fontes utilizadas (no caso a memória dos professores e, nela contida, memórias coletivas de seu povo ou aldeia) e as ordens temporais usadas para construí-las. Debater também o que significa organizar uma história dos povos indígenas no Brasil. Para organizar esse debate, é possível o coordenador ir problematizando com perguntas do tipo:

"De onde obtivemos as informações sobre os acontecimentos que possibilitaram a organização das narrativas? (neste caso, a memória das pessoas foi utilizada como fonte para estudo histórico)."

- "A memória individual é construída também com a memória de outras pessoas?"

"Quais as diferenças entre as narrativas construídas pelos grupos? Quais as semelhanças?"

- "Os grupos organizaram os acontecimentos no tempo de maneiras diferentes? Como? Quais as diferenças? Quais as semelhanças?"
- "Como foram construídas as relações entre o presente e o passado nas narrativas?"

"É possível compreender melhor o presente quando se estuda o passado? Como?"

- "Quais as reflexões que essas histórias construídas suscitam?"

"É possível um.... (exemplo: Caiapó ou Xavante...) se sentir índio? O que isso significa?"

"O que é possível entender quando se afirma que a história favorece a construção de identidades?"

"Vocês acham importante que os seus alunos construam o sentimento de que são índios? Por quê?"

8. Se não aparecer nas narrativas construídas (e se der tempo), sugere-se que o coordenador apresente como a cultura ocidental cristã organiza os acontecimentos no tempo. Com a ajuda dos professores, pode montar uma linha cronológica linear, relacionando os acontecimentos a anos, décadas ou séculos. Se necessário, essas medidas de tempo podem ser explicadas na hora. Ver orientações mais detalhadas no Anexo 2.
9. Montar um painel com os textos, os desenhos e as narrativas.
10. Elaborar conjuntamente uma síntese do trabalho realizado.

### • ATIVIDADE 3 - AVALIAÇÃO E AUTO-AVALIAÇÃO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Pedir para cada professor avaliar por escrito, no seu Caderno de Registro, o que aprendeu com essas atividades. Pedir que completem, novamente, depois de terem vivido várias situações, a mesma frase do início:  
"A história das populações indígenas é....."
2. Pedir que os professores comparem o que escreveram inicialmente e o que escreveram no final do trabalho. Pedir, então, que anotem alguma reflexão no seu Caderno de Registro.

### • ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. O coordenador deve proceder à leitura em voz alta do texto "1. A história e o ensino da história" (páginas 195 e 196, do RCNEI).
2. Após a leitura, propor que os professores façam uma nova leitura individual do texto, grifando as idéias principais.
3. Junto com os professores, propor que se identifiquem partes do texto lido que podem ajudar na prática da sala de aula.

## SEQÜÊNCIA 2 - COMO TEM SIDO CONTADA A HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL?

### OBJETÍVO:

Problematizar e debater com os professores "como tem sido contada a história das populações indígenas no Brasil".

#### • ATIVIDADE - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Explicar para os professores que o objetivo desta atividade é fazer um levantamento de seus conhecimentos prévios, considerando o que eles conhecem sobre como tem sido contada a "história das populações indígenas" em livros, jornais, filmes e programas de vídeo.
2. Pedir que cada um, em seu **Caderno de Registro**, escreva um pequeno texto sobre o que sabe e/ou pensa sobre o assunto.

#### • ATIVIDADE - ANÁLISE DAS HISTÓRIAS CONTADAS SÔBRE AS POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 5 HORAS)

1. Organizar os professores em grupos. Cada grupo escolhe uma fonte para análise de "como tem sido contada a história das populações indígenas no Brasil". Orientar no sentido de que todos façam anotações em seu **Caderno de Registro**, ao longo do trabalho.

É importante providenciar e disponibilizar as fontes. Exemplos:

livros didáticos convencionais das escolas brasileiras;

livros didáticos criados para escolas indígenas;

relato de viajante europeu no século XIX;

um pequeno texto de um antropólogo;

um pequeno texto de um historiador;

um programa de vídeo.

Para sugestões mais detalhadas de material, consultar o Anexo 3.

2. Para ajudar na análise, pedir aos professores que realizem a leitura silenciosa do item "1. Sujeitos da história", do RCNEI (página 199). Orientar para que grifem as idéias principais deste texto.
3. Na atividade de análise, propor aos professores que se orientem por algumas questões (sem a necessidade de responderem a todas e nem fornecerem respostas para cada uma literalmente):
  - \*"As populações indígenas são mencionadas em que épocas históricas?"
  - "Como são retratadas nesses contextos?"
  - \*"Quem são os personagens históricos mencionados? Índios? Quais? Não-índios? Quais?"
  - \*"São mencionadas relações entre os índios e os não-índios? Se sim, quais são elas? Existem heróis? Existem vítimas? Existem vencedores? Existem vencidos?"
  - \*"Existem algumas idéias errôneas sobre os índios nos textos e/ou imagens?"
  - "Existem valores positivos sobre os índios? Quais?"
  - "Existem valores negativos sobre os índios? Quais?"
  - \*"O que se fala dos índios se aproxima ou se distancia daquilo que você conhece sobre as populações indígenas? Como? Por quê?"
4. Pedir para um representante de cada grupo apresentar para a classe o que foi debatido por eles.
5. Na lousa ou em um papel grande organizar, com a ajuda dos professores, as principais concepções que têm orientado a maneira de contar a história das populações indígenas no Brasil e por quais meios ela tem sido divulgada (exemplo: livros didáticos, relatos de viajantes, jornais, TV, vídeo...). Tirar algumas conclusões e análises coletivas.

• ATIVIDADE 3 - LEITURA DO **RCNEI**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. O coordenador deve proceder à leitura em voz alta do texto "1. Sujeitos da história" (página 199, do RCNEI). Na seqüência, deve perguntar quais foram as idéias que os professores grifaram como sendo as mais importantes, quando leram esse texto na atividade anterior, abrindo o debate.
2. O coordenador deve proceder, então, à leitura do item seguinte "2. As versões indígenas da história" (páginas 199 e 200, do RCNEI). Após a leitura, propor

que os professores façam uma nova leitura individual do texto, grifando as idéias principais. Abrir o debate perguntando e discutindo as idéias marcadas pelos professores.

3. Comparar com as idéias contidas no final da atividade 2.

- ATIVIDADE 4 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Apresentar o vídeo *Uma outra história* (17'), da série índios no Brasil, da TV Escola.
2. Propor a discussão do vídeo a partir das leituras realizadas nas atividades anteriores.

- ATIVIDADE 5 - AVALIAÇÃO E AUTO-AVALIAÇÃO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Pedir para cada professor avaliar por escrito, no seu Caderno de Registro, o que aprendeu com essas atividades. Pedir que comparem as reflexões iniciais e as finais, anotando-as no seu Caderno de Registro.

### SEQÜÊNCIA 3 - QUE CONTEÜDOS HISTÓRICOS OS ALUNOS DEVEM ESTUDAR NAS ESCOLAS INDÍGENAS?

OBJETIVOS:

Ampliar a concepção de conteúdo escolar, incluindo (além de informações e conceitos) procedimentos; especificamente como proceder para coletar informações históricas de textos, imagens, objetos...

Apresentar possibilidades de trabalho com documentos históricos como material didático.

Debater valores e visões de mundo dos autores e de suas épocas presentes nos documentos históricos.

Sensibilizar o professor para considerar as hipóteses e os conhecimentos prévios dos alunos ao longo dos trabalhos.

• **ATIVIDADE 1 - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Pedir para que cada um, em seu **Caderno de Registro**, complete a seguinte frase:  
"Na escola indígena, os alunos devem estudar na disciplina de história....."  
Neste momento, não é necessário que os professores leiam, para os outros da classe, o que escreveram.

• **ATIVIDADE 2 - DEBATE SÔBRE COMO E POR QUE OS ESTUDOS HISTÓRICOS NA ESCOLA NÃO SE LIMITAM APENAS AO CONHECIMENTO DE FATOS E CONCEITOS**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Sugere-se que os professores sejam organizados em grupos. Cada grupo recebe cópia da gravura de Debret, que está reproduzida no Anexo 4, para analisar e responder a perguntas do tipo:

\*"Quem são estas pessoas?"

\*"Quais as diferenças entre elas?"

\*"Quais as relações que elas mantêm umas com as outras?"

- "O que elas estão fazendo?"

\*"Que lugar é este?"

\*"Elas estão indo a algum lugar? Para onde elas vão?"

"Que época está sendo retratada?"

\*"Seria possível acontecer uma cena como esta da gravura hoje em dia? Por quê?"

- "O que mudou desta época para hoje?"

\*"Algumas das pessoas retratadas na gravura são índios. Será que é possível identificar a qual grupo eles pertencem? Por quê? Como?"

\*"Imagine o autor desta gravura. Você acha que ele era índio ou um não-índio?"

\*"O que a imagem pode nos contar sobre a história dos índios e dos não-índios na história brasileira?"

\*"Que tipo de cena entre índios e não-índios poderia ser fotografada hoje em dia? Por quê?"

- "Se fosse pará contar uma história sobre as populações indígenas no Brasil, qual seria a imagem que deveria vir antes desta? E qual deveria vir depois desta?"  
"Qual o título que você daria para esta gravura?"
2. Os grupos apresentam suas respostas. O coordenador organiza a apresentação de modo que as questões sejam discutidas uma de cada vez e as respostas dos grupos sejam confrontadas. A idéia é valorizar as concordâncias e as diferenças de respostas, sem priorizar o que é certo ou errado. É importante que os professores possam apresentar suas hipóteses.
  3. Distribuir para os professores cópias do texto de Debret (o autor da gravura), explicando o seu desenho (ver Anexo 5). Ler o texto coletivamente e ir confrontando as hipóteses levantadas pelos professores e as informações, que o texto fornece, que ajudam a responder às questões. Salientar o fato de que esse estudo histórico aconteceu a partir de análises de diferentes fontes, no caso, uma gravura e um texto. Se o grupo possibilitar, é possível explorar também valores e concepções dos não-índios sobre os índios, presentes na gravura e no texto.
  4. Apresentar para os professores quem é o autor da gravura e quando ela foi feita. Para tanto, ler o pequeno texto a seguir transcrito:

#### PEQUENA BIOGRAFIA DE DEBRET

*Jean Baptiste Debret nasceu em Paris, no dia 18 de abril de 1768. Foi pintor, desenhista e gravador. Em 1816, engajou-se na missão artística francesa, organizada a pedido de Dom João VI, com destino ao Brasil. Fundou a Academia de Belas-Artes no Rio de Janeiro e foi o desenhista oficial da corte. Documentou os costumes e paisagens do Brasil em gravuras, pinturas e textos. Algumas de suas obras causaram escândalo na época, por retratar o cotidiano das pessoas pobres, dos índios e escravos africanos. Quando voltou para França, publicou em 1831 o livro "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil", que continha, entre outras, a gravura e o texto estudados - "Soldados índios de Curitiba".*

5. Propor aos professores que respondam individualmente às seguintes questões:
  - "Quais os tipos de conhecimentos que foram trabalhados com a análise da gravura e do texto?"
  - "Você aprendeu alguma informação nova? Qual?"
  - "Você ampliou sua compreensão sobre o tema abordado na gravura e no texto? Como?"
  - "Você aprendeu alguma coisa sobre como proceder para analisar gravuras? O quê?"

- "Aprender a analisar gravuras ajuda você a analisar também outros documentos históricos? Como? Por quê?"
  - "Você acha que aprender a analisar gravuras ajuda você e seus alunos nas suas relações com os não-índios? Por quê?"
  - "Você acha que é importante fazer atividades como esta com seus alunos? Por quê?"
    - "Você acha que é importante que seus alunos analisem e levantem hipóteses antes de você dizer o que é certo ou errado? Por quê?"
6. Propor aos professores que se reúnam em grupo para discutir suas respostas. A intenção é que tenham a oportunidade de organizar primeiro as suas próprias conclusões e só depois confrontá-las com os demais. Todos podem, assim, pensar sobre o assunto.
  7. Pedir aos grupos que apresentem suas respostas. Incentivar as trocas de idéias e salientar a importância de:
    - conhecer as hipóteses dos alunos;
    - ter a preocupação de ensinar diferentes tipos de conhecimentos e não apenas informações ou conceitos;
    - ensinar, por exemplo, como os alunos podem analisar gravuras, textos, objetos...;
    - confrontar informações de diferentes fontes.

### • ATIVIDADE 3 - AVALIAÇÃO E AUTO-AVALIAÇÃO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Pedir para cada um avaliar por escrito, no seu Caderno de Registro, o que aprendeu com essas atividades e completar, novamente, depois de ter vivido várias situações, a mesma frase do início:
 

"Na escola indígena, os alunos devem estudar na disciplina de história..."
2. Solicitar aos professores que comparem o que escreveram inicialmente e o que escreveram no final do trabalho e anotem alguma reflexão no seu Caderno de Registro.

### • ATIVIDADE 4 - LEITURA DO RCNEI

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. O coordenador deve proceder à leitura, em voz alta, dos textos "2. A história na escola" e "3. A história nas escolas indígenas" (páginas 196 a 198, do RCNEI).
2. Após a leitura, propor aos professores que façam uma nova leitura individual do texto, grifando as idéias principais.
3. Abrir o debate perguntando para os professores quais as idéias, presentes no texto, que eles acharam mais importantes e quais as implicações pedagógicas dessas idéias para o trabalho com a história na escola indígena.

#### **SEQÜÊNCIA 4 - EXPLORANDO O RCNEI**

##### **OBJETIVO:**

Explorar o RCNEI como fonte de informação e como instrumento para aprimorar o trabalho pedagógico em sala de aula, realizando uma das atividades propostas no livro.

##### **• ATIVIDADE 1 - REGISTRANDO E REFLETINDO SÔBRE NOSSOS MODOS DE VIVER**

##### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (4 HORAS)**

1. Pedir aos professores indígenas que abram o RCNEI (página 204), lendo, em voz alta, a leitura do item "2. Temas de estudo". Em seguida, pedir para eles folhearem este capítulo até a página 217. Explicar que ali estão quatro sugestões de temas que podem ser objeto de estudo nas aulas de história.
2. Solicitar aos professores que localizem cada uma das sugestões de trabalho e as registrem em seu Caderno de Registro, indicando a página em que começa e termina a sugestão.
3. Propor aos professores a realização do primeiro tema "Modos de viver" como um exercício de leitura, compreensão e aplicação das propostas contidas no RCNEI.
4. Orientar para que os professores leiam este tema, da página 205 a 206 (até ..."lembança dos mais velhos"). Em seguida, abrir o debate, perguntando aos professores quais os marcadores de tempo que irão utilizar. Uma vez escolhido o marcador temporal, solicitar que eles decidam como vão realizar o trabalho, pedindo que definam o tempo que precisarão e os materiais que irão utilizar, bem como a estratégia para a apresentação dos resultados.

5. Uma vez realizada a atividade, pedir que apresentem e comentem os resultados do trabalho.
6. Solicitar aos professores que voltem ao RCNEI e, coletivamente, procedam à leitura do item "Tópicos de conteúdos e objetivos didáticos" (páginas 206 e 207).
7. Orientar o debate, colocando algumas questões:
  - \*Que informações utilizaram para a confecção dos calendários?
  - \*Que materiais utilizaram para produzir e sistematizar as informações?
  - O que aprenderam com esta atividade?
  - \*Poderiam realizar esta atividade com seus alunos?
  - \*Que orientações dariam para a realização dessa atividade com seus alunos?

#### • ATIVIDADE 2 - AVALIAÇÃO E AUTO-AVALIAÇÃO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Solicitar aos professores que leiam a citação lateral da página 195 dos professores indígenas do Acre.
2. Pedir que cada professor anote no seu **Caderno de Registro** as suas reflexões sobre essa atividade e sobre essa leitura.
3. Orientar alguns professores para que socializem com os demais suas conclusões.

#### SEQÜÊNCIA 5 - REGISTRANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

##### OBJETIVO:

Propiciar a discussão sobre a história de cada povo indígena e a reflexão sobre um momento marcante dessa história: a dos primeiros contatos. Espera-se incentivar os professores indígenas para que pesquisem, construam e registrem sua própria versão da história.

#### • ATIVIDADE 1 - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Pedir pará que cada professor escreva em seu **Caderno de Registro** um pequeno texto intitulado "Os primeiros contatos do meu povo".
2. Solicitar a alguns professores que leiam o texto que produziram.

- **ATIVIDADE 2 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Apresentar o vídeo **Primeiros contatos** (19') da série índios no Brasil, da TV Escola. O coordenador deverá assistir previamente ao vídeo, de modo que seja capaz de identificar os seus diferentes momentos e preparar intervenções que facilitem sua compreensão.
2. Abrir a discussão, propondo que os professores rememorem as histórias de contato que foram contadas no vídeo (Xavante, Cinta Larga, Parakanã e dos índios do sul de Rondônia).

- **ATIVIDADE 3 - OS NOSSOS PRIMEIROS CONTATOS**

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Propor aos professores que, em grupos de três, discutam o que sabem sobre os primeiros contatos do seu povo com os não-índios.
2. Orientar para que reflitam sobre como poderiam enriquecer o que já sabem sobre esse assunto, como, por exemplo, que tipo de pesquisa poderiam fazer sobre o tema, utilizando os instrumentos e os procedimentos que discutiram nas atividades anteriores deste módulo (realizar pesquisas em livros, revistas, jornais; entrevistar pessoas da comunidade e fora dela etc).
3. Propor que pensem e escrevam como esse tema poderia tornar-se um assunto a ser trabalhado na escola, com seus alunos, na sala de aula.
4. Abrir o debate, orientando para que cada trio apresente as conclusões de suas reflexões. O coordenador deve ir anotando na lousa as respostas para compor um grande quadro com as propostas dos professores indígenas.
5. Orientar os professores indígenas para que registrem a síntese preparada pelo coordenador na lousa em seu **Caderno de Registro**.
6. Distribuir cartolinas e canetas coloridas e pedir que cada professor prepare um cartaz sobre os primeiros contatos de seu povo.

7. Ao término do desenho, orientar para que formem duplas e troquem os cartazes entre si, de modo que cada professor irá analisar o cartaz preparado pelo outro. Peça que interpretem o cartaz, dizendo para o autor do mesmo o que entenderam sobre o que ali estava representado. Proponha que discutam se a intenção do que foi representado foi entendida ou não pelo outro.
8. Abrir o debate, orientando os professores para que estes apresentem os cartazes para o grupo, fixando-os na parede. Solicitar aos professores que comentem as diferentes interpretações dos desenhos. Se todos os professores forem do mesmo povo, seria interessante tentar organizar os cartazes numa certa seqüência, se isso for possível. O coordenador deve chamar a atenção dos professores para que percebam as diferentes versões do mesmo acontecimento, que podem surgir nos diferentes relatos, bem como para as diferentes versões de interpretação dos trabalhos realizados.

#### • ATIVIDADE 4 - AVALIAÇÃO E AUTO-AVALIAÇÃO

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 30 MINUTOS)

1. Solicitar aos professores que leiam o que escreveram no início desta atividade em seu Caderno de Registro.
2. Pedir que anotem uma reflexão sobre esse tema e o ensino de história na sua escola.
3. Solicitar que alguns professores socializem suas anotações.

#### 8. ANEXOS

##### ANEXO 1

EXEMPLOS DE IDENTIFICAÇÃO DE ACONTECIMENTOS RELATADOS DA HISTÓRIA DE POPULAÇÕES INDÍGENAS QUE ESTABELECEM RELAÇÕES COM A HISTÓRIA BRASILEIRA

Relato de Jorge Lemes Ferreira Ibã Kaxinawá

*Eu nasci em 1936. Meu pai me dizia que meu avô era do tempo quando Kaxinawá ainda era brabo, morava em kupixawa nas terras firmes. (...)*

*(...) quando meu pai começou a trabalhar, ele me contava história que ele vivia muito preocupado devido à correrias. Tanto cauchero peruano como patrão cariú maltratavam muito os índios: matavam, invadiam, tratavam índio que nem bicho da mata. Peruano atacava, matava gente e tocava fogo no kupixawa. Jogavam meninos*

*pequenos para o alto e aparavam em ponta da faca. Finada minha avó contava isso para mim. Matavam os homens todos e amarravam as mulheres para levar. Arrasavam os kupixawas dos moradores, tocavam fogo. Meu avô me contava. Os índios entravam dentro de buraco de tatu canastra para poder escapar, salvar a vida. Quando parava de vir aqueles caucheiros, via quantidade de índios tudo morto, de bala, furado de faca.*

**IGLESIAS, Marcelo, OCHOA, Malu. História indígena. Rio Branco: Comissão Pró-índio do Acre, CPI/AC, 1996, p. 35 e 37.**

**RELAÇÕES COM OS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA:** NO final do século XIX, a borracha da região do Acre passou a ser explorada em grande escala. Nordestinos e peruanos penetraram nas regiões das florestas onde viviam inúmeras populações indígenas, abrindo seus seringais. Muitos índios foram mortos e outros transformados em "caboclos seringueiros". Os índios que resistiam foram exterminados a bala e facadas, em ataques conhecidos como "correrias". Estes ataques eram organizados pelos seringalistas e reuniam até 50 homens armados para atacarem as aldeias. Geralmente só escapavam mulheres e crianças.

### **Relato de Dona Maravilha, de Cachoeirinha**

*Kali Siiní, enquanto lutava contra os paraguaios, preocupava-se com o futuro do povo Terena.*

*Em uma tarde Kali Siiní pegou uma onça. A onça atacou quando Kali Siiní estava brigando sozinho contra os paraguaios. Ele brigava com flecha e lança e é por isso que nós temos esse pedaço de terra.*

*Kali Siiní matou a onça, coureou, fez um manto com o couro e assim chegou à aldeia. Quando ele matou essa onça, fizeram uma festa grande e assaram muita batata e muita mandioca.*

*Quando acabou a guerra, Kali Siiní recomendou que a gente não devia se casar com purutuyé, nem falar português, nem trazer purutuyé para a aldeia. Ser sempre Terena e não deixar a menina sair da aldeia para não perdermos a terra.*

**Bittencourt, Circe, Ladeira, Maria Elisa. A história do povo Terena. Brasília: MEC, 2000, p. 66.**

**RELAÇÕES COM OS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA:** Presença dos Terena na Guerra do Paraguai (1846-1870), ao lado dos brasileiros.

## **Relato de Genésio Farias**

*Naquela época os Terena se encontravam fora de sua aldeia, trabalhando nas fazendas em condições de quase escravidão. Trabalhavam quase sem remuneração e muitas vezes os fazendeiros simulavam o acerto de contas e diziam, aproveitando-se dos índios: "você ainda está devendo, portanto tem que trabalhar mais um ano". E a cada acerto de contas eles repetiam o mesmo.*

**Bittencourt, Circe e Ladeira, Maria Elisa.  
A história do povo Terena. Brasília: MEC, 2000, p.66.**

**RELAÇÕES COM OS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA:** Depois da Guerra do Paraguai, as fazendas se multiplicaram em Mato Grosso e os Terena ficaram cercados pelo gado. Os rebanhos invadiam suas terras e destruíam suas plantações. A vida na aldeia ficou difícil e os Terena foram obrigados a trabalhar nas fazendas. Essa situação durou até 1905, quando as terras dos Terena começaram a ser demarcadas.

## **Relato de Miguel Alves Costa Ruwê Kaxarari**

*No tempo em que os Kaxarari começaram a lutar pelos direitos, eu era pequeno. Tinha idade de 8 anos. Naquele tempo, meu pai começou a brigar pelo direito de ter nossa terra. Os próprios parentes vendiam a colocação para o patrão. Eles estavam devendo muito e o patrão tinha que receber a produção deles. O patrão ficava em cima deles para receber. Ameaçava de tiro. Os índios entregavam a colocação. O branco matava os índios e os índios matavam o branco.*

*Quando soubemos que os índios tinham direito a um pedaço de terra, meu pai, Antônio Caibu, que os brancos chamavam ele, começou a ser liderança do nosso povo.*

*Um dia, o patrão chegou na casa dele, querendo comprar o local dele. O branco falou assim para meu pai:*

*- Antônio, você quer me vender este seu local?*

*Nesse tempo, meu pai já estava sabendo um pouco. Por isso, respondeu para o patrão:*

*- Não. Eu tenho filhos, netos e netas que precisam morar aqui. Não vendo.*

*O branco voltou para casa dele.*

*Depois, nós fomos à Funai para procurar nossos direitos. Pedimos à Funai que fizesse a demarcação de nossa Área Indígena, para não precisar mais do branco.*

*A nossa liderança brigou muito pelos nossos direitos.*

**IGLESIAS, Marcelo, OCHOA, Malu. História indígena.  
Rio Branco: Comissão Pró-índio do Acre, CPI/AC, 1996, p. 53.**

RELAÇÕES COM OS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA: A Funai foi criada em 1967, para substituir o SPI - Serviço de Proteção aos Índios, criado em 1910. Na década de 60, durante o regime militar, havia denúncias contra o SPI de corrupção e vendas de terras indígenas.

No início do século XX, quando foi criado, o SPI foi dirigido pelo general Rondon.

## ANEXO 2

### ORIENTAÇÕES PARÁ O FORMADOR:

E importante, nesta atividade, refletir com os professores sobre o fato de que esta linha do tempo ajuda a distinguir os acontecimentos uns dos outros, sem confundilos, e a pensar sobre quais deles aconteceram antes e quais aconteceram depois (concepção física do tempo). Ajuda também a pensar nos acontecimentos mais importantes que mudaram o destino de um povo ou dos povos (coletivos e históricos). Pensar que esses acontecimentos históricos marcam o início e o fim de um modo de viver no tempo possibilita, por sua vez, pensar em durações de tempo e em períodos históricos construídos a partir da história de cada sociedade. O livro *A história dos Terena* (Bittencourt, MEC, 2000) conta, por exemplo, que eles consideram três importantes períodos de sua história: Tempos Antigos, Tempo da Servidão e Tempos Atuais. Os acontecimentos importantes para distinguir esses períodos são, neste caso, a Guerra do Paraguai (1846-1870) e o início da demarcação de suas terras (1905). Por sua vez, o livro *História indígena* (IGLESIAS e OCHOA, CPI/AC, 1996) conta que para os índios do Acre e do sudoeste da Amazônia a história é dividida em cinco tempos: Tempo das Malocas, Tempo das Correrias, Tempo do Cativo, Tempo dos Direitos e Tempo da História do Presente. E preciso refletir e considerar que a ordem cronológica e linear não precisa estruturar também a narrativa dos acontecimentos de uma história. Durante muito tempo, a história ocidental foi escrita apenas ordenando os acontecimentos do passado em direção ao presente, mas hoje se tem clareza que isso não é fundamental. A maneira como contar e como organizar os eventos na narrativa é uma escolha do narrador que está contando a história. Pode, por exemplo, iniciá-la por um acontecimento do presente, procurar explicações no passado e voltar ao presente. Geralmente, são questões do presente que suscitam pesquisas no passado, para que possamos melhor compreender o mundo em que vivemos hoje em dia.

## ANEXO 3

### SUGESTÕES DE MATERIAL PARÁ SEREM CONSULTADO/UTILIZADO PELOS PROFESSÔRES INDÍGENAS.

Pará este trabalho é possível escolher livros didáticos de 1ª a 42 séries, de estudos sociais ou história, de escolas regulares e convencionais, para serem analisados pelos professores. O ideal seria escolher livros de diferentes épocas, incluindo antigos, destes encontrados em sebos, do início do século ou das décadas de 1960 ou 1970. E incluir, também, um livro didático mais recente.

Como leitura complementar para o coordenador, sugere-se:

- Grupioni, Luís Donisete Benzi. "Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil" in LOPES DA SILVA e GRUPIONI - A temática indígena na escola. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995, p. 481-493.
- Lopes da Silva, Aracy (org.) A questão indígena na sala de aula. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Existem inúmeros textos de viajantes europeus mencionando populações indígenas no Brasil, como Hans Staden, Jean de Léry, André Thevet, Cabeza de Vaca, Hercules Florence, Rugendas, August de Saint-Hilaire etc.

E possível selecionar um pequeno texto histórico (historiográfico ou didático). Entre os historiadores que escrevem sobre a questão indígena, é possível citar:

Azanha, G; Valadão, V. Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil, da Colônia aos nossos dias. São Paulo: Atual, 1991.

Mesgravis, Laima. O Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 1994.

Monteiro, John Manuel. Negros da terra. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Monteiro, John Manuel. O escravo índio, esse descobrimento. Grupioni, Luís Donisete (org.). índios no Brasil. São Paulo: Global/Brasília: MEC, 1998, p. 105-120.

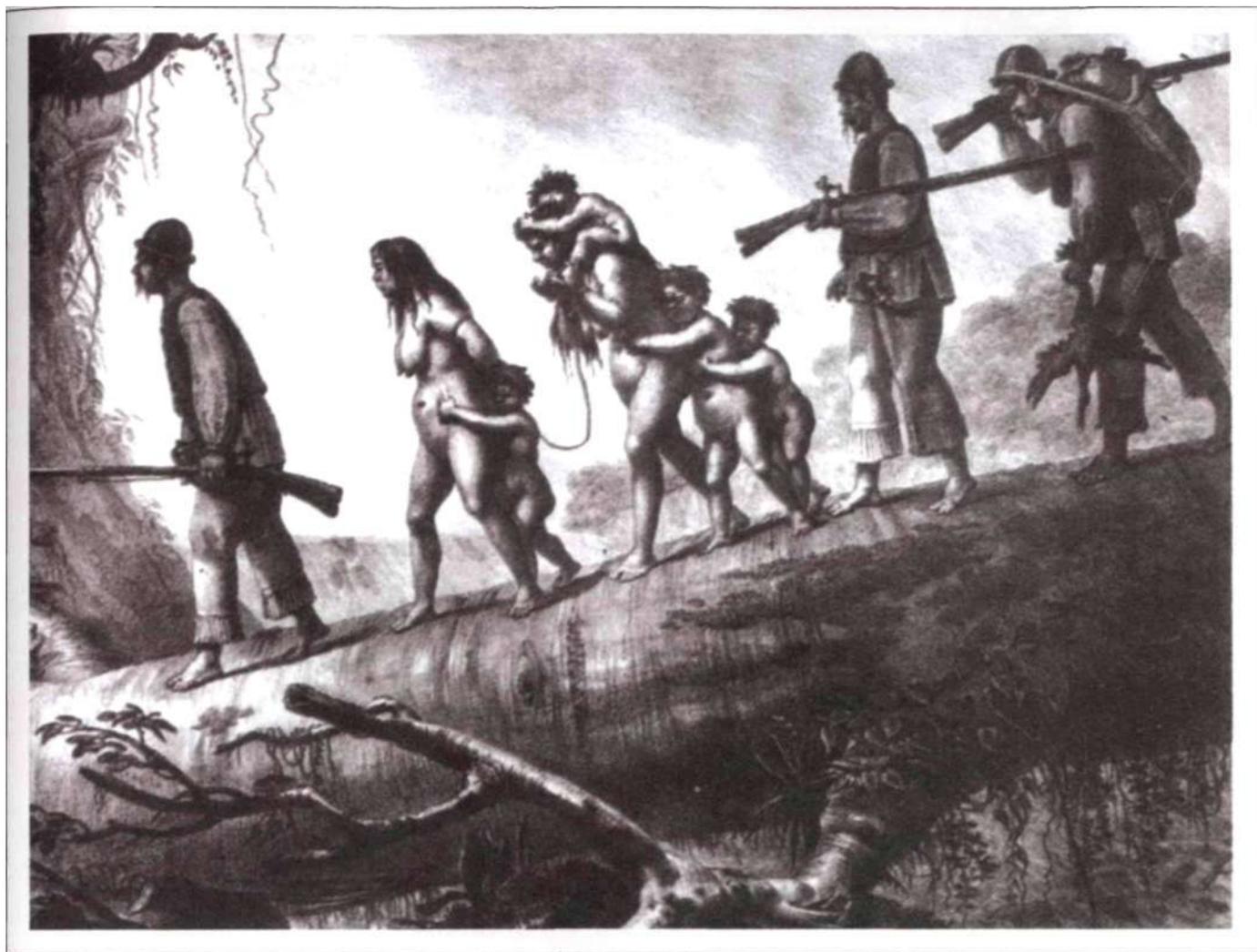
Scatamacchia, Maria Cristina Mineiro. O encontro entre culturas. São Paulo: Atual, 1994.

Existem alguns programas de vídeo da TV Escola para este trabalho. Por exemplo:

**Formas de vida e organização do trabalho indígena** - série Histórias do Amazonas, nº 2 - TV Cultura - Programação do catálogo da TV Escola - 38 minutos.

**Os índios e as organizações tribais** - série Histórias do Amazonas, nº 3 - TV Cultura - Programação do catálogo da TV Escola - 38 minutos.

**ANEXO 4**



**Debret, J. B. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1828).  
São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 75.**

## ANEXO 5

### "SOLDADOS ÍNDIOS DE CURITIBA"

Encontram-se na província de São Paulo, comarca de Curitiba, as aldeias de Itapeva e de Cattos, cuja população inteira se compõe de famílias de "caçadores" [corpo do exército (N. do T.)] índios, empregados pelo governo brasileiro para combater os selvagens e rechaçá-los pouco a pouco das regiões próximas das terras recém-cultivadas.

Sua farda constitui-se de um boné de pano, de gomos de diversas cores, franzido na aba para se ajustar ao tamanho da cabeça, de uma camisa, de um colete de pano cujo traseiro difere, na cor, do dianteiro, e de amplas calças brancas de algodão, cortadas à moda espanhola e terminando em franjas. Não usam calçado nem meias.

Esses soldados aguerridos carregam seus víveres dentro de um saco e dormem à noite nas florestas sem acender fogo, para não serem presentidos pelos selvagens que procuram surpreender.

Atualmente, em determinada época, o governo lhes distribui munições para que se ponham em marcha; depois de partir, só voltam quando esgotam suas provisões de guerra; descansam, então, até a campanha seguinte. Durante esse intervalo, cultivam suas terras e servem de guias aos visitantes estrangeiros.

Sua tática consiste em atacar os ranchos dos selvagens, matar os homens e procurar fazer prisioneiras as mulheres e as crianças. Selvagens eles próprios outrora, conhecem melhor do que os europeus os ardis que devem ser empregados nessas expedições. Como eles sabem, por exemplo, que os índios, ao abandonar uma habitação, têm por hábito acender fogueiras em sinal de adeus às tribos vizinhas, e que estas respondem em geral do mesmo modo, não se esquecem, ao entrar na floresta que desejam explorar, de se servir do mesmo estratagema para descobrir as habitações possivelmente existentes. Informados por esse primeiro reconhecimento, concertam seus planos de ataque com vantagem. Entretanto, apesar de tudo o que aprenderam com a civilização, são ainda, às vezes, iludidos pela astúcia de seus prisioneiros. Citaremos um fato que nos foi contado por um desses soldados índios.

Uma mulher selvagem e seu filho, da raça dos guaianases, haviam sido feitos prisioneiros por esses caçadores. Dissimulando sua tristeza, ela os acompanha de boa vontade; mas no caminho manifesta curiosidade de examinar os fuzis, no que é atendida durante a marcha, sendo-lhe os mesmos entregues. Quando a escolta pára, finalmente, ao pé de uma árvore para passar a noite, a mulher aproveita-se do sono dos guardas para retirar a mecha das armas, fugindo, em seguida, com o filho nos ombros. O ruído inevitável das folhagens pisadas acorda os caçadores, que se apressam em fazer fogo contra ela; mas o atraso provocado pelo ardid dá -lhe tempo de escapar. Esse exemplo não é o único, e em geral é difícil conservar grande número desses prisioneiros de guerra, a menos que se os interne imediatamente nas cidades do interior a fim de desambientá-los. Com todas essas precauções, são quase que apenas as crianças que se conseguem civilizar."

**In: Debret, J. B. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1828).  
São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 74-76.**

# MÓDULO 6

## A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS INDÍGENAS



## MÓDULO 6 A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS INDÍGENAS

1. TEMPO PREVISTO: 29 horas

2. FINALIDADE DO MÓDULO:

Propiciar condições para que professores indígenas reflitam sobre:

- a importância socioambiental, cultural e política dos estudos geográficos na construção de sua cidadania;
- as transformações curriculares ocorridas na educação indígena e na educação em geral, nas últimas décadas, no contexto das demais políticas públicas de ensino e sua relação com as práticas de ensino da geografia nas escolas indígenas atuais;
- o modo como a geografia pode ser estudada nas escolas indígenas e como é tratada no RCNEI quanto às abordagens, aos conteúdos trabalhados, às orientações didáticas etc.

3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:

(CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Ao final deste módulo, espera-se que os professores indígenas:

- ampliem sua compreensão sobre a importância socioambiental da geografia como estudo que nos permite observar, analisar, refletir, comparar, questionar, entender, explicar e intervir no mundo em que vivemos;  
\*percebam a importância dos conhecimentos geográficos como estudo escolar e meio para entender e atuar na sociedade majoritária;
- identifiquem, reflitam, selecionem e utilizem estratégias didáticas próprias do ensino de geografia, tendo como referência as situações e problemáticas do cotidiano;
- ampliem seus conhecimentos sobre a linguagem gráfica, valorizem o trabalho com diferentes tipos de representações espaciais, incluindo-se croquis, mapas, fotografias e, assim, adquiram conhecimentos sobre a função social do registro por meio de mapas;
- percebam que o RCNEI pode ser um instrumento importante para o aperfeiçoamento do seu trabalho pedagógico.

#### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

O que é geografia e o que se estuda; a importância social dos conhecimentos geográficos na formação do aluno; por que estudar geografia nas escolas indígenas.

A geografia no contexto da proposta do RCNEI: uma perspectiva histórica da abordagem da geografia nesta proposta; os desafios do ensino da área buscando superar velhos e novos problemas.

A linguagem gráfica; leitura de diferentes tipos de mapas; outras fontes de imagens geográficas (o desenho, o croqui, a fotografia).

#### 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

- \*RCNEI;
- \*mapas e atlas geográficos;
- \*papel sulfite;
- \*papel craft;
- \*lápis HB;
- \*pincel atômico (várias cores);
- \*cartolinas de diferentes cores;
- \*giz colorido;
- \*cópias xerox de fragmentos de textos de jornais, livros e revistas;
- transparências;
- \*papel quadriculado.

#### VÍDEOS:

- \**Quanto tempo o tempo tem?* (12'05"), da série Escola em Discussão, da TV Escola.
- \**A escola além da aula* (11'58"), da série Escola em Discussão, da TV Escola.
- \**Viva a diferença* (16'38"), da série Escola em Discussão, da TV Escola.
- \**Lápis, papel e muito mais* (15'42"), da série Escola em Discussão, da TV Escola.
- \**A geografia e o conhecimento do mundo* (16'45") da série PCN - Geografia, da TV Escola.
- \**A linguagem cartográfica* (15'32"), da série PCN - Geografia, da TV Escola.
- *Nossas Terras* (20'), da série índios no Brasil, da TV Escola.

#### EQUIPAMENTOS:

- retroprojetor;

- videocassete;  
\*televisão.

MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc, para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

#### LIVROS:

- BITENCOURT, C. M., Ladeira, M. E. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 156 p., 2000.
- OGPTB - Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües/GRUBER, Jussara Gomes (org.) - *O Livro das Árvores - Ticuna*, Benjamin Constant.
- Professores índios do Pix, GAVAZZI, Renato (orgs.) *Geografia indígena - Parque Indígena do Xingu*. Brasília: MEC/ISA/PNUD, 1996.
- RURI' Õ, Lucas, BIASE H. S., *Daró IDzôVhu Watsu'u (A história da Aldeia Abelinha)*. São Paulo: Master Book, 37 p. 2000.
- GAVAZZI, Renato A., RESENDE, Mareia S. *Atlas geográfico indígena do Acre*. Comissão Pró-índio do Acre - CPI/AC - Setor de Educação.

#### VÍDEOS:

Vídeos da série Geografia. Realização: TV Ontário, Canadá, 1993. Programas: *Os símbolos dos mapas* (9'10"); *A escala dos mapas* (8'47"); *Distâncias* (8'05"); *Direções* (9'12").

## 7. SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

### SEQÜÊNCIA 1 - POR QUE ESTUDAR GEOGRAFIA NAS ESCOLAS INDÍGENAS?

- - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS SÔBRE A CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA E O SEU CAMPO DE ESTUDO POR MEIO DE DEBATE EM CRUPO.

#### OBJETÍVO:

O trabalho compartilhado dos conhecimentos que o grupo tem a respeito dos estudos geográficos possibilita identificar as suas concepções sobre aquilo que será tratado nas demais atividades. Permite ajustar o trabalho do coordenador, comparar idéias, recuperar informações, socializar os conhecimentos do grupo, iniciar uma discussão, registrar aquilo que o grupo já sabe. Trabalhando a partir dos conhecimentos dos

professores e dialogando com eles, esses conhecimentos podem ser avaliados para que se aproximem dos conhecimentos a serem adquiridos.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Reunir os professores em pequenos grupos e solicitar a eles que conversem sobre as seguintes questões:

- "O que é geografia?"
- "O que a geografia estuda?"

Escrever essas questões na lousa ou no papel craft em lugar visível a todos. Solicitar aos participantes que anotem essas questões em seu Caderno de Registro e façam anotações pessoais durante o debate. Pedir que um professor fique encarregado de anotar em forma de frases as conclusões do grupo para relatar ao grupo maior.

2. Organizar um resumo (síntese) em plenária. Após o debate, o relator de cada grupo socializa a discussão apresentando para todos um resumo do que foi debatido. Essa síntese deve ser feita em um cartaz com três frases para cada questão colocada. Solicitar que cada relator leia o seu cartaz.

3. Organizar essa síntese na lousa, escrevendo as respostas comuns dos grupos. É importante que o coordenador releia as frases apresentadas, acrescente outras, compare o que é comum.

4. Depois de discutidas as idéias, solicitar a todos que anotem em seu Caderno de Registro esse levantamento de conhecimentos prévios do grupo.

#### • ATIVIDADE 2 - LEITURA DO **RCNEI**

##### OBJETIVO:

Familiarizar os professores indígenas com o RCNEI, possibilitando que estes o percebam como uma fonte de informação e um instrumento para seu trabalho em sala de aula.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Solicitar que individualmente os professores procedam à leitura dos itens " 1 . O espaço geográfico" e "O que é geografia" (páginas 225 a 227), do RCNEI.

2. Pedir para que se juntem em duplas e façam uma segunda leitura, grifando as idéias que julgaram mais interessantes.

3. Orientar para que discutam as idéias grifadas em função das perguntas:
  - "O que é espaço geográfico?"
  - "O que é geografia?"
4. Solicitar que respondam a essas perguntas no seu **Caderno de Registro**.
5. Abrir o debate, pedindo aos professores que comparem suas respostas com o que foi sintetizado na atividade anterior (sobre o que é geografia e sobre o que a geografia estuda). O coordenador deve sistematizar na lousa as conclusões do grupo.

### • ATIVIDADE 3 - ESCRITA COMPARTILHADA

#### OBJETIVO:

Construir um texto reflexivo coletivo. A escrita é um dos procedimentos básicos de estudo da geografia. Diferentes situações de escrita podem ser criadas para que os professores exercitem esse procedimento, ao mesmo tempo em que tematizam o seu texto com discussões geográficas.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Organizar os professores em duplas e solicitar que eles contem um para o outro o que ensinam e como ensinam geografia na sua escola. O coordenador deverá incentivar o diálogo e a troca de informações em cada dupla. Após alguns minutos de conversa, orientar para que cada professor anote em seu **Caderno de Registro** o modo como o outro professor ensina e o que ensina de geografia.
2. Propor à dupla que produza um texto compartilhado de suas experiências como professor de geografia. O texto pode ser dimensionado pelo coordenador conforme a habilidade com a escrita do grupo, por exemplo, 20 linhas, 15 linhas, uma página de caderno etc. O texto deve ser escrito no Caderno de Registro individual.
3. Abrir uma plenária, na qual cada dupla apresentará o texto que escreveu sobre o tema proposto para discussão. O coordenador deverá dividir a lousa em duas partes, registrando os depoimentos dos professores: O QUE ENSINAMOS, na primeira parte da lousa, e COMO ENSINAMOS na segunda parte.

### • ATIVIDADE 4 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO

#### OBJETIVO:

Aprofundar a discussão sobre o ensino de geografia nas escolas indígenas, ampliando o debate para questões relacionadas ao por que ensinar geografia nos dias de hoje e sobre a relação da geografia com o conhecimento do mundo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Apresentar o vídeo *A geografia e o conhecimento do mundo* (16'45"), da série PCN - Geografia, da TV Escola.
2. Após a apresentação do vídeo, promover um debate visando à discussão das idéias centrais do vídeo. Pedir aos professores que comentem os pontos que mais chamaram a atenção. Listar esses pontos e discuti-los tendo como base o RCNEI.

• **ATIVIDADE ! - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVO:

Familiarizar os professores indígenas com o RCNEI, possibilitando que eles o percebam como uma fonte de informação e um instrumento para seu trabalho em sala de aula.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. O coordenador deve proceder em voz alta à leitura do item "III. Sugestões de temas" (páginas 230 a 231, do RCNEI). Após a leitura de cada parágrafo, o coordenador deve parar e perguntar para o grupo o que entenderam, debatendo as idéias apresentadas no texto e sintetizando-as.
2. Após a leitura, pedir aos professores que folheiem as páginas seguintes do RCNEI, de modo que identifiquem as três sugestões de temas de estudo ali apresentadas "(2.1. Os espaços geográficos da aldeia, do território, de outros territórios"; "2.2. O espaço geográfico brasileiro"; "2.3. O espaço geográfico mundial - o local e o global)".
3. Orientar os professores para que escrevam em seu Caderno de Registro uma reflexão sobre o que foi discutido nesta atividade.

• **Atividade 6 - LEITURA COMPARTILHADA DE IMAGENS E PRODUÇÃO DE UM ÁLBUM TEMÁTICO DE GEOGRAFIA**

OBJETIVO:

Olhando para o lugar onde vivemos, identificamos muitas imagens. São a nossa aldeia, as cidades, montanhas, florestas, campos cultivados etc. São diversas

paisagens, nas quais o homem e a natureza estão presentes. Como um e outro interagem? O que resulta da ação humana e da natureza? Como entender e explicar essa relação partindo daquilo que percebemos com o nosso olhar? Por que é importante compreender o que vemos para além do que a imagem nos apresenta? Como podemos fazer isso?

Ler a paisagem é buscar as razões nem sempre visíveis, buscar o que a explica, buscar como se combinam as ações humanas com o funcionamento da natureza. Portanto, compreender como interagimos com elas, como vivemos diferentes paisagens. Para isso, precisamos decifrar a sua linguagem: a linguagem das formas, dos objetos, dos movimentos muitas vezes ocultos na paisagem etc. A leitura da paisagem leva-nos à compreensão dos fatos e sua relação com a nossa vida.

É um desafio conhecer e explicar o que representam as imagens tão variadas dos lugares. Estudar como a natureza e a sociedade interagem exige preparação, que o professor pode obter por meio de sua própria pesquisa, trabalho de campo, leitura, enfim, dos seus estudos da paisagem. Não é possível decifrar e explicar a paisagem sem pesquisar como ela acontece. Mas como fazer isso indo além das observações que normalmente fazemos? Como dar novos significados, perguntar e buscar respostas?

Para ler a paisagem, podemos dizer que é preciso desenvolver uma linguagem. É muito importante para o professor interpretar essa linguagem. Para isso os geógrafos têm proposto alguns caminhos. Um deles é o exercício de leitura de imagens.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. O coordenador deve dividir o grupo em cinco subgrupos para a leitura compartilhada das imagens das páginas 227, 228, 234, 238 e 240 do RCNEI. Solicitar aos grupos que falem sobre o que as imagens transmitem. Pode-se encaminhar essa leitura propondo os seguintes questionamentos:

Quais as suas impressões da imagem?

\*O que chama a atenção na imagem?

\*O que representam os elementos apresentados na imagem?

\*O que o autor quis retratar?

\*Proponha um título para essa imagem.

2. Após essa leitura, organizar uma oficina de desenho e produção de texto inspirada na lista de conteúdos proposta nas atividades anteriores.
3. Organizar um álbum ou Caderno de Registro coletivo com as produções do grupo (textos e desenhos). Nesta atividade, todo o percurso feito nas atividades

anteriores pode ser retomado. A idéia é que produzam um material que possa ser utilizado em outros encontros de estudo e também auxilie o professor na escolha de conteúdos a serem ensinados. Esse álbum deve ser reproduzido para todos os integrantes do grupo de estudo. Todos os registros coletivos das atividades anteriores podem constar deste caderno/álbum.

- ATIVIDADE 7 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROGRAMA DE VÍDEO

OBJETIVO:

A utilização de programas de vídeo na formação do professor possibilita desenvolver a aprendizagem da leitura de imagens; ampliar os conhecimentos sobre outros assuntos, outros lugares e paisagens; conhecer e discutir outras idéias; familiarizar-se e apropriar-se de outras linguagens; perceber a organização estética da imagem; discutir as intenções de quem filmou, levantar hipóteses sobre essas intenções etc. Nesse caso, estamos utilizando o vídeo para problematizar um tema. Esses programas de vídeo tratam de questões que são fundamentais para todas as escolas, sejam elas indígenas ou não: a administração do tempo pelo professor, as situações extraclasse e a aprendizagem, a pluralidade cultural e a sociodiversidade, a maneira como o professor pode tirar proveito das diferenças existentes, a importância das situações didáticas. São filmes feitos para as escolas não indígenas, mas que permitem problematizar questões que se referem a todas as escolas brasileiras, tais como a estrutura escolar na perspectiva do outro, comparar e refletir a respeito da relação entre conteúdo a ser ensinado e a aprendizagem e as diferenças socioculturais.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Solicitar que cada professor faça individualmente, em seu Caderno de Registro, uma reflexão sobre as seguintes questões:
  - "Quais são as minhas dificuldades pessoais em planejar o tempo para estudar os temas de geografia?"
  - "Quais são as minhas dificuldades com os conteúdos desses temas? Como posso superar essas dificuldades?"
2. Exibição e discussão de um ou dois dos vídeos da série Escola em Discussão - TV Escola, 1997 - série com sete programas, dos quais selecionamos quatro: *Quanto tempo o tempo tem?* (12'05"); *A escola além da aula* (11'58"); *Viva a diferença* (16'38"); *Lápis, papel e muito mais* (15' 42"). O coordenador deverá assistir aos vídeos antes e escolher aquele que melhor se adapte ao perfil do grupo de professores. O programa de vídeo deverá ser utilizado para disparar

a discussão do fazer escolar, do planejamento do tempo, do trabalho coletivo. O formador retoma as questões que foram antecipadas e abre a discussão geral no grupo.

3. Solicitar que cada professor (ou em duplas) escreva uma reflexão sobre a seguinte questão: "O que eu preciso para superar minhas dificuldades?"
4. Socializar as respostas. Não é preciso chegar a uma conclusão. Esta atividade pretende ser bastante reflexiva e orientar a busca de encaminhamentos. O grupo pode listar dez encaminhamentos prioritários. Isso também será útil para continuar estudando depois de encerrado o trabalho com o módulo.

## SEQÜÊNCIA 2 - A ESCRITA E A LEITURA DE MAPAS

### • ATIVIDADE 1 - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS SÔBRE A LEITURA E A PRODUÇÃO DE MAPAS

#### OBJETIVO:

Conhecer o que os professores já sabem sobre mapas e outros tipos de representação (desenhos, croquis etc).

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. O coordenador de grupo informa que o objetivo desta atividade é conhecer o que os professores já sabem sobre mapas e sobre o uso de mapas na escola. Conversa com o grupo solicitando a eles que falem sobre o seu trabalho cotidiano com os mapas. O coordenador pode orientar a conversa colocando as seguintes questões:
  - "O que é um mapa?"
    - \*"Quais mapas você conhece?"
    - \*"Para que serve um mapa?"
  - "O que um mapa representa?"
  - "Como trabalhamos com mapas no estudo da geografia?"
  - "O que nossos alunos já sabem sobre mapas?"
  - "Quais têm sido as maiores dificuldades no trabalho com mapas?"
  - "Que tipos de materiais costumam utilizar (mapa político, atlas, maquetes, mapas indígenas)?"
2. Após a conversa mais informal, fazer uma síntese na lousa retomando essas questões na forma de uma lista.
3. Solicitar que todos anotem no **Caderno de Registro** aquilo que o grupo listou.

## • **ATIVIDADE 2 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROGRAMA DE VÍDEO**

OBJETIVO:

O programa de vídeo contém uma série de informações sobre a cartografia. O objetivo de sua utilização é que os professores identifiquem algumas dessas informações e possam discuti-las à luz dos seus conhecimentos sobre mapas.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Audição e discussão coletiva do programa de vídeo Geografia - *A linguagem cartográfica*; duração 15'32". Realização: TV Escola/MEC Brasil, 1997.

O programa de vídeo mostra que representar e espacializar os fenômenos estudados são trabalhos de geógrafo que os alunos de geografia podem aprender desde as séries iniciais. Ler mapas, conhecer a organização do atlas, fazer mapas simples e construir as primeiras noções a respeito da linguagem cartográfica são atividades que o professor pode promover.

2. Apresentar o vídeo e propor o debate do mesmo a partir das seguintes questões:

Qual a importância social de se aprender a ler e produzir mapas?

Qual a importância dos mapas no estudo da geografia e em outras áreas do conhecimento?

O que o programa fala sobre o ensino de cartografia?

Como espera que seus professores ou alunos aprendam a desenhar mapas?

3. Solicitar aos professores que façam um texto individual no Caderno de Registro sobre suas conclusões.

## • **ATIVIDADE - LEITURA EXPLORATÓRIA COMPARTILHADA DE DIFERENTES TIPOS DE MAPAS**

OBJETIVO:

Um mapa geográfico representa sempre uma parte da realidade. O mapa é sempre uma visão vertical do espaço a ser representado. A escolha daquilo que está representado num mapa depende de sua finalidade. Daí ser fundamental aprender a reconhecer os diferentes tipos de mapa e suas finalidades. Este é o objetivo desta atividade.

## PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. O Coordenador do grupo solicita que os professores, em pequenos grupos, consultem o mapa das terras indígenas no Brasil. O objetivo da atividade é proceder a uma discussão sobre esse mapa. Para tanto, sugerem-se algumas perguntas para orientar a leitura do mapa pelos professores indígenas:
  - "Qual o título do mapa?"
    - \*"Quem preparou o mapa?"
    - \*"Além do título, que outras informações escritas vocês encontram no mapa?"
  - "O que o mapa pretende informar?"
    - \*"O que representam as cores, as linhas e outros símbolos gráficos no mapa?"
    - \*"O que se apreende da leitura deste mapa?"
2. Depois dessa leitura exploratória, formar uma roda para que os grupos possam contar o que descobriram sobre esse mapa. Solicitar que cada grupo fale sobre suas idéias.
3. O coordenador deve anotar na lousa as opiniões dos grupos.  
Ao término das apresentações, discutir com o grupo as dificuldades que ele teve com a tarefa realizada.
4. Pedir aos professores que formem novamente os grupos e distribuir atlas e mapas geográficos disponíveis, bem como o material do kit do RCNEI. Cada grupo deverá trabalhar com um material diferente.
5. Solicitar que façam uma leitura exploratória sobre os materiais procurando identificar:
  - "Os tipos de mapas que cada material contém."
  - "Quem preparou os mapas?"
  - "Quais os títulos ou nomes dos mapas que encontraram?"
  - "O que representam as cores, as linhas e outros símbolos gráficos no mapa?"
  - "O que os mapas pretendem informar?"
  - "Como você leria estes mapas?"
6. Depois da leitura exploratória, forma-se uma roda para que os grupos possam contar o que descobriram sobre os mapas nos materiais indicados. Solicitar que cada grupo fale sobre suas idéias e mostre o material na medida em que identificou esses aspectos.
7. As opiniões são anotadas na lousa, na forma de painel. Discuta as dificuldades que o grupo teve com a tarefa realizada. Fazer uma releitura das respostas e solicitar que cada professor escreva um texto em seu Caderno de Registro sobre o seguinte tema: "O que eu incorporaria do que foi discutido no programa de vídeo e na exploração do material cartográfico na minha prática cotidiana?".

#### • ATIVIDADE 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE PROGRAMA DE VÍDEO

##### OBJETIVO:

O vídeo da série índios no Brasil apresenta a problemática dos territórios indígenas, fonte constante de conflito entre índios e não-índios. O objetivo de sua utilização é propiciar uma discussão desse tema pelos professores indígenas, relacioná-lo com temas e propósitos da área de geografia e, especificamente, da representação dos territórios por meio dos mapas.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Apresentar o vídeo *Nossas terras* (20') da série índios no Brasil, da TV Escola. O coordenador deverá assistir ao vídeo previamente para identificar os momentos de corte/interrupção da exibição. Sugere-se que o vídeo seja apresentado pela primeira vez integralmente.
2. Solicitar que os professores indígenas abram o mapa das terras indígenas no Brasil para acompanhar uma segunda exibição do vídeo. A cada caso relatado no vídeo, o coordenador deve interromper a exibição e orientar os professores para que localizem no mapa os estados e as terras indígenas enfocados nos casos Baniwa (AM), Ashaninka (AC), Kaiowá (MS) e Kaingang (SC).
3. Ao término da exibição do vídeo, abrir o debate a partir da formulação "E muita terra para pouco índio". Orientar a discussão para que os professores indígenas rememorem e comentem as afirmações e os argumentos apresentados nos vídeos, tanto dos índios quanto dos não-índios.
4. Solicitar aos professores que, em duplas, pensem em estratégias para abordar a questão dos territórios indígenas como tema das aulas de geografia. Orientar para que anotem em seu **Caderno de Registro**.
5. Pedir para alguns professores indígenas socializarem suas idéias.

#### • ATIVIDADE 5 - PRODUZINDO MAPAS

##### OBJETIVO:

Ler e produzir mapas é fundamental para compreender a espacialidade dos fenômenos geográficos. Aqui o objetivo é desenvolver os conteúdos procedimentais da escrita de mapas.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Solicitar aos professores indígenas que leiam o trecho do RCNEI sobre os tipos de mapas (página 239, a partir de "Todos os temas ....").
2. A partir da leitura, pedir que escolham um tema para fazer um mapa. Cada professor deverá receber papel quadriculado, lápis colorido, lápis HB, borracha, caneta hidrocor. Orientar os professores no sentido de que eles preparem uma legenda para o mapa e pensem na questão da escala para a representação das imagens no mesmo.
3. Após o término da feitura dos mapas, pedir para cada professor apresentar seu trabalho e fixá-lo na lousa ou num mural.
4. Abrir o debate perguntando quais as dificuldades que eles encontraram para realizar esta atividade e como elas poderiam ser superadas.
5. Propor para o debate a questão: "Como você planejará uma aula de confecção de mapas com seus alunos?"

- **ATIVIDADE 6 - AVALIAÇÃO DO PERCURSO PESSOAL**

OBJETIVO:

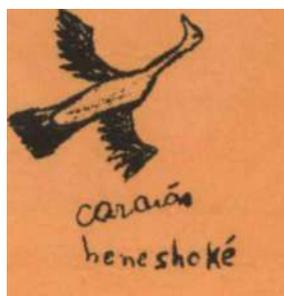
Ao final do módulo, é importante que os professores avaliem todos os procedimentos, identificando as estratégias didáticas e os conteúdos trabalhados. Isso deve ser feito de modo individual, podendo expressar as dúvidas, as necessidades, as questões que ainda precisam ser aprofundadas e o que o trabalho propiciou ao grupo em termos de aprendizagem.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Leitura individual das expectativas de aprendizagem do módulo e análise do percurso pessoal em relação às conquistas pessoais obtidas. O coordenador deverá preparar um cartaz com "as expectativas de aprendizagem" e fixá-lo na sala, para que todos possam ler ou se remeter ao Caderno de Apresentação.
2. Releitura dos conhecimentos prévios e conversa sobre o que aprendemos, o que temos que aprender, o que foi difícil, o que não funcionou etc. Registro no Caderno de Registro individual para acompanhamento do processo desenvolvido ao longo do módulo.

# MODULO

## AS CIÊNCIAS NATURAIS NAS ESCOLAS INDÍGENAS



## MÓDULO 7 AS CIÊNCIAS NATURAIS NAS ESCOLAS INDÍGENAS

1. TEMPO PREVISTO: 25 horas.

2. FINALIDADE DO MÓDULO:

Propiciar condições para que os professores indígenas:

possam debater e refletir sobre os fundamentos da área de ciências e seu papel no currículo das escolas indígenas;

sintam-se encorajados a trabalhar conteúdos da área com novas abordagens;

interessem-se em buscar informações sobre os diversos conteúdos propostos.

3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:

(CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Ao final deste módulo, espera-se que os professores indígenas:

comparem as diferentes posturas no ensino de ciências e elejam as mais adequadas;

priorizem conteúdos relevantes para a formação dos alunos, valorizando os conteúdos de ciências propostos nos RCNEI;

reconheçam o papel do professor na aprendizagem dos alunos em ciências;

sintam-se capazes de elaborar propostas de trabalho que incorporem novos elementos;

sintam-se motivados a continuar explorando o RCNEI.

4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

Análise comparativa de diferentes situações didáticas.

- O papel da problematização para a aprendizagem em ciências.

Orientações didáticas: a atitude investigativa.

O trabalho de campo e o estudo dos ambientes.

Elaboração de planos de trabalho a partir de leitura e discussão.

## 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

- \*RCNEI;
- \*papel craft ou cartolina;
- caneta hidrocor ou lápis de cera;
- \*livros didáticos de Biologia;
- \*cópia do texto do anexo 1 ;
- jornais e revistas.

### VÍDEOS:

*Ambiente: sistema em equilíbrio dinâmico* (14'24"), da série PCN - Ciências Naturais.

*Filhos da terra* (18'), da série índios no Brasil, da TV Escola.

### EQUIPAMENTOS:

- videocassete;
- televisão.

### **MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc., para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):**

E sugerida a seguinte bibliografia para os professores consultarem, uma vez que aprofundam conceitos e abordagens de alguns temas propostos.

BRANCO, S. M. *Energia e meio ambiente*. São Paulo: Moderna, 1995 (Polêmica).

CAMPOS, M. Cristina da C, NIGRO, Rogério G. *Didática de ciências: o ensino-aprendizagem como investigação*. São Paulo: FTD, 1999 (Conteúdo e Metodologia).

MARTINS, R. A. *Universo: teorias sobre sua origem e evolução*. São Paulo: Moderna, 1994.

RODRIGUES, S. A. *Destruição e Equilíbrio: o homem e o ambiente no espaço e no tempo*. São Paulo: Atual, 1989 (Meio Ambiente).

CTI - *Livro do artesanato Waiãpi*. Centro de Trabalho Indigenista. Brasília: MEC/SEF, 1999.

APEART - *E assim começou a história que já havia começado...* Associação Projeto Educação do Assalariado Rural Temporário. Londrina: Apeart/Peri; Brasília: MEC, 1999.

LADEIRA, M. E. et al. *Estudando os cerrados*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1999.

REZENDE, R., NILSSON, M. *A terra dos Terena: manual de educação ambiental para a terra indígena de Cachoeirinha*. Brasília: MEC/SEF, Centro de Trabalho Indigenista, 1999.

## SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

- ATIVII - LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS SÔBRE A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIAS E O SEU CAMPO DE ESTUDO

### OBJETÍVO:

Favorecer a reflexão dos professores sobre suas concepções do que seja o estudo das ciências e sua importância no currículo da escola indígena.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Explicar aos professores que o objetivo desta atividade é promover um levantamento das concepções do grupo sobre o que seja a área de ciências, o que ela estuda e qual a sua importância no currículo da escola indígena. Explicar que este levantamento será importante para a auto-reflexão sobre seus conhecimentos, para confrontação com os debates que irão se desenrolar na seqüência e para avaliação da aprendizagem no final das atividades propostas.
2. Como atividade para propiciar esse levantamento, solicitar aos professores que respondam em seu **Caderno de Registro** às duas perguntas:  
"O que são Ciências?"  
"O que as Ciências estudam?"
3. Orientar os professores para que se organizem em duplas para trocar e discutir o que escreveram. Propor que preparem uma nova síntese, juntando e confrontando o que escreveram.
4. Propor que cada dupla se junte a uma outra, compondo um grupo de quatro professores e discutindo o que escreveram. Propor que preparem um cartaz sintetizando a opinião do grupo sobre as duas questões.
5. Abrir para plenária, solicitando que cada grupo leia o que produziu em conjunto e pendure os cartazes pela sala. Após as apresentações, abrir a discussão.
6. Para finalizar a atividade, solicitar a cada professor que escolha um tema estudado pelas ciências e produza um desenho que também deverá ser afixado na sala.

- ATIVIDADE 2 - LEITURA DO RCNEI

OBJETIVO:

Familiarizar os professores indígenas com o RCNEI, possibilitando que estes o acatem como uma fonte de informação e um instrumento para o seu trabalho em sala de aula.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (2 HORAS)

1. Propor que individualmente os professores indígenas procedam à leitura dos itens " 1. As sociedades indígenas e as ciências" e "2. As novas situações" do RCNEI (páginas 253 e 254).
2. Solicitar que se organizem em trios e discutam e grifem as idéias principais do texto.
3. Propor que respondam nos trios à pergunta, anotando em seu Caderno de Registro:
  - "Os povos indígenas fazem ciência?"
4. Abrir o debate, solicitando que cada trio apresente os resultados de sua discussão.

- ATIVIDADE 3 - O CONHECIMENTO INDÍGENA, SUA PESQUISA E REGISTRO

OBJETIVO:

Propiciar uma reflexão sobre os conhecimentos indígenas, sua sistematização e registro e sua veiculação por meio da escola.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Propor aos professores que releiam o item "2. Educação e conhecimentos indígenas" do RCNEI (página 22).
2. Realizar uma discussão do trecho lido a partir da pergunta:

"A escola pode trabalhar com os conhecimentos indígenas?"
3. Apresentar o vídeo *Ambiente: sistema em equilíbrio dinâmico* (14'24"), da série PCN - Ciências Naturais.
4. Propor sua discussão a partir de questões sobre o interesse dos homens em conhecer, entender e ordenar o mundo que os cerca. O que significa observar,

experimental, ordenar, concluir? Todos os povos pensam da mesma forma, isto é, explicam as coisas da mesma maneira? O que é ter uma atitude de investigação científica?

5. Propor que realizem uma atividade prática de sistematização de conhecimentos. Distribuir folhas de sulfite para os professores. Pedir que escrevam nomes de animais ou plantas, o maior número e o mais variado possível. Quando terminarem, solicitar que reflitam sobre a lista e pensem numa forma adequada de agrupar seus elementos.
6. Orientar para que executem a tarefa de reorganizar a lista em seu **Caderno de Registro**.
7. Solicitar a cada professor que apresente os seus resultados, explicando os critérios escolhidos e como ficou a sua classificação. Orientar os demais professores para que fiquem atentos aos resultados e percebam se existe algo que lhes pareceu semelhante ou estranho.
8. O coordenador deve anotar no quadro os diferentes critérios de classificação utilizados e propor, como questão, se eles foram adequados ou não para organizar o universo de animais e plantas levantados; o que tinham de semelhante e de diferente, e abrir o debate. O coordenador pode apresentar outras formas de classificação de modo que enriqueça e amplie o debate, na perspectiva de valorização dos diferentes sistemas classificatórios.
9. Propor a leitura, em duplas, dos itens "2. O conhecimento indígena, sua pesquisa e registro" e "3.1. Os seres humanos e o meio ambiente" do RCNEI (páginas 257 a 259). Orientar os professores para que grifem as idéias principais e as discutam pensando na classificação feita na atividade anterior, produzindo uma síntese.
10. Abrir o debate pedindo que as duplas apresentem suas conclusões.
11. Propor aos professores que escrevam uma reflexão pessoal sobre esta seqüência de atividades em seu **Caderno de Registro**.

- ATIVIDADE 4 - INTEGRANDO O TRABALHO DE CAMPO AO ESTUDO DO AMBIENTE

**OBJETIVO:**

Refletir sobre as interações entre natureza e sociedade a partir de problemas reais que ocorrem em terras indígenas e por meio de trabalho de campo em um ambiente próximo, que pode ser observado e estudado para o estabelecimento de muitas relações.

## PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 8 HORAS)

1. Os professores, em duplas, discutem qual é a relação dos índios com a natureza. Após uns dez minutos de discussão, o coordenador deve orientar as duplas para que preparem uma frase que sintetize seus pontos de vista.
2. Abrir o debate pedindo que cada dupla apresente sua frase.
3. Propor como discussão as seguintes questões:

"Podemos mexer na natureza como se ela nunca fosse acabar? Como interferir na natureza, sabendo que estamos mexendo em algo complexo e que o que fazemos pode se tornar um beco sem saída?"

"Quando algum morador de cidade diz que o progresso ainda não chegou lá, o que ele quer dizer? Em São Paulo, o progresso já chegou? E na sua área indígena? Compare em quais dessas localidades a qualidade de vida é melhor."
4. O coordenador deve distribuir cópias do Anexo 1 para cada dupla de professores (textos dos índios Waiãpi que moram no Amapá, no norte do Brasil, numa área de 604 mil hectares que foi demarcada em 1996). Pedir que leiam e discutam.
5. Após a leitura, o coordenador encaminha a discussão coletiva de que não é possível pensar em natureza sem pensar nas ações humanas. A natureza vem sendo transformada para as necessidades de desenvolvimento de cada sociedade humana, fornecendo vários recursos. Aliás, muitos não se referem mais à natureza, mas aos recursos naturais, revelando o olhar utilitário para o que naturalmente é encontrado.
6. Ainda em duplas, solicitar aos professores que preparem uma lista com algumas das transformações que as sociedades atuais produzem na natureza e marquem aquelas que consideram absolutamente necessárias e quais não deveriam ocorrer.
7. Abrir o debate, pedindo que as duplas apresentem seus trabalhos e indagando se essas questões poderiam ser estudadas na escola.
8. Propor que cada professor desenhe seu meio ambiente atual como forma de expressar seu entendimento sobre o que está ocorrendo com o território do seu povo hoje.
9. Todos os desenhos são expostos, manifestam-se oralmente alguns voluntários e então se discute se os desenhos podem ou não expressar concepções e idéias sobre o meio ambiente e como eles poderiam ser utilizados nas aulas de ciências.

10. Propor a leitura compartilhada do Tema Transversal 1: "Terra e conservação da biodiversidade" do RCNEI (páginas 93 a 96). O coordenador pode incentivar a expressão das opiniões durante a leitura. Os professores podem grifar e fazer pequenas anotações a lápis em seus próprios RCNEI, com o objetivo de irem se apropriando de um material que deve ser utilizado com dinamismo, sem porém danificá-lo.
11. Após a leitura, o coordenador deve lançar a seguinte questão para que os professores, em grupos, possam discutir:
  - "Como estudar o meio ambiente nas aulas de ciências?"
  - "É possível realizar algum tipo de trabalho de campo com os alunos?"
  - "Que objetivos um trabalho de campo pode ter?"
  - "Como planejar esse trabalho para que seja integrado às outras aulas em classe?"
  - "Que conteúdos podem ser abordados neste trabalho?"
12. Orientar os professores para que discutam essas questões e levantem suas impressões. Na seqüência, orientar para que leiam os itens "Uso e conservação" (página 260) e "Conteúdos" (páginas 262 a 264, do RCNEI). Durante a leitura os professores esclarecem dúvidas, trocam experiências de ensino, fazem anotações individuais no **Caderno de Registro**.
13. Propor aos professores que pensem em algum problema de sua região e em como eles poderiam trabalhar esse problema com os seus alunos. Propor que, em grupos, os professores elaborem um plano de trabalho de campo que possibilite que seus alunos possam estudar esse problema ou algum dos conteúdos propostos no RCNEI.
14. Abrir a plenária para as apresentações, discutindo quais seriam as formas de registro mais adequadas para os alunos utilizarem neste trabalho: como desenvolver atividades de preparação, como organizar roteiro para o estudo de campo propriamente dito e como sistematizar as observações e os dados obtidos.
15. Orientar os professores para que escrevam uma reflexão sobre essas atividades em seu **Caderno de Registro**.
16. Apresentar o vídeo *Filhos da terra* (18') da série índios no Brasil, da TV Escola.
17. Abrir o debate sobre o vídeo. Orientar a discussão visando à sistematização de idéias sobre as relações entre os povos indígenas e a natureza.

## • ATIVIDADE 5 - A PESQUISA NAS AULAS DE CIÊNCIAS

### OBJETIVO:

Refletir sobre o papel da pesquisa bibliográfica no ensino de ciências e como sua eficiência pode ser ampliada quando algumas etapas são proporcionadas, como: a organização dos conhecimentos prévios sobre o objeto da pesquisa; o levantamento de dúvidas e o estabelecimento de roteiros antes da pesquisa; a pesquisa propriamente dita em várias fontes; elaboração de um produto após a pesquisa.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Em trios, os professores discutem "se" e "como" trabalham com pesquisa bibliográfica em suas aulas e listam aspectos das experiências relatadas. Trocam a lista entre si, lêem e, em seguida, formam um novo grupo de seis pessoas que escolhem o que falar para todo o coletivo. Após a exposição de todos os relatores, o coordenador propõe uma discussão coletiva:
  - "O que os alunos sabem sobre os temas pesquisados?"
  - "Os alunos sabem o que pesquisar quando não é feito com ele um roteiro sobre o que se quer saber?"
  - "Os livros didáticos falam sempre a verdade?"
  - "Além dos livros didáticos, que outros materiais podem ser utilizados na pesquisa? Vídeos, jornais e revistas podem ser materiais úteis?"
  - "As pessoas da comunidade podem ser fontes de informação? Como?"
2. Propor aos professores que se dividam em grupos e que cada grupo, folheando o item "3. Sugestões de temas de estudo", do RCNEI (páginas 258 a 277), escolha um tema para pesquisar. Não há necessidade de ler todo o texto, apenas de ir passando os olhos nos subtítulos e nos títulos, onde estão os temas propostos.
3. Após escolherem o tema, orientar os professores para que anotem em seu Caderno de Registro o que sabem sobre esse tema e quais são suas dúvidas. Pedir aos professores que socializem suas anotações no grupo.
4. Após escolherem o tema a ser investigado, propor que leiam e grifem as idéias principais do item "III. Sugestões de trabalho", do RCNEI (páginas 278 e 279).
5. O coordenador ajuda a pesquisa trazendo alguns livros de biologia, jornal local ou nacional, revista, vídeo pronto ou documentário de TV gravado, que serão pesquisados pelos próprios professores. Dependendo da problemática escolhida pelos grupos, pode-se propor que eles façam entrevistas com pessoas do local.

Cada grupo olha todo o material disponível e escolhe aquele que tem informações sobre o tema escolhido.

6. Propor aos professores que, antes de organizarem o que descobriram no material, leiam em conjunto o item "Caminhos", do RCNEI (páginas 279 e 280).
7. Orientar os grupos para que produzam um cartaz com o tema da pesquisa.
8. Abrir para as apresentações e para o debate. Orientar os professores para que expliquem o tema que escolheram, os materiais que pesquisaram, que tipo de materiais e que tipo de informações encontraram e quais as que escolheram. Pedir para os professores avaliarem se houve aprendizagem de novos aspectos, sobre o problema, após a pesquisa e a exposição.
9. É importante também que os professores pensem e falem sobre o que aprenderam sobre pesquisa em geral, ou seja, o fato de ter escrito inicialmente seus conhecimentos ou idéias sobre o assunto, de ter feito roteiro de dúvidas e de ter pensado o que poderia pesquisar influenciou na qualidade do trabalho? O fato de fazer o cartaz e transmitir o que pesquisou para os colegas influenciou no que se pode aprender em uma pesquisa bibliográfica?
10. O coordenador propõe a discussão das seguintes questões para concluir a seqüência:
  - \* "E mais importante o professor não ter dúvidas e mostrar que sabe tudo aos alunos ou ter atitude investigativa ao tentar resolver suas dúvidas e as dos alunos?".
  - \* "Para resolver as dúvidas, que aparecem para o próprio professor e para os alunos, que fontes devem ser consultadas?".
  - "Quando há dúvidas sobre a exatidão das informações de um livro, o que fazer?".
11. Os professores fazem anotações individuais em seu Caderno de Registro.

## • **ATIVIDADE 6 - ANÁLISE DOS REGISTROS REALIZADOS E AVALIAÇÃO**

OBJETIVO:

Perceber a importância de retomar o registro escrito para estudar, sistematizar e avaliar o percurso realizado.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. O coordenador deve reapresentar ao grupo os cartazes produzidos na atividade 1 sobre o que é ciências e o que ela estuda.

2. Pedir aos professores que leiam os cartazes e, em plenária, perguntar se gostariam de completar, ampliar, corrigir as definições e os itens apresentados nos cartazes.
3. Pedir que anotem em seu **Caderno de Registro** o resultado das discussões.
4. Orientar os professores para que releiam suas anotações em seu **Caderno de Registro** e observem todas as sínteses que foram elaboradas durante o trabalho deste módulo de ciências.
5. Explicitar a proposta de escrita "Ao planejar meu trabalho de ciências não devo me esquecer de ....".
6. Propor que cada participante socialize suas observações para que se faça uma lista coletiva.
7. Solicitar aos professores que registrem o resultado deste trabalho em seu **Caderno de Registro**.

## ANEXOS

### ANEXO 1

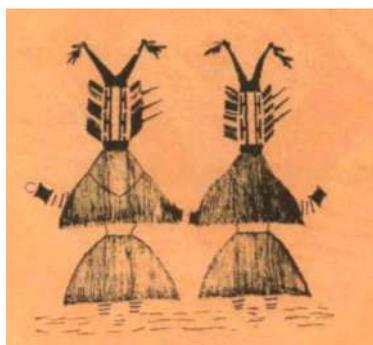
#### WAIÃPI NÃO É POBRE

"Os Waiãpi não são pobres. Porque nós temos a terra demarcada, temos floresta, temos animais, rio puro. Os rios daqui não são poluídos como na cidade. Nós derrubamos poucas árvores para fazermos as roças e plantamos mandioca, macaxeira e outras plantas para nós comermos e sobrevivermos. A água dos rios é pura e bebemos água dos rios mesmo na nossa área" (Ailcyry).

"Nossa cultura é muito diferente da cultura do branco. Trabalhamos nas roças. Derrubamos árvores com machado para fazer a roça. Nós não derrubamos todos os matos. Os brancos derrubam todos os matos e destroem. Os brancos não sabem cuidar da floresta, serram madeira para vender e estragam a terra. Nós não somos assim, não serramos madeira e não estragamos a terra. Sabemos cuidar do mato, sabemos cuidar da terra. Sabemos que, se derrubarmos todo o mato, não vai ter nunca mais mato para nossos netos. Nossos avós não derrubaram todos os matos, por isso nós, jovens, sabemos cuidar do mato. Se nossos avós derrubassem todos os matos, nós não iríamos saber como era o mato. Nossos avós não pensaram só neles, eles pensaram no futuro, pensaram em como os netos iriam viver no futuro: 'Não vai ter lugar para eles fazerem as roças, se eu destruir toda a terra e todo o mato'. Nossos avós não mataram todas as caças, só mataram o que era para comer: 'Se eu matar todas as caças, não vai ter o que meus netos caçarem'" (Seky).

**Livro do artesanato Waiãpi.  
Centro de Trabalho Indigenista. Brasília: MEC, 1999.**

## AS ARTES NAS ESCOLAS INDÍGENAS



## **MÓDULO 8 AS ARTES NAS ESCOLAS INDÍGENAS**

TEMPO PREVISTO: 24 horas

### **FINALIDADE DO MÓDULO:**

Oferecer aos professores elementos de reflexão sobre o papel da arte na escola indígena e sobre o processo de aprendizagem dos alunos para os conteúdos de artes visuais.

### **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)**

1. Refletir sobre as atividades artísticas atualmente desenvolvidas em suas escolas.
2. Ampliar a compreensão sobre a importância da arte no seu grupo social e em outro.
3. Compreender o processo de aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos de artes para selecionar e organizar o programa curricular de suas escolas.
4. Desenvolver um trabalho com os conteúdos de artes adequados às necessidades de aprendizagem dos alunos.
5. Prosseguir no estudo do RCNEI como fonte de informação e instrumento para aperfeiçoar a sua atuação em sala de aula.

### **4. CONTEÚDO DO MÓDULO:**

Situação atual do ensino da arte na escola indígena.

A importância da arte nas sociedades indígenas e em outras.

O papel da arte na escola.

Planejamento das atividades artísticas.

O processo de aprendizagem dos alunos dos conteúdos de artes.

### **5. MATERIAL NECESSÁRIO:**

RCNEI;

- livros do kit do RCNEI;
- lápiz;
- papel sulfite;
- borracha;
- canetas hidrocor (coloridas);
- durex ou fita gomada;
- canetas;
- giz;
- lousa.

VÍDEOS:

-Artes (17'39"), da série Menino, Quem Foi Teu Mestre, FRM/Seneb/MEC, 1995.

EQUIPAMENTOS:

videocassete;

televisão.

6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc, para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

- desenhos ou fotografias de pinturas corporais de diferentes povos do Brasil e de outros países;
- mapas geográficos;
- livros de História da Arte;
- PCN de Arte - Ensino Fundamental, vol. 6 (páginas 19a 21).

SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

- ATIVIDADE 1 - APRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS DO MÓDULO E DAS EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

OBJETIVOS:

Apresentar e discutir as expectativas de aprendizagem, relacionando-os com o processo de formação.

Apresentar os conteúdos do módulo.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Solicitar a cada professor que responda de forma breve, individualmente e em seu Caderno de Registro:
  - "O que eu entendo por arte?"  
"Quais têm sido minhas maiores dificuldades no ensino da arte?"
2. Durante os relatos, anotar em um cartaz as respostas dos professores. Afixar este cartaz na sala e guardá-lo para ser utilizado novamente no final do módulo.
3. Apresentar os conteúdos do módulo e as expectativas de aprendizagem, relacionando-os com as dificuldades relatadas pelos professores. Lembrar que durante a realização deste módulo as dúvidas serão atendidas e, no final, o grupo avaliará as expectativas de aprendizagem.

#### • **ATIVIDADE 2 - A ARTE NA ESCOLA INDÍGENA HOJE**

##### OBJETIVO:

Discutir a situação atual do ensino da arte nas escolas indígenas.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Explicar que esta atividade destina-se, ao mesmo tempo, a uma reflexão inicial sobre as atividades artísticas realizadas atualmente nas escolas e à socialização de procedimentos adotados diante das dificuldades encontradas.
2. Pedir aos professores que, em pequenos grupos, falem sobre as atividades artísticas em sua escola a partir das seguintes perguntas:
  - "Qual é o tempo dedicado às atividades artísticas na rotina da escola?"
  - "As manifestações artísticas de sua comunidade estão incluídas nas aulas de artes?"  
Quais são os materiais e os instrumentos de trabalho utilizados nas aulas de arte? Há dificuldade em conseguir materiais?
  - Há atividades de pesquisa sobre a arte de sua sociedade?
  - Existem livros de arte no acervo de sua escola?  
Você desenvolve alguma atividade artística em especial (canta, participa de danças, produz algum tipo de objeto etc.)? Como aprendeu?

Caso o ensino de artes não ocorra, propor a pergunta:

- "Por que a arte não está incluída no programa de sua escola?"

3. Pedir para cada grupo apresentar aos demais a conclusão de suas discussões. Escrever na lousa, ou em um mural, as questões principais dos relatos de cada grupo.
4. Propor que os professores, juntos com o coordenador, selecionem as questões mais recorrentes e/ou importantes para compor um quadro da situação atual do ensino da arte em suas escolas.
5. Escrever as questões selecionadas na lousa, ou mural, para comentários. Esta reflexão deve ser conduzida para que cada tema seja analisado a partir de diferentes pontos de vista.
6. Orientar os professores para que anotem em seu Caderno de Registro uma reflexão sobre essa discussão.

### **•Atividade 3 - ANÁLISE SÔBRE OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DAS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS NAS SOCIEDADES INDÍGENAS.**

OBJETIVO:

Discutir os diferentes significados das representações artísticas nas sociedades indígenas.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Pedir aos professores que, individualmente, utilizando folhas de papel e canetas hidrocor, desenhem um padrão de pintura corporal (de uso cotidiano ou ritual) ou de tecelagem, de trançado ou um motivo de pintura em cerâmica etc. No verso da folha devem escrever o nome do padrão (se houver), o que ele representa, em que situação é utilizado e quem o utiliza (homens, mulheres, crianças, velhos, guerreiros etc).
  2. Expor os desenhos prontos em um lugar onde todos possam ver (pode ser em um mural ou em um varal).
  3. Pedir aos professores que, em pequenos grupos, analisem os desenhos, considerando alguns aspectos, como, por exemplo:
    - ocupação do espaço da folha;
    - tipos de traços;
    - uso da cor;
- escolha de determinado padrão.

4. Propor um painel de discussão a partir do que os pequenos grupos analisaram, complementando com aspectos que não foram contemplados, como, por exemplo: os diversos significados dos padrões, seus contextos de uso (quem realiza as pinturas, quem pode ser pintado, em quais objetos se empregam tais padrões etc), o material utilizado, se há especialistas nesta arte, se esses padrões também ornamentam objetos (quais e de que forma) etc.
5. Apresentar aos professores o livro *Adornos e pintura corporal karajá* (livro integrante do kit do RCNEI) e pedir que observem detalhadamente cada um dos desenhos.
6. Propor uma análise coletiva comparando os desenhos realizados pelos professores e as pinturas corporais Karajá e Javaé, a partir de perguntas orientadoras, como, por exemplo:
  - "Há padrões que se assemelham? Quais?"
  - "Quais são as diferenças? Nas cores? Na forma dos desenhos?"
  - "Em que outros aspectos pode-se encontrar semelhanças ou diferenças?"
7. Mostrar pranchas com pinturas corporais de outros povos indígenas ou fotografias publicadas em livros e revistas para que comparem estilos, maneiras de representar os desenhos e comentem os diferentes aspectos que compõem a pintura corporal dos tantos povos, em que circunstâncias são utilizadas e o material empregado.
8. Propor uma leitura individual do trecho "A arte nas sociedades indígenas" (páginas 288 a 291, do RCNEI). Orientar os professores para que grifem as idéias que julgarem mais importantes.
9. Discutir com os professores o conteúdo do texto lido, relacionando com a atividade anterior e com exemplos apresentados por eles, complementando com outros que considerar relevantes.
10. Pedir aos professores que falem sobre as manifestações artísticas de sua comunidade (festas, pintura, cerâmica, danças, música etc.) para identificar a presença da arte nas sociedades indígenas representadas no grupo.
11. Escrever, junto com os professores, uma lista das atividades artísticas realizadas em cada sociedade indígena representada no grupo. Depois, marcar quais destas atividades são ou poderiam ser desenvolvidas na escola.
12. Orientar os professores para que registrem essas atividades em seu **Caderno de Registro**.

• ATIVIDADE 4 - POR QUE ESTUDAR ARTE NA ESCOLA?

OBJETIVO:

Discutir as capacidades previstas para cada conteúdo de ensino da arte proposto no RCNEI. Essa discussão é fundamental para os professores definirem o que esperam da formação dos seus alunos e o que devem fazer para desenvolverem as capacidades previstas.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Apresentar o programa de vídeo *Artes*, da série *Menino Quem Foi Teu Mestre*. Pedir que anotem todos os pontos que considerarem importantes para justificar o ensino da arte na escola.
2. Propor que, em pequenos grupos, compartilhem suas anotações sobre o programa assistido e discutam os objetivos do ensino da arte na escola. No final da discussão, pedir que escrevam os objetivos definidos:  
"O ensino da arte deve ajudar os alunos a serem capazes de..."
3. Orientar cada grupo para que prepare um cartaz com suas conclusões.
4. Propor a leitura da página 296 do RCNEI. Debater as propostas aí apresentadas e observar se elas estão contempladas nos cartazes preparados em grupo, e quais propostas os professores consideram que deveriam ser agregadas aos cartazes feitos. Pedir a eles que as registrem em seu Caderno de Registro.
5. Pedir aos professores que voltem aos seus grupos para pensar nos conteúdos de ensino relacionados a cada capacidade descrita. Sugerir o quadro abaixo para organizar esta atividade, de um lado as capacidades e de outro os conteúdos:

CAPACIDADES	CONTEÚDOS
Compreender a arte como uma forma de expressão e comunicação presente em todos os povos, de diferentes tempos e lugares, reconhecendo a pluralidade cultural como um direito de todos os grupos sociais.	
Compreender a importância da arte como patrimônio e como elemento formador da identidade étnica e cultural.	

CAPACIDADES	CONTEÚDOS
<p>Refletir sobre as diferentes linguagens da arte (música, teatro, dança, artes visuais), como se apresentam em sua cultura e em outras, estudando a sua história, identificando e experimentando técnicas, materiais e recursos, procedimentos criativos e de apreciação.</p>	
<p>Ampliar a imaginação, a percepção, a reflexão, a intuição, a fantasia, a observação, a sensibilidade e demais potencialidades necessárias à produção e à apreciação da arte, bem como à construção de outros conhecimentos.</p>	
<p>Valorizar as diferentes expressões artísticas de sua sociedade e o conhecimento de seus produtores.</p>	
<p>Identificar aspectos que singularizam a arte de sua cultura ante as outras culturas, indígenas ou não.</p>	
<p>Reconhecer a importância de registrar, conservar e divulgar as produções artísticas de sua sociedade e de outras, sabendo organizar informações e utilizar recursos, materiais, técnicas e procedimentos variados.</p>	

6. Cada grupo apresenta suas propostas e abre-se o debate.

- ATIVIDADE 5 - PENSANDO NO ENSINO DA ARTE

OBJETIVOS:

- Discutir as formas de ensinar arte de cada professor participante.
- Simular atividades envolvendo as diferentes modalidades de arte.
- Avaliar as atividades apresentadas, organizando uma lista de recomendações importantes para uma aprendizagem significativa em arte.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. Pedir que leiam o texto abaixo, do professor Ljyraru Karajá (escrever o texto em um cartaz ou na lousa):

*As crianças Karajá aprendem a desenhar olhando, e depois imitando, quando a mãe está fazendo cerâmica. Depois as crianças começam a fazer desenho na areia à beira do rio, no chão, na terra, com carvão. Isso acontece quando a criança tem de 7 a 8 anos. Os desenhos que as crianças aprendem são os desenhos que elas vão pintar no corpo de outro Karajá, quando elas ficam grandes (Ljyraru Karajá).*

2. Propor que comentem, em grupos, o texto lido e discutam se na sua comunidade o ensino da arte acontece da mesma forma. Apresentar algumas perguntas para orientar a discussão:
  - "Quais são as atividades artísticas praticadas pelas mulheres e pelos homens na comunidade?"
  - "Como acontece a transmissão dos conhecimentos artísticos na comunidade?"
  - "Quais são as atividades artísticas praticadas na escola?"
  - "Como acontece a transmissão dos conhecimentos artísticos na escola?"
  - "De que maneira a arte poderia ser trabalhada em conjunto com outras áreas do conhecimento?"
3. Organizar uma discussão coletiva a partir dos comentários dos grupos. Escrever no cartaz ou na lousa as formas de ensinar apresentadas por cada grupo.
4. Propor que cada grupo planeje uma aula para uma determinada modalidade de arte: música, dança, cerâmica, pintura, desenho, tecelagem... (organizar cada grupo com uma modalidade de arte diferente para ampliar a discussão sobre as formas de ensinar) para apresentar aos professores do curso.

5. Pedir que cada grupo apresente a aula planejada. Os professores devem assistir às apresentações avaliando alguns aspectos, como, por exemplo:
  - se a forma de ensinar apresentada é eficiente para a aprendizagem dos alunos;
  - se o professor apresentou desafios para os alunos;
  - se os alunos puderam expor suas idéias e trocar informações com o grupo.
6. Avaliar as apresentações e escrever, junto com os professores, uma lista com recomendações importantes para garantir uma aprendizagem significativa em arte. Segue uma sugestão:

1. O professor deve propor atividades desafiantes em que os alunos tenham problemas a resolver e decisões a tomar sobre o que se propõem a produzir.
2. As crianças devem ter oportunidade de trocar informações entre elas e expor suas próprias idéias.
3.
4.
5....

**IMPORTANTE:** A atividade de simulação tem como objetivo criar uma situação em que os professores possam planejar uma atividade e desenvolvê-la decidindo a melhor forma de fazê-lo, favorecendo a reflexão sobre sua prática.

Orientar para que leiam as páginas 310 a 313, do RCNEI, para complementar as discussões do curso com outras idéias e informações sobre formas de ensinar e estudar arte. Sugerir que grifem as idéias que julgarem mais importantes.

#### • ATIVIDADE 6 -AVALIANDO O PERCURSO

OBJETIVO:

- Avaliar e discutir sobre os procedimentos trabalhados, identificando as estratégias didáticas e os conteúdos discutidos ao longo do módulo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. O coordenador deve reapresentar para o grupo o cartaz produzido na atividade 1.
2. Pedir aos professores que leiam as definições de arte e solicitar que completem, ampliem, corrijam as definições anteriormente dadas em função dos trabalhos desenvolvidos no módulo.
3. Orientar para que anotem em seu Caderno de Registro uma reflexão sobre essa temática.
4. Ler as dificuldades que eles apresentaram no início do módulo sobre o ensino de arte e propor o debate sobre "se" e "em que" este módulo ajuda a superar ou enfrentar estas dificuldades, e "o que", individual ou coletivamente, pode ser feito para o aperfeiçoamento do ensino de artes na escola.

# MODULO

## AS ESCOLAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA



## MÓDULO 9 AS ESCOLAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA

### 1. TEMPO PREVISTO: 22 horas

### 2. FINALIDADE DO MÓDULO:

- Familiarizar os professores indígenas com a área da educação física e favorecer sua compreensão de que a elaboração de currículos da disciplina, nas escolas em que trabalham, depende de sua atuação como pesquisadores.

### 3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Com este módulo, espera-se que os professores tornem-se cada vez mais capazes de:

- entender os pressupostos e os significados da educação física nas escolas não-indígenas;
- pensar criticamente nos conteúdos da disciplina e nos sentidos da própria expressão "educação física";
- pesquisar e avaliar quais conjuntos de conteúdos da área da educação física seriam significativos nos currículos das escolas indígenas, e de que modo isto deve acontecer;
- refletir sobre o valor pedagógico da educação física.

### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

- As formas indígenas de educação física e sua relação com a escola.
- A difusão de conhecimentos, valores e técnicas corporais entre diferentes povos.
- A educação física nas escolas não-indígenas.
- As situações de contato e a questão da saúde.
- O trabalho de pesquisa em educação física indígena.
- As possibilidades para a educação física escolar dos índios.

## 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

- RCNEI;
- bolas de futebol e/ou de vôlei;
- cordas para exercício individual de "pular corda";
- lousa;
- giz;
- cartolinas;
- canetas e/ou lápis de cera coloridos.

## VÍDEO:

- *A educação física é para todos* (Programa 1 da série PCN - Educação Física, da TV Escola/MEC);

## EQUIPAMENTOS:

- videocassete;
- televisão.

## 6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc, para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

- PCNs 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> séries/Educação Física.

## 7. SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

### • ATIVIDADE 1 - LEITURA DO RCNEI

#### OBJETIVO:

Familiarizar-se com o RCNEI, utilizando-o como fonte de informação e como instrumento para pensar a prática pedagógica.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. O coordenador expõe, em linhas gerais, as expectativas de aprendizagem e os conteúdos do módulo. Sugere-se enfatizar, sobretudo, o aspecto básico da filosofia didática que norteia o módulo: a construção de currículos adequados de educação física em escolas indígenas é uma tarefa que está apenas começando;

pará sua consolidação são fundamentais as experiências, as propostas e as idéias dos próprios professores indígenas. É preciso que se transmita a seguinte idéia inicial: os conteúdos do módulo devem servir para que os participantes reflitam sobre a orientação que vêm adotando ou que irão adotar ao atuar na área da educação física escolar.

2. Propor a leitura do item "2. Dentro e fora da escola: a educação física diferenciada e intercultural" (páginas 323 e 327, do RCNEI). Solicitar aos professores que se organizem em duplas. Propor que todos leiam e grifem as idéias que julgarem mais importantes da primeira parte do texto (do início até... "para se supor esse interesse").
3. Abrir o debate solicitando aos professores que digam o que consideraram mais importante a respeito da leitura realizada.
4. Propor a continuidade da leitura para descobrirem quais as razões que o RCNEI apresenta para o interesse da educação física nas escolas indígenas. Para tanto, dividir as turmas em duas metades. A primeira metade lera o primeiro motivo (vai do parágrafo ... "O primeiro é que" ... até "em que vivem", (página 325). A segunda metade das duplas lera o segundo e o terceiro motivos (vai da página 325 "O segundo motivo que...." até o final da página 327).
5. Orientar cada dupla para grifar as idéias principais e preparar uma síntese para apresentar em plenária.
6. Abrir o debate, pedir que cada dupla apresente o resumo do que entendeu da leitura e propor aos professores que discutam as idéias apresentadas.
7. Orientar para que anotem em seu Caderno de Registro uma reflexão sobre a leitura e sobre a discussão realizadas.

#### • ATIVIDADE 2 - OLHANDO PARÁ A PRÓPRIA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

##### OBJETIVO:

Resgatar, compartilhar e refletir coletivamente sobre experiências individuais com aulas de educação física, de modo que isso permita comparações entre o que se "vive(u) como aluno" e o que se deseja (ou pode desejar) "construir como professor".

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. O coordenador propõe que cada um faça um breve exercício de memória: remeter-se, de olhos fechados e em silêncio, ao seu próprio passado de aluno de educação física. O objetivo é que se recordem dos momentos das aulas dessa disciplina nas escolas em que os participantes estudaram. Aqueles que

estudaram em escolas em que não havia aulas de educação física podem pensar nas atividades físicas que praticavam como "recreação" escolar ou mesmo fora da escola.

2. Quando julgar conveniente, o coordenador rompe o silêncio escolhendo um dos participantes para que relate oralmente suas lembranças individuais. Enquanto todos ouvem o relato, o coordenador vai anotando seus principais aspectos na lousa, usando palavras isoladas ou frases curtas (como será visto a seguir, é importante, como recurso didático, que a lousa esteja dividida ao meio e que essas anotações do coordenador sejam feitas em apenas uma das metades). Espera-se que o relato seja detalhado. Caso isso não aconteça, o coordenador pode recorrer a um ou mais relatos adicionais. O importante é que, ao final, ele disponha de elementos suficientes para que, olhando para a lousa e dialogando com aqueles que deram as informações, possa compor um "quadro" básico dessas "aulas recordadas". Ajudam a compor esse quadro os seguintes pontos:
  - "Que tipo de escola era essa: laica ou religiosa? Pública ou privada? Internato ou externato? Monolíngüe ou bilíngüe? Exclusiva para índios ou congregando alunos índios e não-índios? Os alunos indígenas eram todos de um mesmo povo?"
  - "O professor era índio ou não-índio? Era o mesmo das outras disciplinas ou diferente?"
  - "Em que espaço físico aconteciam as aulas? Terreno aberto? De cimento, terra, grama? Quadra? Pátio da escola? Ginásio de esportes?"
  - "As aulas resumiam-se a atividades físicas? Ou havia algo mais, como acompanhamento de músicas ou de explicações de regras, do sentido das atividades etc?"
  - "Quais e como eram as atividades? (nome e breve descrição das atividades)."
  - "Durante essas aulas, o comportamento dos alunos diferia do que eles tinham nas aulas de outras disciplinas, movimentando-se, falando, brincando, gritando ou rindo mais do que nestas últimas?"
  - "O professor utilizava algum critério de separação dos alunos: meninos e meninas; "maiores" e "menores" etc?"
  - "O professor proibia os alunos de fazerem alguma coisa com seus corpos, ou exigia que fizessem outras, de um modo que se chocava com o que eles faziam fora da escola?"
3. Após essa etapa, o coordenador reorganiza e "fixa" na metade já utilizada da lousa (sempre na forma de palavras e frases curtas) o quadro geral das recordações. Oralmente, destaca os principais traços dessas aulas memorizadas.

Verifica, então, se algum participante tem comentários a fazer que possam ser incorporados (como acréscimos ou divergências) a esse primeiro quadro.

Procedendo da mesma forma que na atividade anterior, o coordenador tem como objetivo compor um segundo quadro baseado em situações concretas de aula, a ser contrastado com o primeiro. A solicitação, agora, é para que os participantes contribuam com informações sobre sua experiência atual como professores, e não mais como alunos que um dia foram. Há, aqui, duas possibilidades: 1) que poucos ou nenhum dos participantes tenham a experiência de oferecer a seus alunos "aulas de educação física", de modo que uma iniciativa como esta, do coordenador, venha logo a se mostrar infrutífera; 2) que a montagem desse segundo quadro seja, de fato, viável. Em ambos os casos, o coordenador propõe um debate comparativo centrado nos dados levantados a partir do "passado de alunos" e do "presente como professores", conforme o que se segue.

No primeiro caso, o coordenador anota um grande "ponto de interrogação" na metade vazia da lousa (ou deixa-a, de fato, "em branco") e utiliza esta interrogação ou este vazio como recurso visual para discutir com os participantes questões como:

- "Por que não há aulas de educação física nas escolas em que trabalham?"
- "Será que deve ou precisa mesmo haver? Por quê?"
- "Por que a educação física é importante para os alunos?"
- "Por que a educação física começa a fazer parte da formação de professores indígenas?"
- "Será que, hoje em dia, as aulas de educação física ideais seriam iguais às que estão representadas no outro lado da lousa?"
- "O coordenador encerra a discussão dizendo que se espera que o módulo ajude a pensar melhor nessas questões."

No segundo caso, terminadas as etapas de sistematização das informações, o coordenador debate com os participantes as semelhanças e as diferenças entre os dois quadros representados, lado a lado, na lousa. Cada ponto de comparação merece ser explorado de múltiplos pontos de vista. Por exemplo: possíveis motivos e conseqüências dos aspectos semelhantes e diferentes; diante de uma clara diferença, avaliação do que pode ser, pedagogicamente, mais e menos interessante; os pressupostos que levam a dizer que uma coisa é "melhor" ou "mais interessante" que a outra etc. O coordenador encerra a discussão observando que a "educação física" pode ter muitos outros formatos, e que um dos objetivos do módulo é que os participantes acompanhem, pensem, imaginem e os descubram.

É importante frisar que, tanto no primeiro como no segundo caso, a contribuição do coordenador para o debate é mais a de um "estimulador" ou "mediador" e menos a de um "expositor" ou "defensor" de idéias.

5. Para encerrar, o coordenador pede que os professores façam, em seu Caderno de Registro, um "quadro-síntese" da discussão. Para tanto, deverão dividir uma folha ao meio como a lousa e que esta seja preenchida do seguinte modo: no alto e no centro, o título geral A EDUCAÇÃO FÍSICA NA MINHA ESCOLA; no lado esquerdo, o título: QUANDO EU FUI ALUNO e, no lado direito, COMO PROFESSOR (esses títulos podem ser traduzidos em língua indígena, a critério de cada um).

### • ATIVIDADE 3 - PARÁ QUE SERVE A EDUCAÇÃO FÍSICA?

#### OBJETIVO:

Favorecer a compreensão dos participantes do módulo quanto aos pressupostos e sentidos da educação física na escola dos "brancos", iniciando uma reflexão comparativa entre a vida nas cidades e nas comunidades indígenas.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. O coordenador dá início falando sobre os objetivos desta seqüência: conhecer um pouco como os não-índios entendem a educação física e começar a pensar numa educação física adequada às escolas indígenas. A idéia desta seqüência é que os participantes possam perceber que tipos de preocupações levam os "brancos" a oferecer aulas de educação física a suas crianças e jovens, discutindo o "porquê" e o "para quê" desta disciplina escolar. Para isso, começarão assistindo ao vídeo *A educação física é para todos*, da série de programas dos PCNs.
2. Apresentação do vídeo.
3. O coordenador vai à lousa e propõe um "roteiro de leitura" do vídeo. A idéia é direcionar a recepção de uma segunda exibição para duas questões básicas:
  - "Para que serve a educação física?".
  - "Com que coisas os brancos estão preocupados quando falam da educação física?"

O coordenador destaca os momentos do programa em que essas questões são mais claramente tematizadas (falas das crianças; intervenções do professor Marcelo "Jabu" B. da Silva; depoimentos dos artistas e esportistas famosos) e propõe que se preste bastante atenção neles.

4. Após a reapresentação do vídeo, orientar os professores para que formem pequenos grupos e discutam as duas questões propostas.
5. Abrir o debate, solicitando que cada grupo apresente suas conclusões.
6. O coordenador deve preparar um cartaz com esses dois trechos retirados do RCNEI:

*Uma das principais justificativas para a existência da educação física nas escolas dos não-índios é o modo de vida pouco saudável que as pessoas têm nas cidades. A medicina "dos brancos" ensina que a saúde das pessoas depende, dentre outras coisas, de que elas movimentem seus corpos de modo regular e adequado. E, nos dias de hoje, certas características e condições da vida urbana (nas cidades) - poluição, violência, poucos espaços para o lazer, falta de tempo para a atividade física e para a convivência social, etc. - tornam a Educação Física escolar necessária para a formação de crianças e jovens saudáveis.*

(...)

*As limitações dos territórios indígenas e a fixação em aldeias, bem como as grandes fazendas instaladas em seu entorno, podem levar ao rareamento da caça e da pesca, o que tende a modificar os hábitos alimentares e a reduzir as atividades físicas dessas populações. Seguem daí problemas como o sedentarismo, a obesidade e casos de diabetes entre índios (RCNEIs, p. 321 e 325).*

7. Após a leitura do cartaz, propor aos professores que, em grupos, discutam as seguintes questões:
  - "As pessoas das cidades e as pessoas da comunidade onde você mora vivem do mesmo jeito?"

"Na comunidade onde você vive, a falta de atividade física é um problema?"
  - "Onde a falta de atividade física é problema, onde se tornou hábito, onde não é problema?"
  - "Você acha que as atividades físicas do seu povo mudaram muito desde o contato com os 'brancos'? De que modo? Isso é bom ou ruim?"
  - "As crianças e os jovens da sua comunidade precisam fazer atividades físicas na escola para ter uma vida saudável?"
8. Socializam-se e sistematizam-se as conclusões. A partir das sistematizações da lousa, o coordenador destaca o significado da expressão "escola específica e diferenciada" quando aplicada à educação física. Lança, então, a pergunta "Na sua comunidade, para que serviria a educação física?", comandando uma rodada de respostas individuais. É importante que os participantes fiquem

à vontade para também trazer à tona questões que não foram apontadas durante a seqüência. O coordenador encerra as atividades destacando os pontos em comum das respostas e, se for o caso, aproveitando para lembrar outros que estiveram presentes ao longo da seqüência, mas acabaram esquecidos ao seu final.

- ATIVIDADE 4 - A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DOS "BRANCOS"

OBJETIVO:

Desenvolver a familiaridade dos participantes do módulo com os conteúdos e as maneiras de trabalhar da educação física dos "brancos".

A primeira parte desta seqüência é, na realidade, uma exposição oral do coordenador. Para que possa desenvolvê-la de modo adequado, dois cuidados são necessários: 1) previamente, a leitura atenta dos seguintes trechos do volume de Educação Física dos PCNs/5ª a 8ª séries: o item "Educação física e a cultura corporal de movimento", da 1ª parte (p. 27-30); o subitem "Esportes, jogos, lutas e ginásticas" completo e os dois primeiros parágrafos do "Atividades rítmicas e expressivas" (item "Blocos de conteúdo", 2ª parte, p. 70-71); 2) no decorrer da exposição, a averiguação constante da familiaridade e da compreensão dos participantes quanto ao que está sendo dito.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. O coordenador indica que o objetivo das atividades que se seguirão é conhecer o tipo de práticas que os "brancos" ensinam em suas escolas. Vai à lousa e escreve as seguintes cinco palavras: "esporte"; "jogo", "dança", "luta" e "ginástica". Recorrendo ao conceito de "cultura corporal de movimento" (embora não precise explicitá-lo), explica por que esses cinco tipos de atividades fazem parte da educação física: todos têm a ver com "movimento do corpo" e fazem parte do conjunto de conhecimentos que, numa dada sociedade, se acumulam, se transmitem e se transformam de geração para geração.
2. O coordenador dá prosseguimento à exposição apontando as principais características e dando exemplos de cada um desses cinco tipos de atividades. Assim: "esporte" (regras oficiais e iguais no mundo todo - futebol, vôlei); "jogo" (regras mais flexíveis que o esporte, menos "sério" que o esporte - os próprios participantes podem ajudar a dar exemplos de jogos); "dança" (presença fundamental da música; expressão corporal e ritmo - pedir ou oferecer algum exemplo); "luta" (uso controlado da violência e da força física contra o oponente - braço-de-ferro, judô, boxe); "ginástica" (trabalho corporal com finalidades

diversas: preparar o corpo para o esporte, a dança ou a luta; relaxar; recuperar ou manter a saúde etc. - abdominais, exercícios respiratórios). O coordenador deve destacar que os critérios para diferenciar essas práticas corporais não são muito claros, já que elas se interseccionam e imbricam, dependendo dos contextos em que ocorrem. Para esclarecer essa idéia, pode dar os exemplos do futebol (esporte e jogo); do boxe e do judô (esporte e luta); da capoeira (dança e luta). Pode-se dar exemplos de atividades diferentes dos anteriormente apontados.

3. O coordenador aproveita a menção ao judô ou à capoeira para desenvolver e discutir com os participantes a idéia de que cada povo ou cultura tem práticas corporais próprias, mas elas podem "passar" de um povo a outro, de uma cultura a outra, como a peteca, praticada, por exemplo, por subgrupos Guarani e transformado num esporte popular entre os brasileiros de regiões como Minas Gerais; ou o lacrosse, ensinado por povos indígenas norte-americanos aos imigrantes europeus que chegaram aos Estados Unidos e ao Canadá e, atualmente, praticado em diversas escolas não-indígenas destes países.
4. Em seguida, o coordenador convida os participantes para que tomem parte numa simulação: como se estivessem numa escola de "brancos", eles serão os alunos; e o próprio coordenador será o professor de educação física responsável por algumas breves aulas. Cada uma delas terá como conteúdo um dos tipos de atividade anteriormente apresentados. A idéia é que os participantes, ao mesmo tempo em que se familiarizam com alguns conteúdos da educação física, vivenciem, como "alunos-observadores", os modos não-indígenas de ensinar tais conteúdos. Aceito o convite, todos se dirigem para o espaço que for mais adequado.

OBSERVAÇÃO: É importante que o coordenador organize, previamente, planejamentos detalhados para cada uma dessas aulas, e que eles sigam, em linhas gerais, o que se costuma desenvolver em escolas não-indígenas. O que se apresenta a seguir são apenas indicações de aspectos que poderiam fazer parte do planejamento dessas aulas.

5. Realização de uma "aula de ginástica". O coordenador pode dividir a aula em duas partes. Na primeira, realizar-se-iam seqüências de exercícios repetitivos típicos das tradicionais aulas de ginástica visando ao condicionamento físico. Por exemplo: pular corda, fazer abdominais, flexões de braço, "cangurus", "polichinelos" etc. É importante destacar para os "alunos" a finalidade de cada exercício, a parte do corpo que se procura fortalecer e explicar os processos fisiológicos que acontecem durante os exercícios (aceleração dos ritmos cardíaco e respiratório, aumento da sudorese etc). Na segunda parte, os participantes

são familiarizados com exercícios de percepção corporal, como consciência da respiração ou do relaxamento/tensão dos músculos. Evidentemente, no decorrer desta aula, o coordenador estará aproveitando para tocar em conteúdos referentes ao conhecimento "ocidental" sobre o corpo humano (fisiologia).

6. Realização de uma "aula de jogo". O coordenador escolhe algum dos jogos mais corriqueiros nas escolas não-indígenas: queimada, pique-bandeira, corre-cotia etc. Explica suas regras, prepara a escolha das equipes e realiza o jogo juntamente com os participantes. Interrompe a atividade, sempre que necessário, para tornar mais claras as regras e anotar detalhes de desempenho, como colocação no espaço, estratégias mais eficazes etc.
7. Realização de uma "aula de esporte". O coordenador escolhe, de preferência, um esporte que exige condições materiais e espaciais mais simples, como o futebol, o vôlei ou alguma modalidade de atletismo. Explica suas regras básicas, concede especial importância ao momento de escolha das equipes e organiza a "competição" proposta, adotando o papel de "árbitro". Sempre que necessário, interrompe a atividade para explicar e demonstrar praticamente regras, infrações, punições, técnicas e estratégias de melhoria do desempenho, chamando a atenção para o papel que ele próprio desempenha (o de árbitro). Ao final, procura destacar a maior informalidade comparativa do "jogo" em relação ao "esporte".
8. O coordenador lembra que, além da ginástica, dos jogos e dos esportes, poderiam ter sido usados, nestes exemplos de aulas de educação física, as lutas e as danças. Destaca que os conhecimentos sobre o corpo humano que foram vistos na aula de ginástica também são temas importantes da educação física dos "brancos" e encerra as atividades.

#### • ATIVIDADE 5 - A EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ACONTECE FORA DA ESCOLA

OBJETIVO:

Trabalhar um conceito amplo de "educação física", a partir do qual os professores indígenas sejam estimulados a perceber e a refletir sobre formas indígenas de educação física, que podem existir independentemente da criação de um currículo escolar desta área do conhecimento.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. O coordenador deve preparar um cartaz com o seguinte texto:  
*(...) em todas as sociedades, independentemente da escola, existem atividades envolvendo transmissão de conhecimentos e valores referentes ao uso do corpo.*

*(...) as culturas indígenas, por si mesmas, têm suas próprias formas de educação física:*

*'Para mim, o banho que nós tomamos no rio, às cinco da manhã, é educação física. - Gersem, professor Baniwa, AM' (RCNEI, p. 322).*

2. O coordenador apresenta o cartaz, explicitando que se trata de um trecho do RCNEI.
3. Propor aos professores que se organizem em grupos para discutir o texto do cartaz. Orientar para que discutam as formas de educar e conhecer o corpo que seus povos possuem, independentemente da escola. Em seguida, eles são convidados a dar exemplos dessas formas de educação física dos seus próprios povos. Espera-se que falem um pouco de alguns de seus ritos, danças, lutas, jogos, brincadeiras, modos de ornamentar o corpo e mesmo de plantar, caçar, pescar etc. Cada grupo deve escolher uma dessas práticas indígenas para ser representada. A idéia é organizar um "teatro", uma "simulação" que destaque os aspectos educacionais de alguma atividade física indígena (uma fase específica de um rito de iniciação, por exemplo).
4. Abrir o debate, com a apresentação das conclusões de cada grupo, seguida da representação dramática. O coordenador pode ir anotando na lousa os exemplos dados pelos professores indígenas.
5. Abre-se um debate coletivo destinado a discutir alguns dos aspectos colocados em cena pela representação, como, por exemplo:
  - "O que se ensina nessa atividade física? Valores? Técnicas? Cuidados com o corpo?"
  - "Como se ensina? Por intermédio da fala/audição? Dos gestos? Da observação? Da imitação?"
  - "Quem são os educadores? Quem são os educandos?"
6. Ao término desta seqüência, o coordenador destaca que é um direito de cada comunidade indígena manter essas formas próprias de educação física fora do domínio e do calendário da escola. Baseando-se no texto, na representação dramática e no debate, os participantes são convidados a refletir sobre o tema "A educação física do meu povo que acontece fora da escola". Cada um deles recebe canetas e/ou lápis de cera coloridos e uma cartolina, onde escreve esse título (na língua que preferir), seu nome e registra um desenho e/ou um pequeno texto sobre o assunto. Ao final, as cartolinas são afixadas no mural.

- **ATIVIDADE 6 - LEITURA DO RCNEI**

OBJETIVO:

Familiarizar-se com o RCNEI, utilizando-o como fonte de informação e como instrumento para pensar a prática pedagógica.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 1 HORA)

1. Propor a leitura do item " 1 . Educação física diferenciada e independente da escola" (páginas 321 e 322, do RCNEI). Solicitar que os professores grifem as idéias que julgarem mais importantes.
2. Pedir que em pequenos grupos discutam as idéias que marcaram.
3. Abrir o debate, solicitando aos grupos que apresentem suas idéias sobre o que acharam de significativo na leitura realizada.

- **ATIVIDADE 7- PESQUISANDO CURRÍCULOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

OBJETIVO:

Orientar a reflexão e indicar caminhos para a construção de currículos de educação física escolar indígena que sejam adequados às aspirações e aos anseios de cada comunidade indígena.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 6 HORAS)

1. O coordenador indica que o objetivo desta seqüência é levantar questões e apontar caminhos que podem ser úteis para a elaboração de currículos de educação física adequados às necessidades e às aspirações das comunidades em que vivem os participantes. A semelhança do que fez no início do módulo, frisa que são os próprios professores, junto com suas comunidades, que devem pensar o "porquê" e o "para quê" da educação física. As respostas podem ser diferentes em cada caso. Conseqüentemente, a escolha dos conteúdos das aulas de educação física também pode variar caso a caso.
2. O coordenador anota na lousa a declaração da professora Kaingang Irani Miguel "Tenho uma frase que costumo dizer: posso ter tudo o que o branco possui sem deixar de ser índio" (RCNEI, p. 333) e pergunta quem concorda e quem discorda da frase. Ouvindo as respostas e estimulando o debate, o coordenador direciona a discussão para a área da educação física, de modo que os participantes comentem as aulas que foram realizadas na seqüência anterior: as que mais

gostaram, o que foi mais fácil e mais difícil de fazer, o que não entenderam direito etc. Solicita, em especial, que falem sobre as seguintes questões:

"Os conteúdos: algum deles mereceria fazer parte das aulas de educação física nas escolas em que trabalham? Qual? Por quê? Quais seriam os objetivos pedagógicos do ensino, por exemplo, do futebol, às crianças e aos jovens indígenas? E do pique-bandeira? E da ginástica? Será que todos os conteúdos da educação física dos "brancos" têm o mesmo interesse pedagógico para as escolas indígenas? Não seria melhor priorizar os que já fazem parte da realidade de suas comunidades?"

"O modo de ensinar: como eles próprios conduziram as aulas se estivessem no papel de professor? O que é preciso fazer para adaptar essas aulas para crianças pequenas, maiores e jovens? Como lidar com a diferença entre meninos e meninas?"

Se for necessário, é importante deixar claro aos participantes, mais uma vez, que não há respostas "corretas" e que as soluções para essas questões podem ser diferentes em cada comunidade.

3. Em seguida, o coordenador sugere que todos continuem pensando maneiras de ensinar as atividades físicas dos "brancos". Tomando o futebol como exemplo, começa a dirigir aos participantes perguntas que podem ser úteis na pesquisa de currículos de educação física:

" Como o futebol começou a fazer parte do dia-a-dia de seu povo? A escola e a educação física escolar ajudaram nesta introdução? De que modo? E a televisão? E o contato mais próximo com os "brancos", nas áreas indígenas ou nas cidades?"

"Nos lugares onde vocês vivem, quem gosta de futebol deixa de se interessar por jogos e atividades "tradicionais"? Isso é um "problema"? Como os "velhos" vêem o gosto dos mais jovens pelo futebol?"

"Introduzir o futebol na escola significa estimular ainda mais sua prática entre as crianças e os jovens."

"Como as aulas de educação física poderiam tratar dessas questões?"

As perguntas devem ser lançadas uma de cada vez, alternando os participantes, que as responderão em voz alta para que todos ouçam. O coordenador destaca que os pesquisadores devem continuar pensando e debatendo essas questões com os membros de suas próprias comunidades.

4. O coordenador apresenta, então, um segundo caminho para se pesquisarem currículos de educação física: pensar em como as atividades físicas de seu próprio povo podem fazer parte da escola. Ele deve solicitar aos participantes

que dêem exemplos, extraídos da realidade de seus próprios povos e culturas, de atividades que os "brancos" chamariam de jogo, esporte, dança, luta ou ginástica. A idéia, aqui, é propor aos participantes um exercício de reflexão que ponha em relação elementos culturais indígenas (as práticas e as atividades que eles devem mencionar) e categorias conceituais da educação física não-indígena "pensada em português". É importante que os participantes entendam que podem falar tanto de atividades físicas que sabem ter existido, mas que hoje já não são praticadas com muita frequência, como de atividades "tradicionais" ainda hoje praticadas por seu povo.

5. O coordenador toma a palavra lembrando a idéia de que existe uma educação física que acontece fora da escola: não é necessário que tudo o que existe numa sociedade seja trazido para dentro da escola. Estimula, então, que os participantes acrescentem, oralmente, as seguintes informações:
  - "Quais os significados culturais das atividades físicas tradicionais que foram mencionadas? Elas fazem parte de alguma festa ou ritual? São brincadeiras que acontecem no dia-a-dia? Você acha que elas precisam fazer parte do currículo escolar? Por quê?"
  - "Por que algumas atividades físicas dos "antigos" já não são tão praticadas? Você acha que a introdução do futebol, do vôlei etc. tem alguma coisa a ver com isso? É importante que a escola ajude a revitalizar essas práticas de antigamente? Como ela poderia fazer isso?"
6. O coordenador sistematiza as conclusões e destaca as diferenças de ponto de vista que podem ocorrer. Para fixar algumas idéias a respeito de como pesquisar currículos de educação física, lê, em voz alta, o relato de uma experiência de pesquisa de professores Asheninka, do Acre, sobre as atividades físicas de seu povo:
  - *"Nós vamos, junto com os outros professores, pesquisar, nesse ano de 1998, um pouco de nossa história cultural Asheninka: (...) que tipos de brinquedos eram utilizados para as crianças brincarem - o nome, se o homem brincava e se as meninas brincavam, saber se era do próprio povo ou foi emprestado de outros, quais são os de hoje e se teve uma mudança ou não (RCNEI, p. 328)".*
7. O coordenador vai à lousa e destaca os principais pontos de investigação apontados pelos professores Asheninka:
  - O nome da atividade
  - Diferença entre meninos e meninas
  - Origem da atividade (própria ou "emprestada")
  - Diferença entre "hoje" e "antigamente"

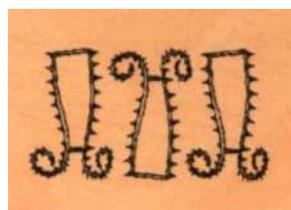
Pede aos participantes que pensem e acrescentem outros a esta lista.

8. Para encerrar, o coordenador vai à lousa e sistematiza onde os participantes podem procurar conteúdos apropriados para aulas de educação física em escolas indígenas:

- Nas modalidades esportivas mais praticadas no Brasil e no mundo.
- Em outras atividades físicas "dos brancos" (jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas), sempre que julgarem conveniente.
- Nas práticas corporais do seu próprio povo que merecerem ser trazidas para dentro da escola.

# MODULO

ELABORANDO O CURRÍCULO DA ESCOLA



## MÓDULO 10 ELABORANDO O CURRÍCULO DA ESCOLA

Este módulo retoma o tema do módulo 3 - Currículo e intencionalidade: o que ensinar e para que ensinar, aprofundando-o e sistematizando idéias desenvolvidas nos módulos das áreas

1. TEMPO PREVISTO: 19 horas.

2. FINALIDADE DO MÓDULO:

A finalidade do módulo é possibilitar que os professores indígenas:

- percebam a importância da comunidade educativa para a realização do papel social e político da escola e do currículo da escola indígena;
- retomem o que aprenderam nos módulos anteriores para tomar decisões a respeito de objetivos didáticos e conteúdos considerados essenciais aos seus alunos e, com isso, iniciem a elaboração do currículo de suas escolas.

3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM  
(CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

Ao realizar as atividades deste módulo, os professores estarão desenvolvendo as seguintes competências que, dentre outras, são necessárias para elaborar o currículo de suas escolas:

- compreender o currículo como um instrumento de trabalho do professor para realizar os propósitos educativos da escola;
- compreender a necessidade, os limites e a importância da participação da comunidade na discussão do currículo para a realização dos propósitos da Educação Escolar Indígena;
- representar a realidade para analisá-la, refletir sobre sua prática e construir propostas de intervenção;
- usar os conhecimentos e as informações a que têm acesso para tomar decisões e orientar novas ações;
- **eleger** conteúdos curriculares a partir da definição de capacidades a serem desenvolvidas;

ler, registrar idéias por escrito, expor idéias em público, debater, tomar decisões e produzir, pessoal e coletivamente, dentro da temática do módulo.

#### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

- O papel social da escola e do currículo.
- Comunidade educativa.  
Componentes curriculares: objetivos e conteúdos.
- Elaboração curricular: seleção de conteúdos a partir de objetivos.

#### MATERIAL NECESSÁRIO:

- RCNEI;  
desenhos sobre os propósitos da educação escolar indígena elaborados no Módulo 2;  
registro dos objetivos e dos conteúdos do trabalho com as áreas, que foram levantados nos módulos anteriores;  
objetos que os professores possam utilizar na representação da cena de discussão com a comunidade;
- folhas grandes de papel para "cartaz", canetas coloridas.

#### VÍDEOS:

- *Do outro lado do céu* (18'), da série TV Escola/MEC.
- *A história do menino Pataxó* (11'), da TV Executiva/MEC.

#### EQUIPAMENTOS:

- videocassete;  
televisão.

#### 6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc., para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL - Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais - *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, César. *Psicologia e currículo*. São Paulo, Editora Ática, 1996.

\_\_\_\_\_ e outros. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo, Editora Ática 1996.  
ZABALA, Antoni. *A prática educativa. Como ensinar*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas (ArtMed), 1998.

#### **SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:**

##### **• ATIVIDADE 1 - A COMUNIDADE EDUCATIVA**

#### **OBJETIVO:**

Promover uma dramatização e debate sobre a participação da comunidade no projeto educativo da escola da aldeia. Com essa seqüência, pretende-se trabalhar duas questões: por um lado, que os professores considerem a relação do currículo da escola com a vida cotidiana e com as práticas sociais dos alunos e da comunidade e, por outro, a idéia de uma comunidade educativa (os mais velhos, os pais e outros parentes, curandeiros, xamãs ou pajés etc.) que pode e deve participar da construção da proposta da escola indígena.

#### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS )**

1. Em um ou dois grupos (dependendo do número de participantes), os professores preparam uma dramatização para ser apresentada. A cena a ser representada é uma reunião com a comunidade, para refletir sobre a educação que a escola da aldeia deve oferecer. As personagens são o/a professor/a da escola e as pessoas da comunidade que seriam convidadas por eles para participar (parentes, chefes, xamã, outros professores, pessoas mais velhas etc). Antes de realizar a dramatização, os professores devem discutir as seguintes questões:  
"Como as pessoas da comunidade vêm a escola de sua aldeia?"  
"O que elas esperam/desejam que os seus filhos aprendam?"
2. Depois desse aquecimento, o grupo decide as personagens que deverão compor a cena, criam o enredo e os detalhes da dramatização e preparam as falas que expressem aquilo que as personagens consideram fundamental que a escola ensine.
3. Cada participante assume a representação de uma personagem e prepara-se para apresentá-la na reunião, de modo que represente a contribuição dos diferentes integrantes da comunidade.
4. Continuando a representação, o "professor da escola" coordena o grupo num debate das idéias expostas até chegar a um acordo.

5. Para terminar a dramatização, os professores registram em poucas linhas escritas aquilo que a comunidade daquela aldeia imaginada pensa que a escola deve ensinar.
6. Após a apresentação dos dois grupos, abre-se um debate sobre o que foi apresentado, procurando explicitar:
  - E bom que as pessoas da comunidade participem das decisões sobre o trabalho da escola? Por quê? Para quê?
  - O que é de responsabilidade da escola e o que é de responsabilidade da comunidade?
  - Quais são as dificuldades relacionadas a essa participação? Como superá-las?
  - Tudo o que for sugerido/demandado pelas pessoas da comunidade deve sempre ser atendido? Por quê?
  - Do que foi apresentado nas dramatizações, o que deve ser incorporado ao currículo da escola?

OBSERVAÇÃO: Este é um bom momento para o coordenador trabalhar com o grupo a atitude de cooperação, o respeito ao analisar e expor discordâncias com o trabalho dos outros, a possibilidade de aceitar críticas e discordâncias às próprias idéias - atitudes essenciais para um trabalho de produção coletiva. Isso pode ser feito de várias maneiras: 1) colocando logo no início que tais atitudes serão necessárias para realizar as tarefas; 2) orientando o grupo naquilo que estão fazendo e em possíveis dificuldades que enfrentem; 3) salientando essas atitudes quando estiverem presentes, explicitando a sua importância para o que estão realizando e 4) fazendo a relação entre o que acontece no grupo e o que será o trabalho real quando estiverem nas suas comunidades.

## • ATIVIDADE 2 - A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA INDÍGENA

OBJETIVO:

A leitura desse texto tem o objetivo de levar os professores ao conhecimento das propostas do RCNEI sobre comunidade escolar e sua participação na tomada de decisões a respeito da educação que a escola deve promover, para que avancem na reflexão, aprofundem e sistematizem as idéias que debateram anteriormente.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Propor aos professores indígenas que se organizem em pequenos grupos para realizar a leitura coletiva do RCNEI, páginas 64 a 66, "O trabalho

compartilhado de construção curricular e os Temas Transversais". Em cada grupo, todos lêem e comentam o conteúdo do texto, socializando suas idéias e ajudando uns aos outros na compreensão. Durante a leitura, é importante que o coordenador vá passando nos grupos para esclarecer dúvidas e provocar reflexões.

2. Após a leitura, os professores fazem um levantamento de encaminhamentos possíveis para envolver a comunidade na discussão da educação escolar de sua aldeia e os anotam em seu **Caderno de Registro**.
3. Finalizando, os grupos apresentam seus comentários sobre o texto e sobre os encaminhamentos, assinalando as relações que encontraram com o que foi colocado na dramatização. O coordenador deve ir sistematizando na lousa.
4. Exibir o programa *A história do menino Pataxó (1 J)*, da TV Executiva/MEC. O coordenador deve apresentar o vídeo, esclarecendo que o mesmo foi gravado em Minas Gerais, com os professores Pataxó. O vídeo aborda a questão da comunidade educativa, da importância da participação dos mais velhos da comunidade na escola, da revitalização da língua/cultura e da função social da escola.
5. Abrir o debate propondo a discussão a partir das questões que os professores acharem mais interessantes no vídeo. O coordenador pode perguntar o que eles acham da prática de levar os velhos da comunidade para participar das aulas na escola, se eles também têm esse tipo de prática, se realmente se aprende ou não algo com isso. Pode também apresentar questões relativas ao papel da escola nos processos de perda, revitalização e manutenção da língua indígena. Pode indagar sobre as funções da escola na comunidade indígena. Não há necessidade de se fechar esse debate, pois algumas dessas questões serão objeto de reflexão e discussão nas próximas atividades.

### • **ATIVIDADE 3 - DEFININDO OS OBJETIVOS DIDÁTICOS PARÁ CADA ESCOLA**

#### **OBJETIVO:**

Esta atividade e a próxima têm o objetivo de levar os professores a refletir e tomar decisões sobre as capacidades (objetivos didáticos) e os conteúdos, a elas relacionados, que trabalharão com seus alunos. A intenção é que os professores façam escolhas conscientes, isto é, de tudo o que foi visto até agora selecionem o que consideram fundamental e cuja aprendizagem se propõem a garantir aos seus alunos ao longo da escolaridade.

É possível que nos módulos de algumas áreas isso já tenha sido feito e em outras não. Portanto, para realizar essas atividades, os professores devem consultar os textos do RCNEI e os registros do que foi trabalhado nos módulos anteriores.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO ( ± 4 HORAS)

1. A atividade desenvolve-se com os participantes divididos em sete subgrupos, referentes às áreas do RCNEI: línguas, matemática, ciências, história, geografia, arte, educação física.
2. Cada grupo analisa os objetivos levantados no trabalho com os módulos de uma das áreas, para eleger quais eles consideram essenciais, isto é, aqueles que não podem deixar de ser trabalhados na sua escola:  
De tudo o que foi visto no estudo dessa área, quais são as capacidades que consideramos essenciais para nossos alunos e que, por isso, vamos incluir no currículo de nossa escola como objetivos?
3. Fazer uma lista elencando esses objetivos, registrá-la numa folha grande de papel e expô-la para os demais grupos.
4. Depois que todos os grupos terminarem e expuserem seus trabalhos, inicia-se a leitura do RCNEI (páginas 58 a 60). Primeiro, o coordenador dá um tempo de mais ou menos 15 minutos para que façam uma leitura individual, silenciosa, assinalando no texto o que não tenham compreendido bem ou palavras que não conheçam. Em seguida, o coordenador faz a leitura em voz alta, pedindo que os professores acompanhem e digam o que não entenderam. O coordenador vai fazendo interrupções na leitura para levantar e responder questões que provoquem reflexão, para possibilitar uma boa compreensão e apreensão do texto.
5. Depois dessa leitura coletiva e comentada, todos os professores analisam os objetivos listados e, se desejarem, sugerem mudanças, inclusão de novos itens, exclusões etc. O coordenador precisará ir organizando a discussão de modo que cada área seja analisada.
6. Ao final, o coordenador dirige a atenção do grupo para o conjunto dos objetivos a fim de que analisem e avaliem se estão satisfeitos com a formação que esses objetivos podem propiciar aos alunos. Para isso, poderá propor uma questão geral ao grupo:  
"É isso que queremos para os nossos alunos?" "É isso que queremos que eles sejam capazes de fazer, de saber e de ser?"

## • ATIVIDADE 4 - RELACIONANDO OBJETIVOS E CONTEÚDOS

OBJETIVO:

Esta seqüência possibilita aos professores trabalhar a idéia de que a aprendizagem de determinados conteúdos promove o desenvolvimento de certas capacidades, e é por isso que os objetivos de cada área são as capacidades que queremos que os alunos desenvolvam. Possibilita também que tomem decisões sobre o que irão ensinar, estabelecendo essa relação entre objetivos e conteúdos.

PROPOSTA PE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Nos mesmos grupos organizados por área, os professores elaboram um cartaz de duas colunas (ver modelo abaixo), preenchendo a primeira com os objetivos listados na atividade anterior.

<b>OBJETIVOS DE GEOGRAFIA</b>	<b>CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA</b>

A seguir, devem (sempre consultando seus registros e o RCNEI) eleger quais os conteúdos que precisam ensinar para que seus alunos, ao aprendê-los, desenvolvam as capacidades que elegeram.

**OBSERVAÇÃO:** É importante que o coordenador oriente o trabalho, atentando principalmente para alguns pontos:

Não se trata de estabelecer um conteúdo para cada objetivo, pois diferentes conteúdos promovem o desenvolvimento de uma mesma capacidade, assim como diferentes capacidades são desenvolvidas pela aprendizagem de um mesmo conteúdo. É preciso pensar no conjunto de objetivos e num conjunto de conteúdos que se relacione com eles, de modo que esclareçam por que e para que estão decidindo ensinar esse ou aquele conteúdo.

- Também devem ser levadas em conta, na decisão sobre o que ensinar, as finalidades da educação escolar indígena, explicitadas no Módulo 2, quando foram discutidos os propósitos da educação escolar indígena e as propostas da comunidade educativa, trabalhadas na atividade 1 deste módulo. E importante que se tenha à mão, para consulta, todos esses registros.
3. Terminado o trabalho em cada grupo, os cartazes são expostos, e, como na atividade anterior, passa-se a uma leitura comentada do RCNEI (páginas 60 a 63) - "Conteúdos escolares", seguindo a mesma orientação.
  4. Após a leitura, rever os conteúdos eleitos para analisar se há necessidade de acréscimos, eliminações ou outras mudanças.

### • ATIVIDADE 5 - QUE DIFERENÇA FAZ UM CURRÍCULO?

OBJETIVO:

Esta atividade visa a que os professores usem os conhecimentos e as reflexões, feitos anteriormente, para deduzir a importância (social e pedagógica) de um currículo para o trabalho educativo na escola como instrumento de organização e, principalmente, para garantir que a escola faça realmente o trabalho a que se propõe e efetive os seus compromissos sociais e pedagógicos com a comunidade e com os alunos.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO ( ± 2 HORAS)

1. Apresentar o cartaz a seguir, pedir que reflitam e discutam em duplas e elaborem uma resposta para a questão colocada nele, escrevendo-a no Caderno de Registro.
2. Pedir que socializem suas respostas lendo-as para os demais.
3. O coordenador anota as respostas nas duas colunas, de modo que, ao final das leituras, tenha, sistematizado, o pensamento do grupo.

QUE DIFERENÇA FAZ PARÁ OS ALUNOS SE A ESCOLA TEM OU NÃO TEM CURRÍCULO? E PARA A COMUNIDADE?	
Escola que tem currículo	Escola que não tem currículo

4. Depois que todas as respostas forem anotadas, o coordenador encaminha o debate sobre as diferentes idéias colocadas. Esse debate é muito importante no processo de construção da concepção de currículo que vem sendo trabalhada ao longo dos módulos porque "fecha" a reflexão sobre a natureza pedagógica, social e política do currículo. Agora que os professores caminharam na aprendizagem de conteúdos específicos e vivenciaram concretamente a tomada de decisões curriculares, têm condição de "pensar" essa questão num outro patamar. É ao mesmo tempo uma explicitação e uma síntese das aprendizagens feitas até aqui.

OBSERVAÇÃO: A análise dessa atividade (processo e produto) permite ao coordenador fazer uma avaliação de aprendizagens e desenvolvimento de competências que ocorreram não só neste módulo mas em todos os anteriores.

#### • ATIVIDADE 6 - NEM TUDO SE ENSINA NA ESCOLA

##### OBJETIVO:

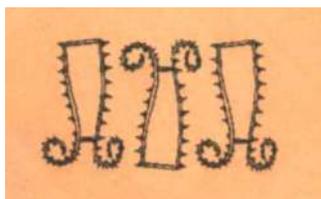
Promover uma discussão sobre os limites da escola indígena, evidenciando a necessidade de ela estar integrada ao cotidiano da vida na aldeia e a importância da comunidade na tomada de decisões relativas ao projeto político-pedagógico que se quer construir para a escola indígena.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO ( ± 2 HORAS)

1. Apresentar o vídeo Do outro lado do céu (18'), da série índios no Brasil, da TV Escola.
2. Solicitar que os professores, em trios, discutam o vídeo a partir da questão:
  - "Você acha que o que foi apresentado no vídeo deve ser objeto de estudo na escola? Sim ou não? Por quê?"
3. É importante que o coordenador oriente o debate com intervenções que estimulem os professores a refletir se a escola deve ou não tratar de todos os domínios da vida da comunidade, se cabe definir limites para a atuação da escola, a quem cabe estabelecer esses limites etc. Talvez esse possa ser um momento interessante para se discutir as relações entre a educação formal e os processos tradicionais de socialização das crianças e dos jovens indígenas.
4. Solicitar que, em trios, preparem um cartaz com as conclusões de suas discussões.
5. Abrir o debate, com cada trio apresentando seus cartazes e confrontando as diferentes opiniões.
6. Pode-se pedir aos professores que escrevam uma reflexão sobre essa última atividade em seu Caderno de Registro.

# MODULO

APRENDIZAGEM NA ESCOLA



## MÓDULO 11      APRENDIZAGEM NA ESCOLA

### **1. TEMPO PREVISTO:** 12 horas

### **2. FINALIDADE DO MÓDULO:**

As atividades deste módulo foram elaboradas com a intenção de direcionar a atenção e a reflexão dos professores para a aprendizagem escolar - perspectiva da qual todas as decisões didáticas devem ser tomadas.

### **3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)**

As capacidades aqui trabalhadas são, entre outras:

- Relacionar seus conhecimentos sobre a natureza do conteúdo a ser ensinado e a situação didática necessária para que seja aprendido.
- Modificar a organização e/ou o uso do espaço e do tempo para favorecer a aprendizagem.
- Analisar suas práticas de avaliação e perceber o quanto as utilizam, ou não como instrumentos para favorecer a aprendizagem e dispor-se a mudá-las nesse sentido, quando for o caso.

### **4. CONTEÚDO DO MÓDULO:**

Relação entre natureza dos conteúdos e processos de aprendizagem.

- Organização do tempo e do espaço na escola indígena.

Avaliação: concepção, principal função, tipos e instrumentos para avaliação.

### **5. MATERIAL NECESSÁRIO:**

RCNEI;

- folhas grandes de papel para "cartaz";  
papel branco tamanho ofício;
- canetas coloridas.

#### VÍDEO:

*Perdidos no Espaço*, da TV Escola - Parâmetros Curriculares Nacionais - série Escola em Discussão.

#### EQUIPAMENTOS:

televisão;

\* videocassete.

6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, vídeos etc., para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

#### VÍDEOS:

Programas de vídeo da série Escola em Discussão: *Quanto tempo o tempo tem?*; *Perdidos no espaço*; *A escola além da aula*; *Viva a diferença*; *Lápis, papel e muito mais*; *Avaliando a avaliação*, TV Escola - Parâmetros Curriculares Nacionais.

#### LIVROS:

BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL - Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais - *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998, especialmente páginas 71 a 81.

COLL, César e outros. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 1996.  
\_\_\_\_\_. *Psicologia e currículo*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

WEISZ, Teima. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

#### 7. SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES

- ATIVIDADE 1 - COMO SE APRENDE

#### OBJETIVO:

Essa seqüência procura evidenciar que, para se atingir os objetivos desejados, é necessário levar em conta o fato de que diferentes conteúdos são aprendidos de modos diferentes. E, portanto, precisam ser ensinados de modos diferentes.

## PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Em pequenos grupos, os professores discutem a questão abaixo e preparam uma síntese para exposição para os demais professores:

Como se aprende a:

- cozinhar, pescar, plantar;  
respeitar os mais velhos, ajudar os outros, não sujar o rio;
- nomes de plantas e rios, datas de festas;
- multiplicação, divisão.

2. Os grupos apresentam suas conclusões e abre-se um debate no qual o coordenador deverá:

explicitar que entre as respostas há diferentes formas de aprender que correspondem a diferentes tipos de conteúdo;

orientar a sistematização dos conhecimentos do grupo sobre as diferentes formas de aprender os diferentes tipos de conteúdo.

3. Após a organização do que foi levantado pelos grupos, o coordenador apresenta uma outra questão para discussão em grupos:

- "Como é preciso ensinar cada tipo de conteúdo?"

4. Durante a discussão, é interessante que os professores relatem suas experiências com o ensino dos diferentes tipos de conteúdos e avaliem as aprendizagens correspondentes para que, ao final da discussão, possam explicitar suas conclusões sobre a relação entre o tipo de conteúdo, a forma de aprendê-lo e a necessidade de adaptar o ensino a ela.

5. Abrir o debate para que os grupos possam apresentar o que pensaram. Ao final, o coordenador e os professores registram as conclusões no quadro e no caderno, usando a escrita e o desenho.

OBSERVAÇÃO: O capítulo 4: "O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares?" de Teresa Mauri, que está no livro *O construtivismo na sala de aula* (ver bibliografia anterior) é uma excelente leitura para o coordenador se preparar para a condução desta atividade.

## • ATIVIDADE 2 - O ESPAÇO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

### OBJETIVO:

Provocar os professores para que reflitam se estão fazendo o melhor uso possível do espaço de que dispõem e se poderiam atuar de outro modo.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 2 HORAS)

1. Exibição do programa da TV Escola *Perdidos no espaço*. Os professores assistem ao vídeo e, após a exibição, o coordenador deixa a palavra livre para os comentários gerais dos professores.
2. Em seguida, todos fazem a leitura do texto "Uso do espaço", (páginas 76 e 77, do RCNEI). Depois, o coordenador lê, em voz alta e, ao final, esclarece possíveis dúvidas sobre o texto.
3. Depois disso, o coordenador coloca algumas questões para discussão, tais como:  
"A organização do espaço interfere na aprendizagem? Como?"  
"Como é o espaço que usamos para trabalhar com nossos alunos?"  
"Usamos todas as possibilidades que temos?"  
"Criamos outras possibilidades de uso do espaço que tornem as atividades mais produtivas para a aprendizagem dos alunos?"  
"Há algo mais que podemos fazer nesse sentido?"
4. Listar as idéias que surgirem na lousa e propor aos professores que as registrem em seu **Caderno de Registro**.

## • ATIVIDADE 3 - A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO NA ESCOLA INDÍGENA

### OBJETIVO:

Possibilitar que os professores: 1) repensem a forma como organizam seu trabalho - e dos alunos - no tempo; 2) construam propostas alternativas e adequadas a seus propósitos.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. O coordenador deve propor a leitura do item "1. Uso do tempo", do RCNEI (páginas 75 e 76). Solicitar que os professores grifem as idéias que considerarem mais relevantes.
2. Propor aos professores que se organizem em pequenos grupos para:

- Definir como deve ser o calendário das escolas indígenas, isto é, qual deve ser o tempo de cada aula, o tempo das férias, e os dias em que os alunos não devem ter aula para poder participar das atividades da comunidade.
  - Fazer um levantamento dos tipos de atividades que acontecem na escola indígena.
  - Analisar a experiência que têm para pensar em uma ou mais seqüências adequadas entre os diferentes tipos de rotina: que atividades têm de acontecer todos os dias; se existe alguma seqüência mais apropriada (o que vem antes e o que vem depois); o que é melhor fazer logo de manhã, o que é melhor deixar para o final; quais atividades devem ser semanais etc.
3. Cada grupo apresenta seu trabalho para os demais e o coordenador propõe que todos analisem e façam sugestões.
  4. Propor aos professores que anotem uma reflexão sobre esta atividade em seu Caderno de Registro.

#### • ATIVIDADE 4 - AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

##### OBJETIVO:

Favorecer a compreensão do conceito de avaliação trazida pelo RCNEI e promover o conhecimento e a reflexão crítica sobre a prática e o uso da avaliação, feita de modo coletivo e cooperativo.

##### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 5 HORAS)

1. Os professores formam dois subgrupos para preparar um "seminário" que será composto de duas atividades: apresentação do entendimento da leitura de um trecho do RCNEI e apresentação dos resultados de uma pesquisa realizada pelos professores.
2. Orientar para que todos procedam à leitura do texto "6. Avaliação", do RCNEI (páginas 70 a 74).
3. O primeiro grupo ficará encarregado de preparar a apresentação do texto lido. Para tanto, deverá ser orientado no sentido de realizar as seguintes atividades:
  - Leitura do texto ("6. Avaliação", do RCNEI), marcando o que não compreenderam.
  - Discussão coletiva para aprofundamento e explicitação do conceito de avaliação, dos tipos e das finalidades, dos instrumentos e das propostas de ação dos professores, que estão contidos no texto.

- Preparação da apresentação para o grupo: o que vão apresentar, como será apresentado, qual será a participação de cada um na apresentação.
  - Elaboração dos materiais necessários para a apresentação planejada (cartaz, texto escrito, ilustração etc).
4. O outro grupo ficará encarregado de apresentar uma pesquisa a ser feita com todos os professores a respeito das práticas de avaliação que utilizam, fazendo um levantamento de pontos como os seguintes:
- "Quem prepara as avaliações dos seus alunos?"
  - "Para que se faz avaliação na sua escola?"
  - "O que avaliamos?"
  - "Quando os alunos são avaliados?"
  - "Que instrumentos de avaliação se usa na sua escola? Prova escrita? Mais alguma?"
  - "Para que/como são usados os resultados das avaliações?"

Os professores deverão ser orientados a realizarem as seguintes atividades:

- Leitura do texto "6. Avaliação", do RCNEI, marcando o que não compreenderam.

Elaboração de um roteiro para a pesquisa (quais perguntas vão fazer).

Planejamento de como vão organizar os dados (as respostas) que obtiverem.

- Realização da pesquisa com os participantes dos dois subgrupos.
- Organização dos dados obtidos.

Preparação da apresentação dos resultados.

OBSERVAÇÃO: É muito importante a atuação do coordenador na preparação das apresentações: ajudando a entender o texto, a compreender a finalidade da pesquisa, a elaborar as perguntas e a preparar as apresentações. Isso é de extrema importância para que todos compreendam a exposição e possam dar continuidade à atividade. Nesse momento, o coordenador é o parceiro experiente que possibilita ao grupo aprender com ele e elaborar um trabalho que dê satisfação e auto-estima.

5. Depois que os dois grupos tiverem suas apresentações preparadas, inicia-se o "seminário":

I. Apresentação da pesquisa

II. Apresentação da leitura do texto

III. Debate entre todos os participantes a partir de questões colocadas pelo coordenador (e/ou por professores), tais como:

"Todos concordam com as afirmações do texto? Por quê? O que pensam a respeito? Quem discorda, por que discorda?"

"O conteúdo do texto coloca-nos alguma questão sobre as práticas de avaliação apresentadas na pesquisa? Quais?"

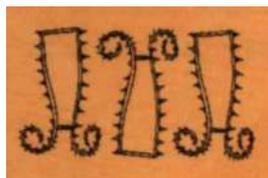
\* "Analisando as práticas de avaliação apresentadas, algo deveria ser mudado? O quê?"

"O que é necessário/possível fazer para promover essas mudanças?"

IV. Durante o debate, o coordenador vai anotando num quadro, ou numa folha grande de papel, as idéias com frases-síntese das colocações para, ao final, pedir que o grupo defina as conclusões a que chegou. Feito isso, elabora-se coletivamente um texto sobre os princípios da avaliação, a ser copiado no **Caderno de Registro**.

# MÓDULO 12

CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E ATIVIDADES



## MÓDULO 12      **CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E ATIVIDADES**

TEMPO PREVISTO: 17 horas

### 1. FINALIDADE DO MÓDULO:

Possibilitar aos professores colocar em uso diferentes conteúdos e capacidades trabalhados nos módulos anteriores e aprender a fazer uso de conhecimentos didáticos, tais como planejamento, avaliação, diário de classe para, dessa forma, se tornarem mais capazes de utilizá-los no seu trabalho docente.

### 3. EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (CAPACIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS)

- Usar o currículo como orientação para a elaboração de planejamento.
- Usar o conhecimento sobre os alunos como ponto de partida para o planejamento de ações.
- Usar a observação, o registro e a avaliação para conhecer melhor os processos de aprendizagem dos alunos.
- Adequar o planejamento às aprendizagens dos alunos.
- Auto-avaliar o próprio percurso de aprendizagem.

### CONTEÚDO DO MÓDULO:

Uso do currículo para elaboração do planejamento.

Planejamento de atividade com vistas a determinada aprendizagem.

Relação entre registro, avaliação e planejamento.

Uso do diário de classe como instrumento para o planejamento, para a avaliação e para a reflexão sobre o trabalho.

Uso de produções de autoria indígena.

Auto-avaliação da aprendizagem.

## 5. MATERIAL NECESSÁRIO:

- RCNEI;
- papel para elaboração de cartazes;
- canetas coloridas;
  - registro dos calendários elaborados no Módulo 11, atividade 4 ("A organização do tempo na escola indígena");
  - registro do que foi trabalhado no Módulo 10, atividade 4 ("relacionando objetivos e conteúdos").

### VÍDEO:

Programas de vídeo da série Escola em Discussão: *Viva a diferença* (16'38"); *Lápis, papel e muito mais* (15'42"); *O planejamento tim tim por tim tim* (13'56"); TV Escola - Parâmetros Curriculares Nacionais.

### EQUIPAMENTOS:

- televisão;
- videocassete.

## 6. MATERIAL COMPLEMENTAR (bibliografia, videos etc., para o coordenador ou para o grupo, para aprofundar temas):

MONTE, Nietta. *Escolas da floresta: entre o passado oral e o presente letrado*. Rio de Janeiro, Editora Multiletra, 1997.

## 7. SEQÜÊNCIA DE ATIVIDADES:

### OBSERVAÇÕES:

1. As atividades deste módulo deverão ter como referência uma turma real com a qual os professores trabalham - quando os professores do grupo conhecerem uma mesma turma - ou uma turma imaginária, definida por cada grupo de professores a partir de suas diferentes experiências - quando os professores que compõem os grupos forem de escolas diferentes.
2. O ideal é que o desenvolvimento das atividades planejadas seja feito com os alunos das escolas indígenas, como um trabalho a ser realizado nas escolas, no período entre os encontros. Quando isso não for possível, as atividades poderão ser desenvolvidas entre os professores, como simulação, isto é, o grupo que planeja, coordena a atividade, e os demais se colocam no lugar dos alunos realizando as propostas. Entretanto, isso não significa que os professores deverão comportar-se como crianças. Nesse caso, a idéia é usar os

procedimentos de planejamento, registro e avaliação e não imitar o comportamento dos alunos.

## • ATIVIDADE 1 - DO CURRÍCULO AO PLANEJAMENTO

OBJETIVO:

Possibilitar aos professores uma experiência de elaborar um planejamento de área a partir de elementos curriculares anteriormente elaborados. Essa aprendizagem é importante para que compreendam que o currículo não é o planejamento, mas um instrumento para orientá-lo.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

OBSERVAÇÃO: Para essa atividade, é interessante manter os mesmos grupos que elaboraram a atividade 4 ("A organização do tempo na escola indígena") do módulo anterior (11).

1. Em pequenos grupos (três a quatro pessoas), elegem uma turma de escola indígena com a qual irão trabalhar e descrevem suas características, registrando-as por escrito. Poderá ser uma turma real, entre aquelas com as quais trabalham, ou uma turma imaginária. Na descrição, é importante que se inclua o maior número de elementos, tais como:
  - série, ciclo e ano da turma (conforme a organização da escola);
  - idade dos alunos;
  - tempo de escolaridade dos alunos;
  - domínio da leitura e da escrita;
  - uma descrição da "cultura da turma": o que aprendem com facilidade, quais são seus principais interesses, que tipo de atividade costuma ser mais produtiva, como é seu ritmo de trabalho, seu humor, seu comportamento etc;
  - quais necessidades de aprendizagem consideram prioritárias para essa turma no momento atual;
  - principais dificuldades de aprendizagem já apresentadas por todos ou por alguns alunos da turma.
2. Depois de elaborada a descrição da turma, cada grupo elege uma área e, usando o registro do que foi trabalhado no Módulo 10, atividade 4 ("Relacionando objetivos e conteúdos"), decide quais objetivos vão contemplar e quais conteúdos vão ensinar num determinado período de tempo. Esse período (ano, semestre, estação etc.) será definido usando-se o calendário elaborado no Módulo 11, atividade 4 ("A organização do tempo na escola indígena"). A tarefa, portanto,

é decidir quais objetivos e conteúdos da área escolhida poderiam ser trabalhados em cada período por essa turma. Se tiverem sido definidos calendários diferentes para escolas diferentes, cada grupo escolhe o que atende melhor à sua turma. O coordenador deve lembrar aos professores que para tomar essa decisão é importante levar vários fatores em consideração, tais como:

a descrição que os professores fizeram anteriormente da turma;

- o que já foi ensinado anteriormente sobre o assunto para essa turma;
  - o que já foi aprendido;
  - o que e para que seria interessante ensinar a mais sobre o assunto, para essa turma, ao longo desse tempo.
3. Depois de todas as discussões e tomadas de decisão, o grupo faz, num papel grande (como um cartaz), a distribuição dos objetivos e dos conteúdos ao longo do tempo.
  4. Cada grupo apresenta a descrição de sua turma e o seu cartaz com o planejamento para a área que escolheu, explicando o porquê das escolhas que fez e das decisões que tomou.
  5. Após todas as apresentações, o coordenador conduz um debate no grupo, abrindo a palavra (ou incentivando, se necessário), para que todos se coloquem sobre o que foi apresentado - concordando, discordando e sugerindo. É importante que o coordenador problematize as colocações provocando a reflexão sobre a pertinência das decisões apresentadas.
  6. Após a discussão, cada grupo pode, se desejar, fazer alterações em suas propostas, que depois disso deverão ficar acessíveis para que todos as registrem em seu Caderno de Registro

## • ATIVIDADE 2 - CRIAR ATIVIDADES PARA FAVORECER AS APRENDIZAGENS

OBJETIVO:

Essa atividade visa possibilitar aos professores uma experiência de pensar e elaborar atividades que permitam executar um planejamento de área a partir de elementos curriculares anteriormente elaborados.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

1. Divididos nos mesmos subgrupos da atividade anterior, os professores escolhem, a partir dos planejamentos apresentados, um (ou mais) objetivo e um (ou mais de um) conteúdo a ele relacionado, para cuja aprendizagem devem elaborar (planejar) uma seqüência de atividades. Cada subgrupo deve escolher os que irá trabalhar.

2. O coordenador precisa orientá-los, lembrando que devem considerar:
  - a especificidade da turma com que irão trabalhar (já definida anteriormente);
  - a necessidade de levar em conta a forma de aprender o que desejam ensinar, conforme o que foi discutido no Módulo 11, atividade 1 ("Como se aprende"). Em outras palavras, a atividade a ser criada deve favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades;
  - que o professor precisa buscar meios de conhecer o que os alunos já sabem sobre o assunto para propor atividades nas quais os alunos usem seus conhecimentos anteriores (conhecimentos prévios) e enfrentem novos desafios;
  - que os professores esperam que esses alunos aprendam com essas atividades, e que vai ser avaliado por eles;
  - como será feita a avaliação: em que momentos, com quais instrumentos;
  - \* o tempo possível, conforme as condições em que serão realizadas as atividades (no grupo de professores ou com os alunos das escolas).
3. Após uma discussão sobre esses itens, cada grupo elabora sua proposta por escrito. Ao elaborar as atividades, os grupos devem preocupar-se em planejar todos os detalhes e fazer os encaminhamentos necessários para viabilizá-las, como, por exemplo, possibilitar o acesso ao material necessário, ou prever a ajuda que os alunos precisarão para realizar as tarefas propostas. Uma seqüência de atividades pode promover a aprendizagem de diferentes tipos de conteúdo, de uma única área ou de diferentes áreas (interdisciplinaridade). É importante fazer esse planejamento como uma seqüência de atividades articuladas que possibilitem aos alunos ir construindo conhecimentos sobre o objeto de estudo e desenvolvendo capacidades a cada uma delas. Assim, o planejamento de atividades deve contemplar:
  - a) Definições prévias:
    - área ou áreas;
    - objetivos;
    - conteúdos;
    - expectativas de aprendizagem.
  - b) Propostas de encaminhamento:
    - descrição do que será proposto aos alunos para que coloquem em uso o que já sabem; tenham acesso a novos conhecimentos; relacionem o que estão aprendendo ao que conhecem (dentro e fora da escola); façam uso das novas aprendizagens em situações socialmente significativas;
    - como apresentarão a proposta aos alunos;

- que tipo de ajuda acreditam que os alunos necessitarão para realizar as atividades e como farão para disponibilizá-la;
- tempo necessário para cada etapa;
- espaço para a realização das tarefas;
  - material necessário e modo de consegui-los.
- c) Como será feita a avaliação:
- o que será avaliado;
  - em que momentos se fará a avaliação;
  - quais serão os instrumentos de avaliação.

#### OBSERVAÇÃO:

1. É muito importante que o coordenador avalie os planejamentos, discutindo com os professores e sugerindo correções quando necessário e explicando o porquê, para que, ao realizar as atividades, os professores tenham um bom instrumento de trabalho. Isso não significa fazer o planejamento pelos professores nem modificar completamente o que fizeram, mas problematizar e levá-los a perceber quando houver alguma lacuna ou incorreção, sempre explicitando o caráter de aprendizagem que estão vivendo.
2. Em relação ao material, é muito importante disponibilizar tanto material didático comum às escolas não indígenas quanto material produzido por educadores indígenas, para que os professores incluam o seu uso nas suas propostas. Sempre que possível, é interessante reservar um tempo para que os professores conheçam esse material, analisem e troquem impressões sobre ele antes de iniciar o planejamento das atividades.
3. Quando todos tiverem terminado, apresentam-se e discutem-se as propostas.

### **• ATIVIDADE 3 - COLOCANDO EM PRÁTICA O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES**

#### OBJETIVO:

O objetivo aqui é que os professores confrontem o que planejaram com a prática didática e, a partir desse confronto, colham elementos para continuar aprendendo sobre o uso dos instrumentos de planejamento e avaliação.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Como já observado, as atividades planejadas podem ser realizadas pelos alunos das escolas indígenas ou pelos próprios professores. Em qualquer caso, o que for realizado deverá ser objeto de discussão posterior no grupo. Para isso, é necessário que os professores recolham as produções dos alunos e anotem no Caderno de Registro, durante as aulas e depois delas, o que acontece com eles e com os alunos em todas as etapas:
  - \* preparação do espaço de trabalho, de modo que professores e alunos tenham acesso ao material necessário;
  - apresentação da proposta aos alunos, explicitando o que será trabalhado, objetivos, tempo, expectativas de aprendizagem e formas de avaliação a serem realizadas;
  - \* realização das tarefas pelos alunos;
  - \* anotação no Caderno de Registro.
2. Sempre que possível, é bastante interessante realizar o encaminhamento das atividades em parceria com alguém que atue como observador, para dar retorno e ajudar na avaliação da atuação do professor. No caso das atividades serem realizadas entre os professores, numa simulação, pode-se dividir o grupo em três equipes: uma que coordena a atividade, outra que atua como aluno e outra que faz a observação, fazendo um rodízio entre elas.

#### • ATIVIDADE 4 - CONCLUINDO A AVALIAÇÃO PARÁ PLANEJAR DE NOVO

##### OBJETIVO:

Possibilitar que os professores se questionem sobre os resultados das atividades realizadas com os alunos, construindo uma ou mais hipóteses explicativas sobre o que promoveu ou atrapalhou a aprendizagem deles e extraíam elementos para orientar um novo planejamento.

#### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 3 HORAS)

Depois de realizadas e registradas as atividades, é preciso que o grupo que as planejou faça uma conclusão da avaliação. As atividades de avaliação com os alunos já terá sido feita. Trata-se agora de sistematizar seus resultados e tomar decisões sobre o que fazer em seguida.

1. Nos pequenos grupos (os mesmos que realizaram o planejamento), os professores socializam e analisam seus registros, produções dos alunos durante as atividades e instrumentos de avaliação utilizados, buscando responder às seguintes questões:

- "Até que ponto aquilo que se esperava foi efetivamente aprendido pelos alunos?"

"O que não foi possível?"

- "Como os registros de observação, as produções dos alunos e os instrumentos de avaliação demonstram essas aprendizagens e essas não-aprendizagens? É possível "ver" esses resultados nos instrumentos utilizados? Por exemplo:
  - O que foi mais fácil e mais difícil para os alunos? Por quê?
  - Houve grandes dificuldades? Quais?
  - Por que aconteceram as dificuldades?
  - Todos os alunos tiveram a mesma aprendizagem? As mesmas dificuldades?O que fazer em relação ao que não foi aprendido?

OBSERVAÇÃO: AS conclusões da discussão são registradas no caderno. Esses registros serão usados na preparação de uma apresentação, ao final da seqüência.

2. Dando continuidade, o grupo centra a discussão na avaliação do planejamento e da atuação dos professores durante o desenvolvimento da atividade:

A atuação dos professores foi sempre favorecedora da aprendizagem dos alunos? Em que momentos não foi? O que fariam diferente numa próxima vez?

Os registros de observação ou os feitos depois das aulas ajudaram a pensar sobre o que aconteceu e a melhorar o trabalho? O que se pensou a partir deles?

Até que ponto o planejamento ajudou o trabalho? Nesse sentido estava ajustado à realidade? Houve necessidade de modificá-lo? Em quê? Por quê?

3. Após a discussão, cada grupo elabora uma apresentação de suas conclusões para socializá-las com os demais grupos.
4. Depois que todos os grupos fizerem suas apresentações o coordenador orienta a discussão do que foi apresentado, salientando o papel do planejamento, dos registros e da avaliação como instrumentos de trabalho do professor. Caso isso ainda não tenha sido explicitado, é o momento de introduzir a idéia do diário de classe, como uma forma de manter permanentemente a prática de fazer o planejamento das atividades, as observações, os registros, as avaliações ao longo do trabalho e, principalmente, de levar em conta as aprendizagens dos alunos ao fazer novos planejamentos.

## • ATIVIDADE 5-AUTO-AVALIAÇÃO

### OBJETIVO:

Como encerramento deste módulo, propõe-se que os professores elaborem uma "memória" de sua caminhada no Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena, para que tomem consciência de seu próprio percurso de aprendizagem e possam alimentar um projeto pessoal de continuidade na formação.

### PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (± 4 HORAS)

1. Escrita (individual) de um texto no qual cada professor:
  - Relate os momentos mais importantes do que vivenciou com o grupo e com o coordenador.
  - Explicita o que aprendeu durante os trabalhos realizados; o que tem se refletido na sua prática como professor e o que pretende estudar/aprender futuramente.
  - Refleta sobre o que favoreceu e o que atrapalhou sua aprendizagem e desenvolvimento.
  - Explicita o papel do grupo e do coordenador na sua aprendizagem.
  - Avalie a sua participação como parte de grupo.
2. Apresentação e discussão dos registros e da avaliação dos professores.

**OBSERVAÇÃO:** Na elaboração desse texto, os professores deverão utilizar seus cadernos de registro, os registros coletivos dos trabalhos realizados e as expectativas de aprendizagem dos módulos. Portanto, os coordenadores deverão disponibilizar os últimos, de modo que os professores possam consultá-los.

O texto - ou cópia dele - deve ser entregue ao coordenador para que este possa também fazer sua avaliação.

Esta atividade será de grande importância para que a equipe técnica das secretarias de educação - responsáveis pela educação escolar indígena - possam realizar um trabalho de reflexão, conjuntamente com os professores indígenas, no sentido de avaliar as demandas por formação destes professores e poder planejar as atividades de formação inicial e continuada a serem desenvolvidas na seqüência da execução deste programa.

## 10 FICHA TÉCNICA



## 10. FICHA TÉCNICA

### PARÂMETROS EM AÇÃO - EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

#### COORDENAÇÃO GERAL

Luis Donisete Benzi Grupioni

#### ELABORAÇÃO DOS MÓDULOS

Antonia Terra de Calazans Fernandes

Beatriz Gouveia

Caio Martins Costa

Dominique Tilkin Gallois

Fernando Luís Vianna

Isabelle Vidal Giannini

Jackeline Mendes

Jussara Gomes Gruber

Lídia Poleck

Luís Donisete Benzi Grupioni

Maria Teresinha Figueiredo

Neide Nogueira

Nietta Lindenberg Monte

Renata Violante

Renato Gavazzi

Rosângela Veliago

Sueli Ângelo Furlan

Terezinha Machado Maher

### **PARECERISTAS**

Ana Amélia Inouê

Kleber Gesteira Mattos

Nietta Lindenberg Monte

Rosana Dutoit

### **AGRADECIMENTOS**

Alan Luiz da Rocha Arrais

Lucila Pinsard Vianna

Rosaura Soligo

### **PROJETO GRÁFICO**

ADAG Publicidade

**EQUIPE DA COORDENAÇÃO GERAL DE APOIO  
ÀS ESCOLAS INDÍGENAS (CGAEI)**

**COORDENAÇÃO GERAL**

Jean Paraizo Alves

**EQUIPE TÉCNICA**

Ana José Marques

Valéria Moreira N. dos Santos

**APOIO TÉCNICO**

Andréa Patrícia Barbosa de Carvalho

Deusalina Gomes Eirão

**ESTAGIÁRIAS**

Cristina Alves Aguiar

Maria Eustáquia da Silva

Tayana de Alencar Tormena

**SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO  
FUNDAMENTAL**

**MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO**  
BOA ESCOLA PARA TODOS

**GOVERNO  
FEDERAL**  
Trabalhando em todo o Brasil

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)